

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

***Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária
da região sul rio-grandense***

Jaqueline Rosa da Cunha

Prof^a. Dr^a. Nea Maria Setúbal de Castro.
Orientadora

Rio Grande, março de 2004

*À minha família-
pelo apoio e compreensão.*

*Agradeço a todos os professores do
Curso de Mestrado em História da Literatura
que acreditaram no meu potencial e incentivaram-me a
prosseguir nesse caminho.
De modo especial, agradeço à professora Nea Maria Setubal de Castro
que esteve sempre presente com sua compreensão,
visão literária e jornalística, orientando-me com precisão
para a obtenção deste trabalho.
Agradeço também à coordenação do projeto de pesquisa
“Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1851-1889)”
por possibilitar o estudo do material jornalístico, bem como,
a todos os professores, colegas e amigos que,
pacientemente, auxiliaram-me na pesquisa
e na concretização deste estudo.*

*De vez em quando, a cada cem anos mais
ou menos, é desejável que um crítico
apareça para rever todo o passado da
literatura e para colocar os poetas e
poemas em uma ordem nova.*
Frank Kermode, 1975.

SUMÁRIO

Resumo	6
1. Introdução	8
2. A literatura sul-rio-grandense no final do século XIX.....	15
3. Contextualização histórica e cultural da região sul rio-grandense em fins de século XIX ...	29
3.1.A Literatura e a Imprensa na sociedade sul-rio-grandense do século XIX	45
4. O jornal <i>Arauto das Letras</i> – 1882-1883	58
4.1. A poesia expressa no <i>Arauto das Letras</i>	70
4.2. A prosa veiculada pelo <i>Arauto das Letras</i>	87
4.3. A contribuição da crítica literária presente no <i>Arauto das Letras</i>	106
5. Considerações finais	115
6. Bibliografia	119
7. Anexos	123
7.1. Lista bibliográfica	124
7.2. Lista bio-bibliográfica	160
7.3. Lista dos temas	167
7.4. Lista dos gêneros literários	177
7.5. Lista dos anúncios	187
7.6. Lista das generalidades	189
8. Curriculum Vitae	195

RESUMO

A dissertação *Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense* está parcialmente vinculada ao projeto de pesquisa *Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850-1889)* que, desde 2001, vem desenvolvendo um trabalho de recuperação das produções literárias e de nomes de colaboradores que auxiliaram, por meio da imprensa literária da região, no desenvolvimento sócio-cultural de Pelotas e localidades vizinhas. O resultado desse material de pesquisa originou a instalação do Banco de Textos de Literatura Brasileira, com o objetivo de recuperar os textos literários - através do meio digital -, e também de oferecer a pesquisadores subsídios para a realização de trabalhos acadêmicos de natureza científica.

Esta dissertação utiliza o material do CD-Rom do projeto de pesquisa mencionado; no entanto, o conceito de “comunidade pelotense” é substituído pelo de “região sul rio-grandense”, visando abarcar as cidades de Rio Grande e Pelotas. O presente trabalho é o resultado do resgate dos textos literários veiculados pelo jornal *Arauto das Letras*, que circulou entre as cidades de Rio Grande e Pelotas nos anos de 1882 e 1883. Elaborado a partir da organização de listas referentes às matérias publicadas, colaboradores, temas, gêneros literários e anúncios, este trabalho atinge o objetivo de apresentar um material inédito sobre a Literatura da região sul rio-grandense, ao mesmo tempo que ajuda a preservar a memória cultural da sociedade gaúcha.

RESUMÉ

Le mémoire de maîtrise *Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense* est partiellement lié au projet de recherche *Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850-1889)* qui, depuis 2001, développent un travail de récupération des productions littéraires et de noms de collaborateurs qui ont contribué à travers la presse locale pour le développement socio-culturel de la région de Pelotas. Le résultat de ce matériel de recherche est à la base de l'installation d'un réseau de textes de littérature brésilienne dont l'objectif est celui de récupérer les textes littéraires, de digitaliser ainsi qu'offrir aux chercheurs des éléments pour la réalisation de travaux académiques de nature scientifique.

Ce mémoire de maîtrise se sert du matériel du CD-Rom du projet de recherche déjà cité. Cependant, le concept de communauté pelotense est remplacé par celui de région sud rio-grandense dans le but d'atteindre les villes de Rio Grande et de Pelotas. Ce travail est le résultat de l'assemblage de textes littéraires véhiculés par le journal *Arauto das Letras* qui a circulé dans les villes de Rio Grande et de Pelotas pendant les années 1882 et 1883. Élaboré à partir de l'organisation de listes qui ont trait aux matières publiées, aux collaborateurs, aux thèmes, aux genres littéraires et aux annonces, ce travail atteint le but de présenter un matériel inédit sur la littérature de la région sud rio-grandense, en même temps qu'il aide à préserver la mémoire culturelle de la société gaúcha.

Introdução

A dissertação tem como enfoque principal descrever o Jornal *Arauto das Letras* que serve de *corpus* para a mesma por conter em seus exemplares vários contos, crônicas, poemas e crítica literária, marcados pelos costumes culturais e literários do século XIX e da sociedade sul-rio-grandense. Junto à apresentação do jornal e à análise do seu conteúdo literário, é exposta a visão social da época em questão, bem como o percurso da sociedade e o seu relacionamento com a literatura. O propósito é mostrar a cultura da região sul-rio-grandense do final do século XIX e, conseqüentemente a importância do jornalismo literário a esse período.

O trabalho com pesquisa em jornais literários certamente é enriquecedor para qualquer profissional, seja ele literato, lingüista, historiador, filósofo, sociólogo, enfim, quem possui o objetivo de estudar documentos antigos, e através deles, refazer o caminho da literatura regional e dos costumes da sociedade à qual pertencem. Ao iniciar a coleta de dados, o pesquisador faz um trabalho meramente erudito, transcrevendo, organizando, confirmando os dados encontrados. Após essa fase de preparação do material, vem a segunda etapa que consiste em descrever o que foi encontrado e tentar associar a uma forma de estudo.

Esta dissertação tem por meta apresentar um novo resultado de minha participação no projeto de pesquisa intitulado *Literatura, Jornal e Cultura: Autores Pelotenses – 1851-1889*, (UFPEL-FAPERGS), uma vez que já venho trabalhando no projeto há dois anos, tendo inclusive apresentado um trabalho monográfico intitulado *A Crítica Literária e o Jornal Tribuna Literária*, orientado pelo Prof. Dr. Rildo Cosson, com o qual obtive o título de Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea, na Universidade Federal de Pelotas, em 2002. O projeto objetiva a recuperação e a análise da produção literária da região de Pelotas no período compreendido entre 1851 e 1889,

possibilitando, assim, o reconhecimento e a consolidação da cultura regional. Este conta com várias fontes de consulta, incluindo aproximadamente 115 jornais entre diários e literários. Como material deste estudo, foi utilizado o jornal literário *Arauto das Letras*, o qual, muito embora tenha surgido na cidade de Rio Grande e conte com a participação de autores rio-grandinos, entre eles a poetisa Revocata Figueiroa de Mello, circulou na sociedade pelotense no final do século XIX, tratando de assuntos literários e sociais. Nos termos do Projeto *Literatura, Jornal e Cultura: Autores Pelotenses – 1851-1889*¹, o semanário *Arauto das Letras* faz parte do sistema literário pelotense por serem seus textos literários representativos para a comunidade regional em que está inserido. Considera-se que a representatividade literária independe da origem dos seus autores, ou seja, não importa se o escritor é pelotense, rio-grandino ou até mesmo estrangeiro; o que será verificado é a importância que os textos, produzidos e veiculados pelo *Arauto das Letras*, tiveram para a sociedade que os recebeu. Faz-se necessário esclarecer que esta dissertação utiliza apenas o material contido no CD-Rom do projeto de pesquisa o qual apresenta os textos de crônica, ensaios, artigos e anúncios sob forma de resumos, e os textos literários transcritos integralmente. Quanto ao conceito de comunidade literária pelotense, nesta dissertação, foi substituído pelo de região sul rio-grandense, a fim de abarcar as cidades de Rio Grande e Pelotas.

Até um passado recente, o resgate de autores e obras perdidos num (in)justo esquecimento oficial parecia uma atividade mais própria a poetas em construção de paideumas do que a estudiosos da cultura. Com os estudos de gênero e da expressão cultural de minorias, sobretudo, essa percepção transformou-se radicalmente. Os questionamentos do cânone, que se seguiram à recuperação das obras de mulheres apagadas dos compêndios de história da literatura, abriram caminhos não apenas às mulheres, mas também a outras minorias que apontavam para os processos de seleção e exclusão de grupos sociais na base daquilo que até então era considerado o capital cultural das nações.

A reivindicação de revisão do cânone conduziu à necessidade de se verificar o que tais textos esquecidos podem acrescentar ao nosso entendimento do passado, este visto menos como um bloco homogêneo, e mais como um espaço capaz de abrigar diferentes posições e idéias. Assim, o texto recuperado dentro desta nova perspectiva não será apenas

¹ COSSON, Rildo et alii. *Literatura, Jornal e Cultura: Autores Pelotenses – 1851-1889*. Pelotas: UFPEL, 2000. Projeto de Pesquisa.

aquele que, apesar de cumprir os requisitos de qualidade literária, foi injustamente subestimado, mas também o que, mesmo sendo considerado “menor”, fomenta o conhecimento das diferentes vertentes contribuindo para formar a visão que cada época tem de si mesma.

Simultaneamente à revisão do que constitui o cânone literário como capital cultural, a própria idéia de nação é reconcebida frente aos grandes blocos econômicos niveladores ou consumidores das particularidades de seus membros. A nação deixa de ser simplesmente sinônimo de uma territorialidade para ser também uma construção imaginária fundada em textos que podem ser reescritos, traduzidos e desvelados em seus mitos fundacionais. Além disso, dentro ou fora desses blocos, o processo de mundialização ocidental esvazia as identidades locais ao impor um mundo configurado pelas redes de comunicação e informação, onde imperam a massificação da televisão e a individualidade sem rosto da Internet.

O resgate da memória cultural possibilita o reforço e a reconfiguração do passado enquanto espaço de produções culturais diferenciadas; espaço enraizador das consciências e das práticas sociais; espaço onde se fundamentam as alternativas de ação do presente. Ainda que as manifestações culturais que articulam a vida social sejam variadas, não se pode negar que, em nossas sociedades, a cultura letrada ocupa um lugar central. Se hoje tal afirmação pode parecer exagerada pela presença dos meios de comunicação audiovisuais, em relação ao século passado ela é incontestável. Nesse sentido, o jornalismo e a literatura, discursos por excelência da cultura letrada, constituem-se em espaços privilegiados da produção e da propagação de sentidos, práticas e valores sociais, de articulação mesma do imaginário.

Unidos pela palavra escrita, jornalismo e literatura apresentavam-se como discursos e saberes diferenciados. No passado, a superposição de funções entre escritores e jornalistas, assim como a utilização de meios comuns - quer seja o livro, quer sejam as páginas dos jornais -, contribuíram para uma certa indistinção entre as narrativas literárias e as narrativas jornalísticas. Distinguidos enquanto discursos autônomos na Europa do século XVIII, jornalismo e literatura não deixaram de manter estreitas e complexas relações no decorrer de suas histórias.

O jornal apresentava-se, usualmente, dividido em: notícias locais, do Brasil e do exterior; comentários de questões políticas; miscelânea de variedades literárias e anúncios comerciais que contribuíam financeiramente para a manutenção do jornal. Esse

padrão inicial vai se manter, com as devidas alterações, por todo o século XIX e avança mesmo durante os primeiros anos do século XX. Paulatinamente, porém, acompanhando as transformações gerais da sociedade, os jornais brasileiros começam a se transformar em direção a um jornalismo que vai substituir a literatura e a política explícita ou a doutrinação pela informação, tendo como modelo o padrão de jornalismo norte-americano.

Neste espaço de diálogo constante entre os discursos literário e jornalístico configuram-se, de maneira mais nítida, o imaginário social e os mecanismos de construção das identidades regionais. Dessa forma, o resgate de obras e autores representativos significa uma oportunidade de recuperação da multiplicidade cultural que fundamenta a identidade não exclusionária do regional e da cidadania consciente. Segundo Rildo Cosson², a literatura regional é um espaço privilegiado em que as diversas expressões literárias de uma mesma região encontram representatividade cultural, sendo assim, a literatura regional agrega uma pluralidade de vozes e diferenças que coexistem num mesmo espaço cultural e geográfico. Baseado nessa afirmação, pode-se agrupar e estudar o discurso jornalístico literário, visando à compreensão da cultura e dos valores sociais sul-rio-grandenses situados no final do século XIX.

Durante o período final do Império, quando passou a ostentar os títulos de “Princesa do Sul” e “Atenas do Sul”, Pelotas era uma das cidades gaúchas que apresentava grande desenvolvimento cultural e, juntamente com Rio Grande, constituiu-se num dos principais pólos da nascente industrialização do Estado gaúcho. A elite das cidades, impregnadas pelas idéias européias de progresso e civilização, procurava estar sempre sintonizada com as últimas novidades da Europa, adotando e adequando-se a seus padrões culturais.

O conhecimento específico a respeito da produção literária da região sul rio-grandense e sua circulação, oferece a possibilidade de realizarem-se estudos sistemáticos sobre a cultura da região e sobre como, gradativamente, seus valores, paradigmas e práticas sociais foram configurados. Além disso, possibilita verificar a ligação da literatura, seja através do material de ficção seja por meio da crítica, com o desenvolvimento cultural e social da sociedade do extremo sul do Estado. A decisão de utilizar o jornal *Arauto das Letras* como *corpus* da dissertação, deve-se ao fato de ele ser a continuação do semanário *Tribuna Literária*, jornal este que foi alvo da minha pesquisa durante o Curso de

² COSSON, Rildo. Notas à margem de uma fronteira móvel. In.: *Revista Continente Sul/Sur*. Inst. Est. do Livro, n. 7, 1998, p.88.

Especialização em Literatura Brasileira Contemporânea e com o qual realizei a monografia citada anteriormente.

Esta dissertação baseia-se na hipótese da possibilidade de leitura dos jornais literários, como o *Arauto das Letras*, dando ênfase à estética literária, haja vista a relação direta desse tipo de material de imprensa com a História da Literatura e a Teoria da Comunicação - sendo que, desta última, recorre-se apenas a algumas noções básicas. Além disso, o objetivo deste trabalho é o de apresentar o jornal por meio de uma descrição do seu conteúdo literário, assim como verificar a contribuição do material de imprensa à constituição e fortalecimento da sociedade local, tendo a literatura como uma das possibilidades de estudar um jornal literário e adotando uma visão mais voltada ao social do que realmente ao cultural. As expressões social e cultural referem-se, neste trabalho, respectivamente, à sociedade e a tudo o que lhe diz respeito (seus costumes, tradição, crenças e conduta moral) e ao culto e desenvolvimento das artes (literatura, música, pintura, escultura, enfim, tudo o que fosse destinado ao belo).

O trabalho de pesquisa, que envolve o jornal *Arauto das Letras*, tende a ressaltar o contexto social da época, pois os textos literários veiculados pelo mesmo têm, em sua maioria um caráter moralizante bem marcado, tratando raras vezes de assuntos políticos, mas sim dedicando-se a temas trabalhados pela romantismo e naturalismo. A partir dessa constatação, surge a necessidade de saber qual era a relação da imprensa literária da região sul-rio-grandense do final do século XIX, com as produções culturais da época.

A fim de situar melhor a produção regional, dentro do tempo e do espaço cultural e literário, utiliza-se a História da Literatura do Rio Grande do Sul, de autores como João Pinto da Silva, Gulhermino César e Regina Zilberman. Em relação ao estudo da crítica literária sul-rio-grandense, são consultadas obras como as de Carlos Alexandre Baumgarten e Tania Franco Carvalhal. Com o intuito de avaliar a relação da literatura e os diversos setores da sociedade são utilizadas a obra de Terry Eagleton, que apresenta o desenvolvimento da crítica literária relacionando-a com o crescimento social, político e literário compreendido entre os séculos XVIII e XIX, bem como o livro de Catherine Belsey, que percorre a trajetória linear e cronológica da crítica literária desde a metade do século XIX até a contemporaneidade.

Para o estudo da poesia como gênero são consultadas as obras de Péricles da Silva Ramos, Antonio Candido, Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior. Para análise da

poesia gaúcha utiliza-se por base os estudos de Guilhermino Cesar, Regina Zilberman e Alice Moreira Campos. Autores como Antônio Dimas e Carlos Reverbel, entre outros, servem de suporte para a análise, descrição e apresentação do conteúdo do jornal *Arauto das Letras*. Além disso, são consultadas as obras dos historiadores Mário Osório Magalhães, Fernando Osório, Alvarino da Fontoura Marques, Francisco das Neves Alves e da arquiteta Ester J. B. Gutierrez, a fim de mostrar o desenvolvimento cultural e os costumes das sociedades rio-grandina e pelotense, bem como a relação observada entre a literatura e a imprensa do século XIX, na região.

O jornal *Arauto das Letras*, foi devidamente selecionado e teve seus textos literários transcritos pelo grupo de pesquisadores do projeto *Literatura, Jornal e Cultura: Autores Pelotenses – 1851-1889*. Portanto, a primeira etapa, que consiste na transcrição do jornal, foi executada anteriormente. O trabalho segue, então, com a indexação do material jornalístico culminando na descrição do mesmo. Após essa etapa, segue a análise do conteúdo temático dos poemas, contos, folhetim, crônicas e crítica literária, a fim de observar a representação social da região sul rio-grandense expressa por meio da imprensa literária local.

A dissertação está constituída por cinco capítulos. O primeiro refere-se à introdução do trabalho. O segundo capítulo, intitulado “A literatura sul-rio-grandense no final do século XIX”, faz uma retrospectiva histórica da formação da literatura no Rio Grande do Sul, a fim de que seja possível observar o momento literário no qual inserem-se os textos veiculados no jornal em estudo.

O terceiro capítulo, “Contextualização histórica e cultural da região sul rio-grandense em fins de século XIX”, visa a apresentar a situação social e cultural das cidades em que circulava o jornal *Arauto das Letras*, na intenção de obter uma melhor compreensão a respeito do pensamento dessa sociedade, que participava do veículo de comunicação, fosse como leitora ou como colaboradora do jornal. No mesmo capítulo, é feita uma breve reconstituição do início da organização social das cidades do Rio Grande e Pelotas. Na subdivisão desse capítulo, intitulada: “A imprensa e a literatura na sociedade sul-rio-grandense do século XIX”, são tratados, de forma mais específica, o início da imprensa nessa região, bem como o grande interesse pela literatura durante o século XIX e qual a influência de ambos no pensamento e comportamento social.

O quarto capítulo segue pelo viés da imprensa, voltando-se diretamente para a apresentação do jornal *Arauto das Letras* que circulou entre os anos de 1882-1883. O

mesmo serve de exemplificação das idéias expostas no capítulo anterior, pois possui textos que demonstram literariamente as idéias divulgadas no final do século XIX. Esse capítulo está subdividido de acordo com o gênero de textos veiculados no semanário, para que a análise possa ser observada sob uma forma organizada. A primeira subdivisão dá conta da poesia sob o título: “A poesia expressa no *Arauto das Letras*”, cuja análise é realizada a partir da divisão temática dos poemas em duas vertentes: a romântica, explorando os assuntos relativos à infância, morte e amor desengano; e a regional, tendo o índio como matriz do campeiro; o trabalho no campo e as características do gaúcho; a abolição dos escravos; além do incentivo ao estudo e desenvolvimento intelectual. A segunda subdivisão intitula-se “A prosa veiculada pelo *Arauto das Letras*”. Esta análise parte dos temas trabalhados, salientando o grande interesse em moldar o comportamento da sociedade, pois a maioria das produções literárias em forma de prosa apontam o caráter e a honra, tendo como assunto principal as atitudes morais, especialmente das mulheres. Na maioria dos textos, o narrador faz ou encaminha o leitor a um julgamento a respeito das ações praticadas pelas personagens principais. Isso endossa a grande colaboração da literatura na organização social. E, ainda, comprova estar o interesse da arte literária não apenas voltado para o campo da cultura, quando igualmente preocupava-se com o comportamento social dos leitores. A terceira subdivisão encerra o título “A contribuição da crítica literária presente no *Arauto das Letras*”, na intenção de apresentar as idéias defendidas na crítica literária expressa no jornal. Na verdade esse texto não se refere somente à literatura, mas também, à renovação da ideologia social. Por esse motivo a crítica literária é tão expressiva e merece uma atenção especial nesse trabalho de análise, pois o autor do texto expõe sua opinião a respeito, não apenas da produção literária local, mas também, atinge outros setores da sociedade.

O quinto e último capítulo dá conta das considerações finais a respeito da análise desenvolvida e das conclusões atingidas. Vale ressaltar que a dissertação conta, ainda, com os anexos que são constituídos de listas de indexação a fim de apresentar, de forma mais organizada, uma bibliografia a respeito dos textos veiculados no jornal *Arauto das Letras*. Além disso, apresenta-se a bio-bibliografia dos autores responsáveis pelos textos estudados; uma divisão temática e uma lista organizando os gêneros literários. Somam-se a essas, as listas dos anúncios publicados no jornal e as generalidades na qual constam os avisos e agradecimentos enviados da redação do jornal aos assinantes e à sociedade em geral.

A literatura sul-rio-grandense no final do século XIX

A contextualização histórica da literatura e da cultura do povo gaúcho faz-se necessária na análise de textos literários regionais, quando o objeto do estudo refere-se a produções que circularam na imprensa rio-grandense durante o final do século XIX. A fim de situar o período literário em que surge o jornal *Arauto das Letras*, observou-se a importância de partir da formação da literatura no Rio Grande do Sul chegando ao final do século XIX. A retrospectiva histórica possibilitará a compreensão a respeito de gêneros literários, formas e temáticas dos textos veiculados através da imprensa da região sul-rio-grandense nos anos de 1882 a 1883. Além disso, permitirá verificar a renovação da mentalidade da sociedade rio-grandense, que ainda enfrentava um processo de desenvolvimento em todos os setores, buscando o reconhecimento nacional de sua cultura.

Quando se pensa em periodizar a formação literária do Rio Grande do Sul, surge à mente a divisão feita por Guilhermino Cesar, na qual são apontadas as principais atividades literárias desenvolvidas na Província de São Pedro, desde o aparecimento do primeiro autor que a representou. O mesmo afirma que o povo gaúcho é possuidor de peculiaridades diferentes no que diz respeito ao estilo e à alma brasileira que lateja no Rio Grande do Sul. Segundo Mário de Andrade, que conforme aquele autor, foi o primeiro crítico a reconhecer publicamente as nuances da literatura gaúcha, esta seria “a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável”.¹

Por esse motivo, faz-se necessário compreender as diferenças com relação à formação da literatura gaúcha para poder avaliá-las. Baseado na divisão dos períodos

¹CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 7.

literários do Rio Grande do Sul sugerida por Guilhermino Cesar, salienta-se o terceiro, o quarto e o quinto período, por abrangerem os processos literários pelos quais passava a literatura do Rio Grande do Sul no momento em que eram produzidos os textos publicados no jornal *Arauto das Letras*. O período que abrange os anos de 1856 a 1902 é de grande importância para este trabalho, a fim de que se possa analisar mais consistentemente o material literário produzido na região sul durante o final do século XIX.

O primeiro período, localizado temporalmente entre os primórdios da literatura sul-rio-grandense e o ano de 1834, é a época do aparecimento da imprensa (1827), na qual “os primeiros poetas tentam chegar à letra de forma”² Esse período corresponde ainda à literatura oral. Já o segundo período (1834-1856) marca o início da literatura escrita, e constitui a assimilação, por parte dos tais poetas e de seus leitores, dos valores que formavam a cultura nacional e que eram expressos pelas antigas capitâneas do centro do país. Naquele momento, também surgiam as primeiras manifestações românticas apresentadas por meio da linguagem e da temática dos escritores gaúchos.

O terceiro período (1856-1869) corresponde à primeira geração romântica. Representa o momento que antecede ao que interessa mais efetivamente no âmbito da análise do jornal, pois aponta a lírica como a produção literária mais forte. Ainda que não apresentasse traços localistas, foi, contudo, uma forma de impulso à literatura do Rio Grande do Sul por meio dos cancioneiros. Regina Zilberman esclarece que as primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul deram preferência à lírica devido à maior facilidade de divulgação, pois o gênero provinha “do cancionero folclórico, que se propagou enquanto se mantiveram vivos a cultura rural de onde veio e os laços com a produção trovadoresca do Prata.”³

O quarto período (1869-1884) apresenta o início da sociedade e da revista do *Partenon Literário* que, segundo Guilhermino Cesar, “surge aos rebates iniciais do Parnasianismo e traduz concomitantemente um recuo temático ao regional e à renovação da expressão pelo aproveitamento da linguagem oral do homem da campanha”⁴. Nessa época, a fase literária ainda encontra-se presa ao Romantismo de cunho liberal. Naquele momento a expressão Realismo era utilizada apenas no sentido de fidelidade na descrição do espaço e da cultura sul-rio-grandense.

² Ibidem, p. 185.

³ ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 11.

⁴ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 1. p. 186.

O período posterior (1884 -1902) aponta o abandono do ideário Romântico e o início do Realismo, nos textos de prosa, e a estréia do Parnasianismo de forma mais declarada através das *Opalas*, obra de Fontoura Xavier. No sexto período (1902-1925) é apresentada a oscilação entre o Simbolismo e o Neo-realismo, ambos voltados à temática da Campanha. E no último, que vai de 1925 até os anos 80 do século XX, surge a problemática da implantação do novo processo literário ou o regresso ao regional, após a fase modernista.

De acordo com Guilhermino Cesar, é com o Romantismo que verdadeiramente se inicia o processo literário no Rio Grande do Sul. O atraso da literatura gaúcha, em relação a outras regiões do país, se deve à ocupação oficial da terra em 1737, e ao povoamento tumultuado por guerras. O gaúcho só foi aparecer nos textos rio-grandenses depois que as primeiras escolas literárias da segunda metade do século XIX se instalaram nos povoados mais desenvolvidos da então capitania.

Ainda assim, Carlos Moraes comenta que o Rio Grande do Sul começou cedo a sua vida cultural, apesar das condições sociais adversas, pois seus habitantes andavam absorvidos pelo pastoreio e pelas guerras⁵. Contudo, nessa época já existia na Província um certo número de humanistas e homens de cultura, tais como clérigos, advogados, professores, jornalistas, militares, funcionários, aventureiros, ou seja, uma sociedade formada não apenas por rio-grandenses, como também por brasileiros de outras regiões do país e estrangeiros que objetivavam o desenvolvimento sócio-cultural da região sul.

Logo na primeira metade do século XIX, inicia-se a Revolução Farroupilha na qual muitos militares ocupam lugar de destaque e exercem decisiva influência intelectual e moral. A partir de então, era necessária a presença de homens capazes de transmitir o estímulo intelectual e a cultura da região sul. Com essa necessidade, muitos rio-grandenses saíram da Província em direção à Corte, a Portugal e à França, em busca dos modelos que lhes faltava para a transmissão da cultura local. Em 1827, a oficina tipográfica edita o primeiro jornal. Através de um meio de comunicação como esse, que atinge os diferentes tipos de leitor, seria mais fácil propagar os ideais e a cultura rio-grandense. No entanto, do início do século XIX até 1834 não houve no Rio Grande do Sul atividade literária impressa.

⁵ MORAES, Carlos Dante. Condições Histórico-Sociais da Literatura Rio-Grandense. In.: CHAVES, Flávio Loureiro. *Ensaio Literário no Rio Grande do Sul*, 1868/1960. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. 135 – 154.

Os primeiros versos, segundo Guilhermino Cesar, assinalam a presença tardia do Arcadismo nas letras sulinas. Nesse período surgem três livros escritos em solo gaúcho: *Memórias Econômico-Políticas*, de Gonçalves Chaves, *Anais da Capitania de S. Pedro*, de José Feliciano Fernandes Pinheiros (Visconde de S. Leopoldo) e *Poesias*, de Delfina Benigna da Cunha. Outra escritora a obter destaque, ainda nessa época, foi Ana Eurídice Eufrosina de Barandas que escreveu *A Filósofa por amor* e é considerada, por Guilhermino Cesar, o primeiro autor rio-grandense a publicar, em livro, contos e apólogos, à maneira da literatura didática, tão em voga nas letras francesas do século XVIII.

No âmbito da prosa gaúcha, a obra de Araújo Porto Alegre assinala o fim da influência árcade em nosso processo literário e o início do Romantismo, este definido também pelo romance *O Corsário*, de Caldre e Fião, no qual já se presentifica o localismo literário dos gaúchos, marcado pelo vocabulário empregado, pela paisagem, pela adesão afetiva à moral do grupo e pela realidade campeira. Ainda que considerado imperfeito, esse romance aponta a ação do meio social sobre a literatura nascente na região sul pois, até surgir o *Partenon Literário*, os temas sugeridos pela campanha não foram definitivamente adotados como inspiração por nenhum escritor.

Quanto à poesia, pode-se dizer que Pedro Muniz Fagundes, cujo pseudônimo era Pedro Canga, foi considerado um poeta inculto que apenas “sabia assinar o nome”⁶, apesar de ter publicado algumas poucas poesias as quais, segundo Guilhermino Cesar, revelam apuro formal e gravidade clássica, ainda que nenhuma característica romântica. O mesmo comenta que talvez a crítica tenha atacado Pedro Canga por ele preferir a glosa, “forma adotada com freqüência pelos improvisadores, tanto no Brasil como em Portugal, de onde nos veio exportada, principalmente pelos outeiros joaninos e pelos salões rococós da era de Pombal.”⁷ O presente comentário, reafirma a presença marcante e dominante, na época, do gênero lírico em detrimento da prosa, não apenas no Rio Grande do Sul, salientada através dos cancioneiros, mas também na Europa.

Guilhermino Cesar afirma com clareza que no *Cancioneiro Gaúcho* quase tudo é português, ou seja, ele não nega a grande influência estrangeira, bem como a cópia dos modelos europeus. Contudo, diz que em pouco tempo, teve-se algo mais afirmativo do ponto de vista da experiência local, isto é, veio o momento da recriação, em que aos

⁶ CESAR, Guilhermino. A vida literária no Rio Grande do Sul. In.: PRADO, Áurea et alii. *Rio Grande do Sul: Terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964. p. 231.

⁷ *Ibidem*, p. 231.

moldes estrangeiros foram acrescentadas figuras locais. Com relação ao conceito de cópia de modelos literários no início da literatura no Rio Grande do Sul, é possível compreender que a intenção dos escritores gaúchos era apenas inspirar-se nos modelos estrangeiros. Isso fica claro após a leitura do ensaio crítico *Reflexões sobre a Literatura Rio-Grandense*, de Bernardo Taveira Júnior, publicado em 1869 - e que, nos transmite a idéia de então - ao instruir os intelectuais sobre como proceder na formação da literatura gaúcha: “Inspirando-vos nas grandes idéias, estudando e admirando os monumentos literários dos países cultos, cumpre-vos formar a nossa literatura”.⁸

Ainda no mesmo texto o autor afirma: “O que desde já não deve perder a vista a nossa mocidade inteligente é a originalidade em seus trabalhos literários [...] que constitui o verdadeiro cunho de cada literatura; que dimana da diferença dos climas e dos costumes.”⁹ Percebemos assim que a idéia de constituição de literatura, divulgada na época, estava intimamente ligada à formação de um sistema literário representativo da cultura da região, ou seja, o veio temático deveria ser o regional, ainda que a estética dos gêneros literários fosse igual à utilizada pelos “países cultos”. Esse pensamento acompanhou a literatura do Rio Grande do Sul durante todo o final do século XIX até a chegada do Modernismo ao Estado.

Sabe-se que desde a vinda da família imperial para o Brasil, tudo era copiado. Do estrangeiro veio a idéia e o modelo dos folhetins, dos periódicos, das folhas da imprensa - sejam literárias ou não. Assim como vieram os modelos do exterior, a esse país também chegaram os estrangeiros, que trouxeram suas experiências e suas idéias. Além disso, muito era importado através das relações portuárias entre o Brasil e a Europa, as quais rendiam inspiração, por meio dos livros estrangeiros mais famosos, aos nossos jovens escritores nacionais e gaúchos.

Guilhermino Cesar refere-se ao esforço dos homens de letras afirmando que eles participaram na literatura gaúcha de um processo de recriação - num sentido de aproveitamento das influências recebidas do resto do país e das críticas vindas do Prata, de Portugal e da França, a fim de formar uma literatura estilizada, própria. No caso da literatura da região sul rio-grandense, pode-se dizer que, muito mais do que críticas, ela recebeu influência direta desses países, uma vez que os filhos dos charqueadores eram

⁸ TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. Reflexões sobre a literatura rio-grandense. In.: ZILBERMAN, Regina. et alii. *O Partenon Literário: poesia e prosa - Antologia*. Porto Alegre: Inst. Cultural Português, 1980. p. 146.

⁹ *Ibidem*, p. 146.

enviados à Europa para estudar e de lá voltavam escrevendo para revistas e jornais. Da mesma forma, vinham para a região do extremo sul do Estado gaúcho portugueses como Antônio José Gonçalves Chaves, autor de um estudo minucioso sobre a situação econômica, social e política do Rio Grande de São Pedro, intitulado *As Memórias Econômico-Políticas* e Antônio José Domingues, autor de poemas e discursos laudatórios; além dos alemães Carlos von Koseritz, que participou do grupo de autores do *Partenon Literário*, e Carlos Jansen, fundador da revista literária *O Guaíba*. Observa-se, então, que a luta pelo desenvolvimento do regionalismo gaúcho foi empreendida não apenas por escritores genuinamente sulistas, mas por estrangeiros radicados no Rio Grande do Sul, que dispostos a colaborar para a formação sócio-cultural da Província.

A partir da influência de autores e intelectuais sobre a cultura e a mentalidade do povo rio-grandense pode-se afirmar que, durante o século XIX, houve apenas apropriação dos modelos literários conhecidos pelos escritores estrangeiros, trabalhados baseado em temas locais. Isso ocorreu porque seria quase impossível inventar modelos e idéias para artigos, jornais, peças de teatro ou outras formas literárias. Além disso, eram necessários parâmetros que possibilitassem iniciar a produção literária no Rio Grande do Sul e, assim, os escritores foram buscar em fonte européia a inspiração para mais tarde remodelá-la a seu gosto e necessidade.

Na segunda metade do século XIX, fundam-se agremiações culturais e numerosas revistas. Os jornais literários destacam as produções ligadas à vertente romântica. O início do movimento cultural no Rio Grande do Sul deu-se com o surgimento, em Porto Alegre, da revista *O Guaíba* em torno da qual se agrupam os primeiros jovens para cultivar a poesia de timbre romântico. Logo após, a cidade do Rio Grande lança a revista *Arcádia*, também de cunho romântico. Contudo, essas duas revistas circularam apenas dentro da Província sem obter reconhecimento nacional.

De acordo com os críticos literários, a história da literatura do Rio Grande do Sul inicia em 1868, ano da fundação da *Sociedade do Partenon Literário*, aberta a todos os intelectuais da Província e que promoveu conferências e debates sobre os mais variados temas de alcance social. A mesma sociedade engajou-se na campanha abolicionista e promoveu a criação de diversos cursos visando à elevação do nível geral de instrução. Além disso, incentivou o teatro e publicou a sua revista mensal que funcionou como um modelo intelectual e cultural para toda a região sul da época.

A maioria dos intelectuais de tal sociedade eram adeptos do Romantismo e que, apesar de estar sendo enfraquecido no centro do país, no Rio Grande do Sul se tornava mais intenso em função do regionalismo gaúcho nascente, cuja afirmação se dava de maneira definitiva tanto na poesia como na prosa. Os gaúchos seguiam com fervor os ideais do *Partenon Literário* que, através do sentimento de natureza, fazia-os buscar as marcas da sua originalidade crioula. Na mesma época, o crítico literário João Pinto da Silva afirmou que todas as literaturas haviam sido e eram românticas, apesar de o movimento romântico ter sido considerado, nas letras, causador de desordem literária, política e moral¹⁰. Entretanto, sua função histórica e social foi justamente oposta a que lhe atribuíam, pois as produções artísticas da época revelam um alto grau de moralismo e a intenção de preservar as tradições locais, por meio do desejo de liberdade das influências estrangeiras, por parte da literatura gaúcha. Conclui-se, então, que o Romantismo não foi prejudicial, ao contrário, contribuiu à organização do pensamento da sociedade.

Alcides Maya, já no início do século XX, ao observar o percurso da literatura gaúcha, declarou que os parnasianos também seguiram, de certo modo, a tendência literária romântica, tanto no Rio Grande do Sul como na Europa, pois a estética parnasiana, na França, por exemplo, derivou o seu estilo poético de uma correção artística torturada e perfeita, das magníficas formas e dos soberbos versos com que Victor Hugo renovou a literatura francesa. Além disso, devido à fantasia e ao espírito, os parnasianos eram bastante românticos. A importância dada a esse comentário refere-se à presença marcante do poeta Fontoura Xavier, responsável pela introdução do parnasianismo na literatura do Rio Grande do Sul.

Observamos, então, que a influência estrangeira não atingiu somente o início do regionalismo, mas persistiu durante muito tempo e alcançou a poesia parnasiana, chegando esta a possuir um tom de realismo português, conferido, por sua vez, pelos poetas rio-grandenses que estudaram em Portugal e por outros que liam as obras importadas da Europa. Segundo Guilhermino Cesar, muitos foram os escritores que sofreram essa influência direta, tais como Francisco de Paula Pires, Julieta de Mello Monteiro e Cândida Isolina de Abreu, entre tantos outros¹¹.

¹⁰ SILVA, João Pinto da. Em Louvor do Romantismo. In.: CHAVES, Flávio Loureiro. *Ensaio Literário no Rio Grande do Sul*, 1868/1960. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. 50.

¹¹ CESAR, Guilhermino. Op. cit nota n. 6, p. 236.

Ainda com relação à segunda metade do século XIX, também é possível observar, através dos mais variados escritores gaúchos, outro obstáculo enfrentado pela literatura rio-grandense: a difícil batalha que travavam com o resto do país, a fim de obter o reconhecimento da literatura do Rio Grande do Sul como parte integrante e de grande valor para a cultura nacional. Entretanto, o crítico literário contemporâneo, Flávio Chaves afirma que o regionalismo gaúcho se desenvolveu, desde o *Partenon Literário*, de forma intensa e isenta da idéia de separatismo, ou seja, incluindo-se totalmente na cultura brasileira, no esforço de instaurar a reflexão sobre os temas culturais mais discutidos no século XIX¹².

Já Alcides Maya, a seu tempo, declarou que no início da atividade intelectual no Rio Grande do Sul, a imprensa dedicava-se preferencialmente aos debates políticos, aos ataques a adversários, às polêmicas insultuosas. Não existia vida literária e, fora da boemia, os escritores ficavam isolados com seus livros. Com base nas palavras do crítico, compreende-se que a situação social vivenciada pelos escritores, no início do século XIX, possa ter dificultado um pouco mais o reconhecimento nacional, uma vez que os escritores não o obtinham nem mesmo dentro do território regional. Por esse motivo, Alcides Maya reivindicava o reconhecimento da literatura do Rio Grande do Sul, como parte integrante da literatura nacional, queixando-se da forma como o resto do país tratava os gaúchos: “pensam de nós que... sabemos domar *potros*...”¹³. Tal crítica prova que a literatura do Rio Grande do Sul enfrentou problemas para ser aceita, mas deixa claro que o preconceito existia entre os dois lados, no momento em que diz: “[...] os brasileiros tratam os gaúchos[...]”, fala como se os escritores naturais de outros estados do Brasil e os gaúchos não fizessem parte do mesmo país.

Percebe-se que Alcides Maya pretendia que a literatura nascente no Rio Grande do Sul fosse reconhecida dentro do seu próprio território, uma vez que o regionalismo gaúcho partiu de si para o exterior, ao contrário dos exemplos das outras regiões, que faziam cópia de um romantismo brasileiro, sem buscarem em território local o que havia de mais peculiar.¹⁴

¹² CHAVES, Flávio. *Ensaio literário no Rio Grande do Sul: 1868 /1960*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1979. p. XV.

¹³ MAYA, Alcides. O Rio Grande mental. In.: CHAVES, Flávio Loureiro. *Ensaio Literário no Rio Grande do Sul, 1868/1960*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1979, p. 20.

¹⁴ *Ibidem*, p. 23.

Além de lutar pelo reconhecimento da literatura gaúcha a nível nacional, Alcides Maya também pretendia a renovação da mentalidade social e, para isso, pretendia, através de seus textos, a veiculação das idéias de Spencer¹⁵, como podemos observar na seguinte passagem: “A literatura e as belas-artes não podem existir senão em virtude das atividades que fazem com que a vida social exista”¹⁶. Parece que a intenção do crítico era que a literatura baseasse seu conteúdo no comportamento da sociedade para que, a partir da identificação do leitor com os textos literários, fosse mais fácil para os escritores transmitir novas idéias a todos. Alcides Maya pode contar com o auxílio do trabalho ideológico realizado por Koseritz para propagar a filosofia do evolucionismo e renovar o pensamento dos intelectuais do final do século XIX, unindo a filosofia de Spencer ao cientificismo trazido da Alemanha. Apesar de Alcides Maya ser considerado por Guilhermino Cesar um crítico “livre das amarras do romantismo”, aquele não descartou o apoio ao ufanismo de Apolinário Porto Alegre, pois o cita em seu texto de maneira afirmativa quando se refere à paisagem da campanha: “A literatura, pois, deve ser um espelho, uma fotografia destas variantes da natureza.”¹⁷.

Com relação à inspiração temática, também João Pinto da Silva afirmou que a literatura segue a sociedade¹⁸, assim como, a sociedade serve de tema para a literatura. Essa idéia colabora para o seguinte pensamento: a sociedade rio-grandense da segunda metade do século XIX buscava a reorganização e o desenvolvimento, através da renovação da mentalidade social veiculada em textos literários. Dessa forma, pode-se dizer que a literatura regional gaúcha procurava ser o espelho e a síntese, resultante do defeitos e virtudes representativos da sociedade local¹⁹.

¹⁵ O inglês Herbert Spencer, responsável pelo conceito de evolução natural como princípio subjacente a todas as ordens da realidade, alcançou prestígio nos círculos intelectuais com a publicação de *Social Statics* em 1851, obra na qual deu à noção de evolução social um tratamento que continha o germe de seu pensamento posterior. Em 1853, dedicou-se ao estudo dos fenômenos sociais, que tratou sob perspectiva científica. Expôs a primeira parte desses estudos em *The Principles of Psychology* (1855), obra que antecedeu a publicação das teorias de Darwin. Spencer preconizou um modelo liberal sem nenhum tipo de intervencionismo estatal como única forma de respeito à liberdade individual. Esta, por sua vez, é a garantia de ordem social, posto que a moralidade é a aspiração da consciência humana a uma harmonização cada vez mais perfeita entre homem e sociedade. Natureza e espírito, portanto, constituem os aspectos externo e interno da mesma realidade, que tem sua razão de ser no próprio impulso evolutivo.

¹⁶ MAYA, Alcides. Op. cit. nota n. 12. p. 23.

¹⁷ Ibidem, p. 29.

¹⁸ SILVA, João Pinto da. Op. cit. nota n. 10, p. 52.

¹⁹ Ibidem, p. 52.

Guilhermino Cesar afirma que, durante os primeiros anos do *Partenon Literário*, os autores mais significativos começaram também a descobrir as peculiaridades locais. O pampa, a atividade pastoril, as lutas de fronteira passaram a deter a preferência, enquanto tema, de prosadores e poetas. Esse interesse pela temática rio-grandense atingiu em cheio a região da Campanha que, enquanto representação mítica, adquiriu a característica de terra de valentia e de honra, e ofereceu uma grande quantidade de assuntos regionais - além de ser representada pelo homem que lá vive: o gaúcho, herói e imagem do Rio Grande do Sul. Muito embora, nos primeiros tempos, a figura do gaúcho fosse um pretexto para a idealização romântica e não apresentasse traço regionalista algum, estava completo o conjunto de elementos capaz de representar a região sul por todo o país, na intenção de incluir a produção gaúcha na literatura nacional. A partir dos anos 70 do século XIX, o gaúcho começou a ser o protótipo de todo um povo, e seus valores foram então celebrados por poetas e prosadores, homens públicos e historiadores. No entanto, Carlos Moraes afirma que foi preciso esperar pelo início do século XX para que a ficção atingisse uma força e um caráter tipicamente regionais²⁰. E Guilhermino Cesar aponta que o caminho da literatura sul-rio-grandense realmente atingiu força nos dois primeiros decênios do século XX, devido às rodas literárias, revistas, livros, tudo numa inquietação salutar, assinalando a grande representatividade da geração simbolista que impulsionou a literatura do sul²¹.

Nesse momento, a corrente romântica já se dissipara, permitindo que os escritores partissem para um tom mais realista na recriação dos fatos sociais. A prosa de ficção popularizou a figura do gaúcho velho, do padre de campanha, do contrabandista, do rastreador, da paisagem dos pampas. Algumas produções idealizavam muito os temas, ainda que outros autores, tais como Paulo Marques, Francisco de Paula Pires e Maria Benedita Câmara de Bormann, além de Alcides Maya e João Simões Lopes Neto, registrassem as atividades do homem da campanha, condicionado pelo meio, e se sobressaíssem criando tipos genuinamente gaúchos, observando a realidade e escrevendo sem excessos de idealização.

O regionalismo gaúcho conquistou lugar de destaque na literatura nacional por formar-se baseado nas origens culturais e históricas do povo rio-grandense, aproveitando moldes estrangeiros para vincar-lhes a cultura, a tradição e a paisagem do extremo sul do

²⁰ MORAES, Carlos Dante. Op. cit. nota n. 6. p. 138.

²¹ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 2. p. 185.

país. A literatura gaúcha primeiro veiculou seus assuntos fazendo uso das suas formas de expressão e vocábulos ditados pela oralidade, subjacente aos textos. Dessa maneira, o Rio Grande do Sul marcou o seu território na literatura nacional. Outro fato que concedeu notoriedade ao regionalismo sulino foi a aparição de João Simões Lopes Neto, que parte de uma visão mais realista e destaca-se nacionalmente, alcançando o reconhecimento de muitos críticos literários desde o início do século XIX como o principal representante do regionalismo rio-grandense.

Se por um lado o regionalismo se afirmou baseado na prosa de Alcides Maya, por outro se deu a fuga temática da terra local, expressa na poesia líder em quantidade de produções literárias veiculadas no Rio Grande do Sul, de 1900 até o Modernismo. Carlos Moraes justifica que, nesse alheamento à terra, a poesia encontrou um clima sumamente propício à floração das mais variadas qualidades. Numa sociedade que não tinha maiores problemas sociais ou políticos, ou onde nem mesmo se esboçavam temas graves de ordem filosófica ou metafísica, a espiritualidade, o afã superior dos homens encontrava um único refúgio: o estético, na intimidade sonhadora dos poetas²².

Para Guilhermino Cesar esta geração de poetas, em sua maior parte, fugia do passado heróico do Rio Grande do Sul, e interiorizava-se, ausentando-se igualmente do tempo presente²³. O crítico literário aponta ser essa ausência melhor percebida na temática e na musicalidade. No entanto, Regina Zilberman apresenta duas justificativas para a demanda e a natureza desta produção lírica: a primeira, deve-se a maior facilidade de divulgação, pois os poemas possuem tamanho pequeno e cabem em qualquer canto de folha; a segunda refere-se à familiaridade com o cancionero folclórico, que se propagou ao manterem-se vivos a cultura rural de onde proveio e os laços com a produção trovadoresca do Prata²⁴.

Percebe-se, enfim, que as estéticas em voga propunham temas poéticos, assuntos belos ou elevados, fora dos quais o artista se sentia traído e desamparado. Tudo propiciava essa evasão. Foi uma fase de influências literárias múltiplas e ricas. Parnasianismo e simbolismo cruzavam e associavam as suas determinações, mantendo a preocupação formal e estilística. Além disso, ao conciliar a temática local, estimulada pelo ambiente revolucionário, e a influência poética do Romantismo, consolidou-se a literatura

²² MORAES, Carlos Dante. Op. cit. nota n. 6. p. 142.

²³ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 392.

²⁴ ZILBERMAN, Regina. Op. cit. nota n. 3. p. 11.

em versos que perdurou por muito tempo e engajou-se nos movimentos parnasiano e simbolista, aprofundando a vertente lírica e explorando os recantos da interioridade deixados intocados pelos românticos.

A inércia da mentalidade literária foi modificada apenas com o advento do Modernismo, momento em que os poetas retornaram à temática do regionalismo local. Para isso, o Rio Grande do Sul seguiu fielmente as idéias de Spencer e obteve sucesso pondo em prática a filosofia de que a literatura de um povo é um fenômeno social, e fenômenos deste tipo estão amparados nas condições do habitat, nos caracteres físicos e psíquicos do homem e nas influências que recebem de outros meios. Foi por esse caminho que seguiu a literatura dos pampas até mostrar a qualidade da cultura local.

Guilhermino Cesar comenta que o teatro também foi sempre muito estimulado pela sociedade gaúcha, não restando, porém, lembrança de qualquer autor dramático provincial, exceto a partir do quarto decênio do século XIX, quando surgiu Manuel José da Silva Bastos. Dedicado exclusivamente ao teatro, levou aos palcos de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre bons conjuntos brasileiros e portugueses. A atenção de um público numeroso era atraída mediante a apresentação de comédias em tom gauchesco e por isso Silva Bastos foi considerado o primeiro dramaturgo verdadeiramente rio-grandense, sendo ainda, classificado como um dos precursores do Realismo expresso em peças de costume.

Quanto à crítica literária do início da nossa literatura gaúcha, Guilhermino Cesar afirma que não chegou a constituir atividade criadora no plano da ficção, da poesia e do teatro, pois a época era do ensaio crítico que se encarregava em difundir os ideais positivistas de August Comte. A crítica essencialmente literária surge por volta de 1868, com o *Partenon Literário*, responsável pelos primeiros pareceres críticos em solo rio-grandense. Entretanto, antes dessa data, já havia a circulação de críticas literárias que nos eram enviadas da Europa, veiculadas em jornal e que diziam respeito a livros importados.

Um dos primeiros críticos do Rio Grande do Sul foi Bernardo Taveira Júnior, que lançou na cidade de Pelotas suas *Reflexões sobre a Literatura Rio-Grandense* (1869). Num sentido mais amplo, Guilhermino Cesar, considera Damasceno Vieira o iniciador da crítica literária ao publicar os *Esboços Literários* (1883), em defesa da chamada “poesia científica”. Com igual importância, destacam-se, seguindo o caminho iniciado pelos dois críticos mencionados: Carlos von Koseritz contrário às idéias do Romantismo, Apolinário Porto Alegre adepto às idéias propagadas pelo Romantismo, e Alcides Maya, crítico

moderno. Daí para frente muitos foram os críticos que contribuíram para a história da literatura do Rio Grande do Sul.

Como vemos os autores destacados, pela importância do trabalho que realizaram na crítica literária sul-rio-grandense, eram seguidores de estilos literários diferentes. A respeito disso, Flávio Chaves comenta que nem todos os membros do *Partenon Literário* seguiam a mesma linha de pensamento²⁵: Carlos Ferreira, por exemplo, era poeta ligado ao Romantismo; Múcio Teixeira seguia a vertente parnasiana com certa inclinação ao escândalo realista; Damasceno Vieira era precursor da “poesia científica”, e foi reconhecido em todo o território nacional como um dos pontos altos da escola parnasiana; Carlos von Kosertiz propagou o ideário positivista por meio de seus ensaios críticos, abordando temas da problemática nacional e buscando, com isso, a integração do texto gaúcho no conjunto da nacionalidade. Assim, observa-se que havia na sociedade rio-grandense uma literatura voltada para as linhagens romântica e parnasiana, e uma política que pregava o positivismo de Júlio de Castilhos. Observa-se também que a ficção regionalista gaúcha encontrou no *Partenon Literário* um ponto de desenvolvimento no processo da literatura, visto que tal sociedade literária influenciou totalmente a vida mental do Rio Grande do Sul, pretendendo elevar o nível intelectual e artístico de um meio atrasado e, sobretudo, os propósitos cívicos e sociais.

Ao concluir a retrospectiva proposta, acerca do desenvolvimento da literatura gaúcha, visando mais especificamente a segunda metade do século XIX, percebe-se que a idéia dominante em todo o percurso seguido reside mais na organização da sociedade, do que simplesmente na fundação de uma literatura representativa do povo sulino. Essa afirmação foi comprovada ao longo do presente capítulo, pois no início do século XIX, as poucas produções ditas literárias não faziam mais que exaltar feitos heróicos da sociedade em formação, incentivando os poucos leitores a fazer o mesmo. Dessa forma, escritores agiam sob um ideal partidário que pretendiam difundir; para isso, aliaram a literatura aos seus propósitos e utilizaram o jornal como meio de comunicação eficaz, que permitia a divulgação das idéias a toda sociedade.

Além disso, observa-se também o contrário do que afirmou João Pinto da Silva, em sua *História Literária do Rio Grande do Sul*, a respeito da inutilidade da literatura principalmente para a imprensa gaúcha: “[...] os jornais, na sua maior parte, consideravam os assuntos de ordem literária como incompatíveis com a sua sisudez e só

²⁵ CHAVES, Flávio. Op. cit. nota n. 11. p. XVI.

por exceção os admitiam em suas colunas, fora dos truculentos ou lacrimejantes romances folhetins.”²⁶. A intenção real dos intelectuais do século XIX foi aliar a literatura à imprensa a fim de difundir idéias por meio dos textos literários. A literatura era a maneira mais direta, pois possibilitava atingir e dominar o pensamento da sociedade de uma forma mais sutil, utilizando os modelos, positivos e negativos, de comportamento social e suas respectivas conseqüências.

Como exemplo dessa união entre a imprensa e a literatura tem-se a *Sociedade do Partenon Literário*, que marcou época através dos vários autores, associados e simpatizantes da mesma que publicavam textos em jornais de toda a Província. Essa sociedade literária não tinha apenas uma finalidade cultural, mas também filantrópica e social, o que explica a abrangência de suas atividades a diferentes setores manifestando, inclusive, preocupações com a abolição da escravatura ou com a educação noturna para adultos. Da mesma forma, deu ênfase à participação social do literato, contrariando a imagem estereotipada do artista boêmio e irresponsável, consagrada pela mitologia romântica. Em vista de todas as funções que desempenhou, o *Partenon Literário* configurou a orientação literária dominante da arte poética em meados do século XIX.

A união da imprensa com a literatura gerou o jornal literário que foi muito útil na obtenção dos objetivos dos intelectuais dos gaúchos e que, em pouco tempo, foi adotado pelas cidades mais desenvolvidas da Província.

²⁶ Apud REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In.: _____ et alii. *Fundamentos da cultura rio-grandense*. 2ª série. Porto Alegre: UFRGS, 1957. p.109.

Contextualização histórica e cultural da região sul rio-grandense em fins de século XIX

Este capítulo é essencial para compreender as condições socioculturais da região sul rio-grandense, bem como a tradição e o renome que atingiu durante o século XIX, com relação à literatura e às artes em geral. Para tanto, é necessário que se faça, sucintamente, o relato dos fatos que contribuíram para o surgimento, em fins do século XVIII, da povoação e, então, das cidades do Rio Grande e de Pelotas.

As povoações sul-rio-grandenses tiveram origem a partir das invasões territoriais realizadas por portugueses e espanhóis na região das Missões e do Prata. Contudo, Arno Kern ressalta que a chegada dos espanhóis e portugueses faz parte da história platina mais ampla, de movimentos populacionais e diversidades culturais¹. Na perspectiva do historiador, tem-se que os europeus não vieram exclusivamente para colonizar o Rio Grande do Sul, mas sim, aproveitar a passagem pela região para expandir as suas conquistas territoriais e forçar a dominação total das terras pretendidas.

Conforme Luiz Henrique Torres, antes da chegada dos padres jesuítas e das tropas portuguesas ao Rio Grande do Sul, o território era ocupado pelas populações indígenas e considerado ‘terra de ninguém’². Na linguagem romântica de Fernando Osório, o índio vivia em perfeita harmonia com a natureza, entoando cantos sobre as guerras e amores, “fabulando as origens misteriosas das águas e das plantas...”³. No entanto, à

¹ Apud TORRES, Luiz Henrique. Paradigmas da história colonial do Rio Grande do Sul. In.: ALVES, Francisco das Neves. (org). *Temas de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade do Rio Grande, 1994. p. 36.

² Ibidem, p. 33.

³ OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. 2 v. Pelotas: Armazém Literário, 1997. p. 28.

chegada do jesuíta, o índio foi escravizado perdendo a liberdade e quebrando a harmonia com a natureza.

Quando da chegada dos espanhóis na área do Prata deu-se por dois caminhos, conforme salienta Ester Gutierrez: um, pelo norte, descendo a América Central e margeando a costa do Pacífico, e o outro, que partia de Buenos Aires, tomava o rumo do Paraná e do Paraguai e, no vale da bacia do Uruguai, ia em direção ao ocidente, chocando-se com as correntes portuguesas⁴. O segundo caminho apresentado pela arquiteta, relaciona-se à invasão da Colônia do Sacramento, fundada em 1680 por D. Manuel Lobo, e às conseqüentes lutas pelo território, por parte dos espanhóis e portugueses, que geraram reflexos importantes para a história e o povoamento da região sul.

Nessa região, as vastas planícies ofereciam abundância de pastagens, constituindo um local propício à criação do gado vacum e dos cavalos. No momento em que os missionários migraram para a área dos rios Paraná e Uruguai, levaram consigo o gado, iniciando assim uma nova atividade nas terras que antes eram aproveitadas apenas para o plantio de grãos. Os rebanhos se multiplicaram, formando as vacarias do Mar, que vinha do Uruguai; a do Mar Dulce, que se estendia em direção à Lagoa dos Patos; e a vacaria dos Pinhais, no norte e oeste do que hoje é o Rio Grande do Sul. A multiplicação desse gado foi grande e, porque o couro adquiriu grande valor comercial no mercado, deu-se início à 'preia' do animal, isto é, ele era morto e seu couro vendido nos portos de Buenos Aires, Montevideu e Rio Grande. A carne do animal não era totalmente aproveitada, pois ainda não haviam os saladeiros que ajudavam a conservá-la, e por isso era deixada no campo para ser comida pelos animais.

Os portugueses avançavam cada vez mais em direção ao extremo sul, bem como o comércio e o contrabando realizado por eles. Segundo Guilhermino Cesar, estes objetivavam a conquista de Montevideu, mas como isso não foi possível, ocuparam a margem direita do Rio Grande de São Pedro, onde hoje é a cidade de Rio Grande, estabelecendo ali, em 1737, o presídio Jesus-Maria-José e estabelecendo uma região ocupada militarmente⁵. As causas para essa ocupação eram várias: o porto favorecia a exportação do couro e através dele os espanhóis podiam invadir o território português; isso

⁴ GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPEL, 2001. p. 212.

⁵ CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 109.

deveria ser impedido e, a este propósito, menciona Guilhermino Cesar, por meio do relato de Martinho de Mendonça:

[...] ocupamos o Rio Grande de São Pedro, que na minha opinião nos é de muito maiores conveniências, não só pelas vantagens do sítio, e por formarmos um continente sem interrupção, até a Laguna [...] O Rio Grande de São Pedro tem campanhas dilatadas, fecundas, e abundantes de pastagens, e por isso é grande a quantidade de gado, que se encontra nelas.⁶

Os habitantes do primeiro povoado foram quinhentos soldados portugueses sob as ordens do mestre de campo Domingos Fernandes. Até o ano de 1747, a nova povoação pouco progredia por constituir-se unicamente de famílias das tropas por ali estacionadas. Entretanto, no mesmo ano, com a vinda de casais açorianos, a localidade principiou a chamar a atenção do governo português. Dessa forma, em 17 de Julho de 1747, por provisão do conselho ultramarino, foi-lhe concedido o foro de Vila, mudando o orago de Santa Ana para São Pedro. Já então aumentava a população da nova capitania, e à proporção das continuadas guerras entre portugueses e espanhóis, a vila do Rio Grande de São Pedro crescia em forças militares. Além disso, houve o aumento da população pela introdução de mais quatro mil casais vindos das ilhas Madeira e Açores, perseguidos pela fome que lá os assolava. No mesmo período da instalação da Comandância Militar, iniciaram as doações de sesmarias, com a conseqüente fixação de estâncias e, então, registraram-se as primeiras notícias sobre as charqueadas artesanais no Rio Grande.

Contudo, em 1763, o governador de Buenos Aires, o General Pedro de Ceballos, dominou a vila do Rio Grande e permaneceu na região até o ano de 1777. Neste ano, a Colônia do Sacramento foi definitivamente entregue à coroa espanhola e os portugueses aprisionados na região, instalados em terras hoje equivalentes ao município de Pelotas. Essas redondezas já eram bastante povoadas, pois, à época da invasão espanhola sobre a vila do Rio Grande de São Pedro, muitos colonos açorianos e madeirenses que lá viviam, fugiram para a região do canal do São Gonçalo, chamado de ‘sangradouro’ pelos portugueses. Como a região é cheia de banhados ‘sumidouros’, muito temidos, e os espanhóis não tinham guias especializados nos caminhos dos pântanos, não puderam

⁶ Ibidem, p. 109.

persegui-los e, assim, os foragidos tornaram-se os primeiros habitantes do que viria a ser a cidade de Pelotas⁷.

A partir desta rápida descrição político-histórica, é possível perceber como o homem foi se fixando no rincão de Pelotas, além de observar que não apenas os portugueses e espanhóis participaram do início do povoamento, mas também os ingleses, franceses e africanos que chegavam ao extremo sul através do porto do Rio Grande. Além disso, havia os crioulos, os piratas, os charruas, os guaranis e demais etnias indígenas que inicialmente povoaram a região. Segundo Luiz Henrique Torres, a população do Rio Grande do Sul não se constitui a partir do desaparecimento súbito dos indígenas ou da aculturação dos mesmos, como afirmam alguns historiadores, mas sim pelas relações estabelecidas entre ibéricos e indígenas, resultando em uma nova etnia e cultura⁸. E esse novo grupo étnico-cultural em contato com africanos, ingleses e franceses originou a representação cultural dominante da região sul: o gaúcho.

Em relação ao desenvolvimento da Vila do Rio Grande de São Pedro, Francisco das Neves Alves afirma que, a partir do final do século XVIII, o Rio Grande passou a perceber os benéficos efeitos da atividade pecuária que desenvolvia no sul, levando a um crescimento dessa pequena localidade, extremamente prejudicada depois do período de dominação espanhola. Deste modo, “o advento da era charqueadora surpreendeu a Vila do Rio Grande”⁹, e, no início do século XIX, esta “havia se transformado [...] no principal centro de comércio – legal e ilegal – da Capitania”¹⁰. O comércio da Vila do Rio Grande de São Pedro era baseado na importação de produtos europeus, principalmente, ingleses, além de negócios com a região platina. Um dos fatores que permitiu o avanço comercial foi a localização da Alfândega na Vila, desde 1804, obrigando a que todos os produtos por ela passassem. Assim o avanço comercial de Rio Grande, deu-se através do escoamento, pelo porto, de boa parte da produção pecuária-charqueadora rio-grandense¹¹.

⁷ LEITE, José Antonio Mazza. Charqueadas pelotenses: seus primórdios e evolução. In.: GONÇALVES, Ana Beatriz R. (org.) *Turismo e Cultura: História regional*. Santo Ângelo: Gráfica Venâncio Ayres, 2001. p. 41.

⁸ TORRES, Luiz Henrique. Op. cit. nota n. 1. p. 35.

⁹ QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro: 1737-1822*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987. p. 151 e 156.

¹⁰ *Ibidem*, p. 151 e 156.

¹¹ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. FURG, 1999. p. 33.

Em 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro foi elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Rio Grande. Na então cidade, o século XIX caracterizou-se pela busca de um aprimoramento da sua organização urbana e da prestação de serviços à população, resultando numa completa transformação do espaço original ocupado pela localidade. Segundo Francisco das Neves Alves, a crescente urbanização teve que enfrentar as condições ambientais, caracterizadas pela ausência de vegetação e as sempre presentes, mas nunca desejadas ‘montanhas voadoras’ de areias, sério obstáculo à fixação humana e à evolução urbana¹². O mesmo historiador comenta que a presença das areias e o perigo de a povoação ser destruída por elas sempre foi um dos fatores mais abordados nas narrações sobre a cidade do Rio Grande. Como exemplo, menciona a descrição de Sainte-Hilaire: “areal de finura extrema que fatigava a vista pela sua cor esbranquiçada formando montes que avançavam até as casas, elevando-se tanto que ameaçavam aterrá-las a cada instante.”¹³

Nas últimas décadas do século XIX, as principais reivindicações da cidade do Rio Grande voltavam-se para o aprimoramento do sistema de transportes que lhe servia, colocando-se, principalmente, à necessidade de extensão nas vias férreas que a ligavam à cidade de Pelotas, fundamentais ao escoamento da produção, tendo em vista o combate ao contrabando. De acordo com Carlos Eugênio Fontana, em artigo publicado na *Revista do Partenon Literário*, intitulado *Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande*, a cidade, em fins do século XIX, possuía diversos estabelecimentos industriais, sendo que o principal era a fábrica de tecidos de lã dos Srs. Reinghantz e Water . A mesma era movida à vapor e contava com numeroso quadro de mulheres e meninas como empregadas¹⁴. Na mesma época, havia na cidade, à beira-mar, a indústria de fundição dos Srs. Dias e Almeida; a fábrica de vinhos, na chácara de Antonio José Soares Vianna, localizada na Ilha dos Marinheiros; o curtume dos Srs. Costa, Eymach e Cia., que empregava dezoito obreiros e exportava os couros envernizados para a Europa, Rio de Janeiro e Rio do Prata; a fábrica de cerveja; a serraria à vapor e as fábricas de sabão, de velas e de vinagre.

¹² Ibidem, p. 38.

¹³ Ibidem, p. 38.

¹⁴ FONTANA, Carlos Eugênio. Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande. *Revista do Partenon Literário*. Rio Grande, nº 10, IV ano, 1875, p.141-145.

Quanto à infra-estrutura da cidade de Rio Grande, Francisco das Neves Alves comenta que, a partir da década de 70, do século XIX, foram iniciados os calçamentos nas ruas da cidade a fim de solucionar o problema da areia solta e das inundações. Contudo, somente no fim do século XIX, a cidade teria boa parte das suas ruas mais importantes calçadas, sendo esse melhoramento apontado como fundamental para o embelezamento da cidade e o trânsito em geral¹⁵.

Com relação aos prédios públicos, sabe-se que, desde a década de 50, o Mercado Público era considerado pequeno diante do crescimento populacional. Em função disso surgiu a necessidade de, em 1861, iniciar a ampliação que terminou nos anos 80. O Matadouro Público, outro prédio fundamental à economia da cidade, também passou por um processo de reconstrução, pois, nos anos 50 era descrito como em estado de ruínas, sendo sua remoção reclamada em nome da saúde pública. Em 1869, foi realizada a transferência do mesmo, e o novo matadouro começou a funcionar a partir de 1876. A Cadeia Municipal, considerada, em 1845, em péssima situação de conservação, passou por reformas entre os anos de 1852 e 1859; o cemitério também seria renovado a partir de 1859 e, quanto à Igreja Matriz, foi ampliada por ser muito pequena e atender somente a uma pequena parte da população. Em 1860, devido ao Comendador Miguel Tito de Sá, foi fundado o *Asylo do Coração de Maria* que atendia órfãos desvalidas e, segundo Carlos Eugênio Fontana, tornava “as jovens pela educação e moral exemplos da sociedade”¹⁶. Conforme Francisco das Neves Alves, a prestação de serviços públicos também foi alvo da atenção municipal com a procura constante de ampliar o número de lampiões que serviam à iluminação da cidade. À limpeza pública também foi dedicado tratamento especial.¹⁷

O desenvolvimento cultural da cidade do Rio Grande também se inseriu no processo de construir-se uma cidade com feições modernas e civilizadas, de acordo com os padrões europeus. O teatro desempenhou importante papel nesse quadro, com destaque para o *Sete de Setembro*, edificado em 1835 por uma associação particular, e o *Polytheama*, que levaram à cena peças de companhias estrangeiras, nacionais e locais. Francisco das Neves Alves afirma que a frequência ao teatro não constituía, porém, uma atividade que atingisse todos os segmentos sociais, tendo em vista os preços dos espetáculos. Já as apresentações promovidas por grupos ligados a sociedades e clubes

¹⁵ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. nota n. 12, p. 39.

¹⁶ FONTANA, Carlos Eugênio. Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande. *Revista do Partenon Literário*. Rio Grande, nº 12, III ano, 1874, p. 244.

¹⁷ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. nota n. 15, p. 41.

locais permitiam uma maior participação popular. Também apareciam na cidade exposições de arte e museus itinerantes.¹⁸ Outro divertimento dos rio-grandinos no final do século XIX, eram os passeios na *Praça Municipal* que, segundo Carlos Eugênio Fontana, era vasta e constituía o único passeio recreativo da cidade, comumente chamado de *Boulevard Rio-Grandense*.¹⁹

Quanto à composição da sociedade rio-grandina, Francisco das Neves Alves demonstra que a elite era representada por pessoas ligadas ao comércio e às atividades pecuário-charqueadoras – proprietários dos grandes estabelecimentos -, ou ainda pelos militares de alta patente. Já na base da estrutura social, estavam os trabalhadores escravos - empregados no trabalho urbano, nas atividades pastoris e na produção do charque. Havia, ainda, um setor intermediário o qual não apresentava uma homogeneidade interna, representando setores profissionais diversos, ficando as possibilidades de ascensão social cada vez mais restritas quanto mais primária fosse a atividade desempenhada.²⁰ Durante a virada do século, começaram a ser dados os passos iniciais em direção a um processo de industrialização, acompanhado, conseqüentemente, pelo surgimento de um incipiente operariado.

No tocante à formação da cidade de Pelotas, historiadores afirmam que, no século XVIII, pela ação espontânea da coletividade, formaram-se naquela região os primeiros núcleos – ou arraiais. Primitivos e rústicos, neles o trabalho era desenvolvido nos quintais, em forma de agricultura; e nos campos, criando os rebanhos de gado. A crença religiosa não foi esquecida e o terço era rezado mesmo sem a construção de uma capela. A propósito, a religiosidade lusitana era muito forte, tanto que dedicaram a São Francisco de Paula a vitória pela expulsão dos espanhóis da vila de Rio Grande e a conseqüente reconquista do território sulino, pois que o episódio ocorreu em 2 de abril, dia do santo católico. Por essa razão, o mesmo foi escolhido como protetor do povoado. A fim de que a crença se materializasse, faltava então uma imagem para representar o padroeiro. Conforme Mario Osório, em Mostardas havia uma imagem de São Francisco cujo proprietário era um antigo morador, Antônio Gomes Moreira. Conforme alguns, ele salvara a relíquia ao emigrar da Colônia do Sacramento, arrasada pelos espanhóis. Para outros, ele

¹⁸ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. nota n. 17, p. 46.

¹⁹ FONTANA, Carlos Eugênio. Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande. *Revista do Partenon Literário*. Rio Grande, nº 5, IV ano, 1875, p. 193.

²⁰ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. nota n. 19, p. 43.

a encontrara encaixotada nas praias do Estreito, procedente de navio naufragado. De boa vontade esse morador cedeu aos apelos da devota população e o vigário Felício buscou a imagem que foi conduzida, em solene procissão, à rústica igreja construída para recebê-la, no mesmo lugar onde está hoje a Catedral de São Francisco de Paula²¹.

Esse episódio mostra que a fé na Igreja Católica, partindo da população que habitou desde cedo as terras do extremo sul do Rio Grande, manifestou-se logo na formação do que viria a se transformar na cidade de Pelotas. O hábito cultural do povo que formou e organizou a sociedade pelotense possui na sua base a religião como esteio. Por outro lado, aponta para a autoridade imposta, naquela época, pela Igreja Católica, quando a igreja e o padroeiro foram as primeiras providências a serem tomadas por quem, naquela região, se instalou.

O território da atual cidade de Pelotas havia sido dividido, em fins do século XVIII, em sete estâncias. A mais antiga, por ordem cronológica de doação, foi a que recebeu o comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande do Sul, Coronel Tomás Luís Osório, em 1758, segundo despacho de Gomes Freire de Andrade. No entanto, o comandante, envolvido em denúncias, foi enforcado em Lisboa. Em 1779, sua viúva e filhos venderam ao casal Manuel Bento da Rocha, capitão-mor do Rio Grande do Sul, e Isabel Francisca da Silva a primeira sesmaria de Pelotas, hoje distrito do Laranjal. Na mesma época, começaram a chegar outras famílias em busca de terras e gado, pois sabiam da prosperidade da região.

O português José Pinto Martins vivia no Ceará com a família e dedicava-se a salgar a carne, transformando-a em carne de sol, mas precisou mudar-se devido à seca que abatia o Estado e instalou-se no extremo sul do Brasil, ciente da abundância dos rebanhos de gado desta região. Assim, fundou em 1780 uma charqueada às margens do Arroio Pelotas. A prosperidade do seu estabelecimento, justificada pela localização e pelos métodos empregados, estimulou a exploração, em larga escala, da indústria saladeiril no território rio-grandense. Em pouco tempo o modelo foi adotado por outros estabelecimentos, de maneira que a salgação da carne transformou-se numa indústria poderosa, responsável pela própria organização da estância, antes mera empresa de coleta e pilhagem de gado. Tendo as charqueadas como principal base de desenvolvimento, Pelotas

²¹ MAGALHÃES, Mario Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981. p. 20.

creceu no que tange à população e transformou-se na cidade que seria, durante o século XIX, uma das mais ricas e adiantadas da Província do Rio Grande do Sul.

Conforme Alvarino Marques, José Pinto Martins não foi o pioneiro da indústria rio-grandense de charque, mas teve o mérito de ter descoberto o lugar ideal para a localização desta indústria²². Segundo o mesmo autor, as charqueadas surgiram, ainda em meados do século XVIII, na região do atual município de Palmares do Sul e, posteriormente, seguiu pelo litoral em direção ao vale dos Sinos, às margens do Guaíba e ao Baixo Jacuí acompanhando o povoamento e a instalação das estâncias.

Em 1814, recentemente estabelecidas as primeiras charqueadas ao longo do rio Pelotas, do canal São Gonçalo e do arroio Santa Bárbara, quase metade da população de Pelotas era constituída de homens negros. Para um total de 3.719 habitantes, havia 1.226 escravos, pois a indústria saladeiril, ao contrário do que sucedeu nas estâncias – onde o negro entrou em pequeno número -, construiu-se toda à base do trabalho cativo. Alvarino Marques comenta ser o trabalho nas charqueadas tão estafante, que não se constituía em atrativo para homens brancos, nem mesmo para os que não possuíam terras²³. Dessa forma, os charqueadores seguindo a estrutura escravocrata já assumida no Brasil, desde a fase açucareira, colocaram os negros em trabalhos compulsórios, escravizando-os nos saladeiros a fim de obter mão-de-obra. Os escravos eram submetidos a condições brutais de trabalho, não tendo inclusive horário determinado e recebendo toda sorte de castigos e violência caso trabalhassem ineficientemente. O terror era o maior recurso para submetê-los à atividade desempenhada.

Segundo a arquiteta Ester J. B. Gutierrez, desde os primeiros estabelecimentos do núcleo pelotense, o gado era abatido em espaço constituído e equipado para esse fim, chamado ‘mangueiras de matança’. Até 1845, as graxas e sebos eram produzidos em caldeirões de ferro. Após essa data, foram adotadas as máquinas à vapor, o que demonstrou certo desenvolvimento na complexidade do processo produtivo, qualificação na mão-de-obra e melhoria dos produtos. O gado ia desde a sua comercialização até a exportação do produto, no porto de Rio Grande, passando sempre pelas mãos dos cativos²⁴.

²² MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Evolução das charqueadas rio-grandenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. p. 24-25.

²³ *Ibidem*, p. 103.

²⁴ GUTIERREZ, Ester J. B. Op. cit. nota n. 4. p. 220.

Mais da metade da população servil das fábricas era especializada. Os campeiros, na mesma porcentagem que nos estabelecimentos contendo estâncias, ocupavam os poteiros. Os carneadores e serventes distribuíam-se na mangueira de matança, cancha, galpões, varais e pilhas de embarque. O transporte no arroio Pelotas, no canal São Gonçalo, na laguna dos Patos e no porto de Rio Grande era realizado por escravos marinheiros.

Metade dos senhores possuía em seu plantel marujos cativos. A outra metade, possivelmente, contratava os serviços dos primeiros. A produção e o transporte do charque eram apoiados pela mão-de-obra de escravos de ofício e domésticos, os quais: ajudavam na manutenção do próprio plantel de cativos, como os cozinheiros; das instalações, como os carpinteiros e os pedreiros; e dos próprios senhores e suas famílias, como os engomadores.

Ester Gutierrez afirma que numa média de 54 escravos que trabalhavam nas fábricas de charque, 13% eram do sexo feminino, e nenhuma menção a casamento entre os cativos foi encontrada. A mesma constatou em suas pesquisas que os empresários do charque preferiam a compra de “peças” novas ao investimento na reprodução dos trabalhadores servis. Os carneadores e os serventes de charqueada eram os mais numerosos, com a mesma média de 15 homens em cada uma dessas especialidades. As mulheres escravas continuavam sendo as menos qualificadas para o trabalho. A quase total ausência de mão-de-obra agrícola especializada, somada à presença de pomares de espinhos, chácaras e ou hortas nos saladeiros, pode fazer supor que as escravas se dedicariam aos cuidados da agricultura.

Da mesma forma, a total ausência de oleiros, ao lado da presença de olarias, mais uma vez reforçou a possibilidade de a produção de elementos cerâmicos ser uma das alternativas, bem como a construção de prédios urbanos, para o período da entressafra do charque, apesar de os meses de inverno não serem os mais adequados a essas atividades. Sabe-se que as telhas de barro tinham por molde as coxas dos escravos que as confeccionavam, durante o período de construção dos estabelecimentos.

Apesar do grande número de trabalhadores escravos nas charqueadas, Pelotas fundou em 1881 o Clube Abolicionista, tomando a iniciativa da propaganda redentora no Rio Grande do Sul. Em 1888, o município foi declarado oficialmente liberto da escravidão, cabendo ao advogado pelotense Ferreira Vianna, conselheiro do Império, redigir e assinar o texto da Lei Áurea, em que declarava extinta a escravidão no Brasil. Contudo, Alvarino Marques esclarece que os abates das charqueadas de Pelotas, em fins do século XIX, caíam

pela metade devido ao aumento da concorrência no interior da Província²⁵. Essa queda na produção começou a fazer com que excedesse a mão-de-obra escrava; além disso, a manutenção do mesmo número de trabalhadores escravos, tanto nas safras como nas entressafras, encarecia a produção nas charqueadas escravocratas, frente às concorrentes platinas que contratavam operários durante os seis meses de safra. Alvarino Marques comenta que o regime de trabalho escravo trouxe grandes prejuízos para as charqueadas, pois o escravo era um trabalhador que produzia menos que o empregado livre e o produto de seu trabalho era, geralmente, grosseiro e de má qualidade²⁶. Por essas razões, os charqueadores começaram a libertar a mão-de-obra negra.

A riqueza de Pelotas atraiu visitantes estrangeiros como, por exemplo, o naturalista francês Augusto Saint-Hilaire que, em visita à então cidade, em 1820, hospedou-se na sede da charqueada de Antônio José Gonçalves Chaves e surpreendeu-se pelo fato de o anfitrião falar corretamente a língua francesa e possuir excelente biblioteca. O português Antônio José Gonçalves Chaves era conhecido como um homem culto. Amigo de Domingos José de Almeida, foi igualmente deputado à Assembléia Provincial de 1835. Conforme Mário Osório Magalhães, Chaves – nome da comarca onde nasceu, em São Tiago D’Ouro, Portugal, e que acrescentou ao nome de batismo – merece elogiosas referências do sábio naturalista, na sua obra, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de 1820: “um dos homens mais competentes da região. Um homem culto, sabendo o latim, o francês, com leituras de história natural, conversando muito bem.”²⁷. Gonçalves Chaves também foi escritor e publicou, em 1822, a obra *Memórias Econômico-Políticas sobre a Administração Pública do Brasil*, considerada por Guilhermino Cesar uma das primeiras genuinamente regionais do Rio Grande do Sul.

O mineiro Domingos José de Almeida viveu no Rio Grande do Sul e, segundo Mario Osório, foi considerado o “cérebro” da Revolução Farroupilha, ocupando vários ministérios. Mesmo sem ter frequentado sequer o primário, tendo aprendido a ler e escrever por conta própria, consta que tenha redigido sozinho a Constituição da República Independente²⁸. Além disso, foi praticamente o responsável pelo nome *Pelotas* dado à

²⁵ MARQUES, Alvarino da Fontoura. Op. cit. nota n. 10. p. 28-29.

²⁶ Ibidem, p. 105.

²⁷ MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993. p. 129.

²⁸ Ibidem, p. 128.

freguesia que, em 1835, recebeu os foros de cidade. O vocábulo *Pelotas* é originário da denominação dada à canoa de couro utilizada, pelos indígenas rio-grandenses, para a travessia dos rios. Esse nome foi dado à cidade, depois de vários títulos propostos, como: Calópolis, Pelotapes ou Próspera Cidade.

A partir do início do século XIX, Pelotas começou a desenvolver-se no âmbito cultural, primeiramente marcado pelas solenidades em praça pública, como a oferecida pela colônia portuguesa ao Coronel Manuel Lucas de Oliveira - comandante dos voluntários, que então partiram para a Guerra do Paraguai. O prédio da Beneficência, festivamente decorado, exibia na porta, entrelaçadas, as bandeiras brasileira e portuguesa, simbolizando a fraternidade que unia os dois povos. Prestadas as continências da ordenança, os cento e trinta e nove voluntários pelotenses entraram no templo para pedir proteção. Fernando Osório menciona que, entre eles, estava José Alexandre Rodrigues Menezes, moço extremamente fraco e enfermo que aproveitando-se de um instante de silêncio, após o juramento à bandeira, recitou emocionado em voz alta:

Não, não posso ficar aqui detido,
d'olhos baixos, em todo assim curvado,
vendo a Pátria soltar aflito brado
e a ele acudirem os pelotenses
nesse grupo heróico e destemido!...
Qu'importa esse mal que me tortura
se tenho por brasão forte a vontade?
Camaradas, esperai, não sou covarde!
Parto já, e se no campo atroz metralha
esfacelar o meu ser, por desventura,
do esqueleto meu, então convulso,
o fero paraguaio há de tremer.
irá ele ao lado de Mavorte,
à vindita imprimindo seu impulso!...²⁹

Esse moço acompanhou os soldados ao quartel, que ficava na esquina com as ruas Marechal Deodoro e Rua da Horta a qual, por essa razão, hoje chama-se Voluntários. José Alexandre recuperou a saúde nos campos do Paraguai, mas em 1869, próximo a Assunção, morreu por arma branca, depois de violenta luta corporal.

Segundo Mário Osório Magalhães, situações como essa, ocorrida por ocasião da formatura dos voluntários, não foram raras em Pelotas durante o século XIX e qualquer

²⁹ OSÓRIO, Fernando. Op. cit. nota n. 3. p. 148-149.

data ou solenidade era motivo para rompantes de eloquência, quando os oradores quase digladiavam-se, em duelos de retórica. Era só surgir uma oportunidade e os cidadãos – dos mais cultos aos menos dotados – tomavam a palavra, alinhavando versos de inspiração romântica e alinhando conhecimentos que nasciam na Grécia antiga e vinham morrer nas coxilhas do Rio Grande³⁰. Tanto os discursos eram admirados e os oradores, cultuados, quanto eram conceituados os poetas e as recitações que permaneceram durante muito tempo na tradição oral das quadrinhas compostas, na metade do século, por Antônio José Domingues para comemorar o 7 de setembro, que todo ano era festejado com solenidade na Praça principal.

Pelo fato de ser Pelotas um abastado centro comercial e industrial, convergiam para essa cidade, também, os interesses artísticos, sociais e políticos do antigo Rio Grande; em vista disso, muitos rio-grandenses e estrangeiros ilustres acabaram por fixar residência naquela cidade. Em 1870, a cidade havia progredido um pouco mais; possuía vários jornais em circulação, levando informação e cultura à sociedade pelotense. O jornalista alemão Karl von Koseritz – figura de larga importância na vida intelectual do Rio Grande do século XIX -, publicou seu livro *A História da Ciência* em 1870. Mario Osório comenta que Koseritz, ao traçar um paralelo entre Porto Alegre (onde viveu a maior parte do tempo) e Pelotas, conclui:

Pelotas se acha em circunstâncias diversas. Não podendo contar com o elementos oficiais que a Porto Alegre proporcionam acanhado movimento, viu-se obrigada a recorrer à indústria que a sua posição topográfica lhe facilita. Reina ali uma atividade

industrial que Porto Alegre não conhece; nota-se ali, em geral, progresso mais rápido, abastança maior, fortunas mais sólidas. Cremos até que, para uma cidade nestas condições, não seria sorte se, de repente, se mudasse para ela a sede do governo e o mundo oficial.³¹

Do mesmo modo, em relação ao abolicionismo, Pelotas antecipou-se na propaganda republicana. Já em 1880, nove anos antes da proclamação, os idealistas locais publicavam manifestos, distribuídos entre o povo. E em 1885, por iniciativa de Álvaro Chaves, filho de Antônio José Gonçalves Chaves, o Partido Republicano inaugurava no

³⁰ MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 15. p. 261.

³¹ Ibidem, p. 89.

Areal uma coluna de oito metros de altura homenageando Domingos José de Almeida, *o cérebro da Revolução Farroupilha*, que, próximo dali residira e falecera. Constituindo-se este no único monumento público erguido no Brasil, durante a monarquia, ao ideal republicano.

O núcleo das charqueadas construiu fortunas sólidas entre os pelotenses e possibilitou, além da riqueza, o ócio dos charqueadores principalmente nos tempos da entressafra. Com o tempo desocupado e o charque vendido a altos preços nos mercados, os industrialistas vieram fixar residência na vila que se erguia próxima aos saladeiros. Em Pelotas, construíram sobrados, muitos dos quais edificadas por engenheiros europeus. Ajudaram economicamente o país, nas suas lutas internas e externas, recebendo em troca títulos nobiliárquicos. Mandaram seus filhos estudar no Rio de Janeiro, em Buenos Aires e na Europa – Portugal e França . Fizeram com que se desenvolvesse uma sociedade cheia de lazer para as coisas do espírito e para os encantos da sociabilidade.

Foram esses antecedentes culturais que deram cor local à formação da cidade de Pelotas, transformando-a no centro de tradição cultural do Rio Grande do Sul no século XIX. Pela própria natureza do trabalho desenvolvido nos saladeiros, os charqueadores puderam manter um padrão de vida em que se observa, como contrapartida da fortuna e do horror praticado nas charqueadas, o refinamento das maneiras e do espírito demonstrado na zona urbana. Aristocratas, cheios de prestígio e de riqueza, procuravam atenuar os gestos largos dos gaúchos de fronteira com as boas maneiras dos europeus. O que não significa que fossem extremamente ciosos dos seus requintes sociais. Mario Osório comenta que alguns charqueadores locais tais como Antônio Gomes Moreira, o Barão de Butuí, ordenavam em testamento que fosse feito o enterro mais simples possível, “sem galés de ouro”, e que o dinheiro a ser gasto em pompas e rituais fosse empregado em obras de caridade³². Dessa forma, parte a riqueza pelotense foi destinada a obras de caridade. Muitas associações ostentam o retrato dos seus benfeitores na sala de honra: a Santa Casa, o Asilo de Mendigos e a Biblioteca Pública, entre outros.

No entanto, é importante lembrar que o espírito caritativo dos aristocratas pelotenses, voltado à filantropia e à benemerência, era sustentado pelo empreendimento escravocrata das charqueadas que rendeu riquezas e permitiu, aos rígidos e severos rio-grandenses da região, o contato com a Europa, o hábito da leitura, a freqüência aos teatros e aos salões. Mario Osório lembra que durante o século XIX, na maioria das cidades

³² MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 9. p. 34.

brasileiras mais adiantadas, o salão atingiu uma importância enorme. Na formação de Pelotas pode-se dizer que isto representou, mais ou menos, o que a coxilha significou na formação da campanha rio-grandense: enquanto a coxilha simboliza o espírito militar da história da campanha, o salão simboliza o espírito cavalheiresco da história de Pelotas³³. Nos salões dos sobrados, eram tocadas as pavanais, as valsas, os minuetos. Até que surgiram os clubes - dentre todos, o mais importante é o Comercial, fundado em 1881, e que foi visitado pela família imperial cinco anos após a inauguração. Os salões, assim como as sociedades que mais tarde foram fundadas, eram o cenário para os pelotenses exercitarem a rima e retórica.

As mulheres pelotenses passavam a maior parte do tempo nos sobrados, fazendo rendas e doces, estudando piano e dança e tomando lições particulares. Quando saíam era em direção das igrejas, dos teatros, dos saraus familiares. Foi no Teatro Sete de Abril, o mais antigo do País em funcionamento, que a sociedade pelotense desabrochou para os encantos da sociabilidade e para os mistérios da arte. Mario Osório afirma que algumas mulheres pelotenses possuíam talentos, como D. Maria Francisca da Costa Rodrigues da Silva, mais conhecida como Sinhá Costinha, elogiada por sua beleza e espírito, e D. Mercedes Maciel Moreira, que era reconhecida como poetisa e musicista³⁴.

Como incentivadores da cultura musical, destacaram-se a Filarmônica Pelotense, o Clube Beethoven, a Sociedade Recreio dos Artistas e a fundação do Conservatório de Música. Também eram realizados os vesperais promovidos pela Biblioteca Pública e os concertos do professor e compositor Sá Pereira. Pelotas, no seu passado, apoiou grandes nomes de arte musical, capazes de atingir o espírito popular e a admiração de autores clássicos. Um exemplo é Zola Amaro, a primeira soprano do Brasil que alcançou a celebridade mundial. Cantou em Buenos Aires, em Veneza, em Roma, em Florença, em Haia, em Amsterdã e no *Scala* de Milão.

Outro divertimento dos pelotenses no século XIX eram os passeios nas noites de verão em que a sociedade ia encontrar-se na então Praça da República onde havia, no jardim fronteiro ao Sete de Abril, um serviço de bar ao ar livre, com mesinhas redondas e bancos, e um ringue de patinação. E nas tardes de domingo, o bom programa era um passeio de carro ou de bonde, indo às vezes ao prado. O Parque Souza Soares também era um lugar bastante visitado pelos pelotenses, tido como um cartão de visitas e parada

³³ Ibidem, p. 37.

³⁴ Ibidem, p. 26.

obrigatória. As carreiras figuravam entre as diversões populares como uma festa tradicional do Rio Grande do Sul e por volta de 1870, eram realizadas num Prado, localizado além da atual estação férrea. Mais tarde, foi fundado o *Derby Club*, no atual bairro Fragata, vindo a preceder ao Jockey Clube, fundado em 1930.

Durante os passeios urbanos, os pelotenses deliciavam-se com a tradição gastronômica da cidade, que se tornou célebre graças à confecção de doces, bolos, geléias, compotas, frutas cristalizadas. Nas velhas casas senhoriais eram preparadas sobremesas, cujas receitas eram transmitidas em segredo de geração a geração. Nas confeitarias como da Floriano, a da Quinze e a Dalila eram vendidos, desde então, muitos doces feitos por mãos de escravas que, em ocasião de festa, eram mandadas à Corte para fazerem os doces mais tradicionais de Pelotas.

Por ser uma cidade extremamente marcada pela presença africana, seu carnaval de rua atingiu notoriedade. No passado mais remoto, essa festa popular guardava muita reminiscência dos cantos e danças dos antigos escravos; os clubes que saíam às ruas, com seus estandartes bordados a ouro, conservavam alguma coisa dos velhos cultos totêmicos e animistas - é claro que já em parte dissimulados. Com o tempo, foram se misturando a esses traços primitivos as alegrias e os brinquedos europeus. Eram confetes, serpentinas e lança-perfumes; carros alegóricos e corsos; fantasias de Pierrô, de Colombina, de trajes típicos de todo o mundo, homens vestidos de mulher, num desafio às convenções nas ruas e nos salões dos clubes *Diamantinos*, *Brilhante*, *Chove Não Molha*, *Congo*, *Terríveis*, *Diogenes*, *Instrução*, *Recreio* e o *Mascara Negra*, entre outros.

A cultura da cidade de Pelotas manteve-se em alta até o momento da crise que abalou o município no início do século XX, tendo como ponto máximo a quebra do Banco Pelotense. O mesmo foi fundado em 1906 e conseguiu instalar pelo Brasil sessenta e nove filiais, sendo, contudo, obrigado a fechar após o envolvimento em problemas políticos. Esse fato aliado à crise das charqueadas - em função da concorrência platina e a crise mundial -, abalou o desenvolvimento da cidade de Pelotas, que jamais se recuperou. Da opulência restou apenas a história e a tradição do passado imponente de uma sociedade.

A Literatura e a Imprensa na sociedade sul-rio-grandense do século XIX

Francisco das Neves Alves comenta que a leitura foi uma atividade cultural presente na cidade do Rio Grande no século XIX, através do funcionamento, em diferentes épocas, de uma série de livrarias que abasteciam a cidade com uma diversificada gama de livros e revistas, nacionais e estrangeiros, principalmente ingleses, franceses e alemães. Era também notável o interesse por obras de conteúdo literário, histórico e geográfico. O custo era, no entanto, um fator limitador à leitura.¹ A formação de locais apropriados à leitura permitiu um incentivo a essa prática, havendo em 1834 uma pequena biblioteca, composta por grande parte de livros franceses. A propósito, em 1846, foi fundado o *Gabinete de Leitura* que, mais tarde, tornaria-se a *Biblioteca Rio-Grandense* - instituição fundamental à propagação da leitura e, posteriormente, um dos mais importantes centros culturais do Rio Grande do Sul.

O historiador mencionado afirma que a elite rio-grandina, à proporção do crescimento de seu poder econômico, buscava sofisticar seus hábitos, importando usos, costumes e utensílios europeus². As viagens à Europa eram motivo de orgulho, bem como o envio de filhos para estudar neste continente, ou ainda, levá-los a aprender uma outra língua, normalmente inglês ou francês, com algum mestre estrangeiro residente no Rio Grande. As práticas do segmento social, na busca desse verniz de civilização, contribuíram de forma direta ou indireta com o aprimoramento de um arcabouço cultural na cidade. Já uma limitada parcela de representantes dos setores intermediários também se constituiu em consumidora de cultura - comprando livros e revistas, freqüentando teatro ou investindo no

¹ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. FURG, 1999. p. 46.

² *Ibidem*, p.44.

aprimoramento cultural dos filhos - , atitude sempre restrita às suas próprias condições financeiras.

De acordo com Carlos Eugênio Fontana a instrução pública, no final do século XIX, era ministrada por quatro escolas: duas que atendiam ao sexo masculino, dirigidas pelos professores Ildefonso Ferreira Cardoso e Joaquim Ribeiro Louzada; e duas ao feminino, dirigidas pelas professoras Maria Joaquina Duval e Balbina Maria Vieira. Segundo o artigo, a cidade contava com os seguintes estabelecimentos de ensino voltado a meninos: *Colégio S. Pedro* dirigido por José Vicente Thibaut; *Colégio União*, por José Morena; *Colégio de Alvim Junior*, por Candido Alvim Junior; *Colégio Lobo*, por Rodrigo da Costa Almeida Lobo. Quanto aos colégios que atendiam meninas, são citados: *Colégio Santa Thereza*, dirigido por Paulina Thibaut; *Colégio Minerva*, por Ignez de Oliveira Soares; *Colégio Esperança*, por Adelaide Gonzaga Alvim e os colégios de Izabel Tallone, Camilla A. Calcagno e Jacintha de Freitas Damasceno. A cidade contava com doze professores de piano, três de desenho e nove de línguas e ciências³.

Quanto à imprensa rio-grandina, Luiz Edgar Schneider afirma que, em 1832, surgiu o primeiro jornal da cidade com o nome de *Noticiador*. Seus redatores foram Guilherme José Correia e Francisco Xavier Ferreira, “sendo este último partidário das idéias liberais então em voga na Província. Foi este o primeiro jornal rio-grandense a defender os ideais abolicionistas do tráfico de escravos”⁴. Apesar do pequeno número de leitores, os jornais conseguiram sobreviver, tornando-se um dos elementos mais importantes à própria difusão cultural no Rio Grande do século XIX. Segundo Francisco das Neves Alves, a imprensa rio-grandina teve algumas das folhas mais perenes em termos provinciais/estaduais, chegando a circular por mais de seis décadas, desempenhando duas funções distintas: condenar os erros administrativos e atacar as dificuldades vividas pelo município; função esta muito desenvolvida através da pequena imprensa, mais notadamente, por meio dos pasquins e dos jornais caricatos⁵.

A imprensa rio-grandina, em âmbito regional, foi seguida com proximidade pela pelotense, sendo superada apenas pela porto-alegrense. O mesmo historiador afirma

³ FONTANA, Carlos Eugênio. Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande. *Revista do Partenon Literário*. Rio Grande, nº 4, III ano, 1875, p. 243.

⁴ SCHNEIDER, Luiz Edgar. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In.: _____ et alii. *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962. p. 87.

⁵ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. nota n. 1, p. 56.

que a riqueza jornalística da cidade do Rio Grande não se limitou apenas aos grandes diários, aparecendo ao lado destes um elevado número de pequenos jornais⁶. Apesar da sobrevivência geralmente curta e da periodicidade não diária ou irregular dessas folhas, elas circularam de forma quase ininterrupta ao longo do século XIX, marcando presença e refletindo a própria formação histórica rio-grandina.

Nos últimos anos da década de 60, na imprensa do Rio Grande, surgiram os jornais literários dedicados de forma total ou praticamente integral ao desenvolvimento da arte literária. Esses periódicos tiveram decisiva importância para o enriquecimento cultural da Província, pois diante do alto custo dos livros, aqueles serviam à popularização da leitura e à divulgação da incipiente literatura local e regional. Segundo Francisco das Neves Alves, os jornais literários significaram tentativas de empreender um jornalismo de amenidades, que servisse, até mesmo, como alternativa ao predomínio das discussões políticas da maior parte das folhas de então⁷.

A primeira folha literária rio-grandina foi a *Arcadia*, editada na cidade entre 1867 e 1869. Em 1870 a mesma foi transferida para a cidade de Pelotas, devido ao deslocamento do seu redator Antônio Joaquim Dias. O jornal teve por colaboradores os mais destacados nomes da literatura rio-grandense, como Apolinário e Aquiles Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Fernando Luiz Osório e Menezes Paredes, dentre muitos outros. Conforme Francisco das Neves Alves, ao final da década de 60 a imprensa rio-grandina entrava na sua fase de maior expansão.

Dentre os nomes de destaque na literatura e na imprensa literária rio-grandina encontram-se a família Mello, composta por Revocata dos Passos Figueiroa de Mello casada com João Gomes e Mello, irmã de Amália Figueiroa e mãe de Revocata Heloísa de Mello, Julieta de Mello Monteiro e Octaviano A. de Mello. Julieta de Mello Monteiro foi professora, poetisa, contista e teatróloga, além de jornalista. Foi também proprietária e redatora do jornal *Violeta*, que circulou no final da década de 70 do século XIX e, segundo Francisco das Neves Alves, dedicava-se essencialmente à literatura, veiculando textos em prosa e verso. Além de apresentar “a peculiaridade de ser escrito por uma mulher, o jornal buscava, de certa forma, dedicar-se à leitura da comunidade feminina, embora não fosse uma publicação endereçada exclusivamente a esse segmento da sociedade”⁸. O jornal

⁶ Ibidem, p. 56.

⁷ Ibidem, p. 298.

⁸ Ibidem, p. 294.

Violeta foi pioneiro, na cidade do Rio Grande, em dirigir-se de forma mais direta, mesmo que não exclusiva, a um público feminino. Do mesmo modo, podem ser observadas as produções literárias de Revocata dos Passos Figueiroa de Mello e Revocata Heloísa de Mello, no tocante à temática e ao público alvo. Segundo Guilhermino Cesar, as três autoras – mãe e filhas – adotam a linha parnasiana no que ela tem de mais descritivo e impessoal. O mesmo afirma que as irmãs uniram-se de tal modo no processo literário que “entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade.”⁹.

Na literatura rio-grandina, destacaram-se ainda, as produções de Clarinda da Costa Siqueira, que sofreram clara influência do professor Antônio José Domingues, e que apenas foram divulgadas após a morte da autora, pela revista *Arcádia*. Segundo Guilhermino Cesar, Clarinda compunha poesias que transitavam entre o Arcadismo clássico e o nascente Romantismo, de feição individualista. Além disso, suas produções literárias eram envolvidas por um profundo espírito religioso, quase místico¹⁰.

Bernardo Taveira Júnior, também nascido na cidade de Rio Grande, teve uma vida literária ativa, porém, exerceu o magistério particular em Pelotas. Publicou versos na revista *Arcádia*, entre os anos de 1867-1870, e na *Revista do Partenon Literário*, entre 1869-1879. Além disso, escreveu para o teatro e fez várias traduções, da prosa de Alexandre Dumas e Victor Hugo, mas sobretudo da poesia romântica alemã. Contudo, alcançou notoriedade com a publicação da obra *Provincianas* que, inspirada na temática dos pampas, apresenta à Província o regionalismo.

Quanto ao desenvolvimento literário e jornalístico na cidade de Pelotas, Mario Osório registra que o livro teve grande destaque no imaginário pelotense do século XIX¹¹. Pelotas enriqueceu a cultura rio-grandense de valores intelectuais e por isso recebeu o cognome de *Atenas do Rio Grande*. Livrarias, teatros, jornais, bibliotecas, associações artísticas e escolar de ensino superior foram se multiplicando na paisagem local, como confirmação do merecimento e garantia de permanência do título tão orgulhosamente ostentado. Durante o século XIX, a cidade de Pelotas conseguiu unir, ao mesmo tempo, boas condições econômico-urbanas e socioculturais. Essa convergência de fatores dentro da mesma conjuntura histórica foi capaz de configurar um verdadeiro apogeu. Baseados no

⁹ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 267-294-338.

¹⁰ *Ibidem*, p. 153.

¹¹ MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993. p. 25

material de leitura vindos, principalmente, da Bahia, do Rio de Janeiro, da Europa e dos Estados Unidos, devido aos negócios mantidos pelos exportadores de charque com tais lugares, os intelectuais pelotenses se proporcionavam um contato permanente com as diversas culturas européias e com o resto do Brasil. Por intermédio das operações portuárias efetuadas, os navios iam carregados de charque e voltavam trazendo mantimentos, móveis, louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines dos grandes centros.

O ensino superior teve início em Pelotas graças à família Antunes Maciel que desejava homenagear o seu chefe e por essa razão inaugurou, em 1881, a *Escola de Agronomia Eliseu Maciel*, a mais antiga do Brasil. A mesma foi instalada dois anos depois, sob o nome de *Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Practica*. Porém, em 1885, alegando necessidade de redução de despesas, o Ministro da Agricultura decretou o seu fechamento. Após isso, foi realizado um leilão com todo o material contido na escola. Os instrumentos foram adquiridos por particulares, que doaram novamente à instituição. Mas todo o esforço foi em vão, permanecendo a escola fechada. Em contrapartida, o Ministro da Agricultura permitiu a criação do *Instituto de Agronomia de Campinas*, no estado de São Paulo, utilizando parte da verba que deveria ser destinada à *Escola de Agronomia Eliseu Maciel*.

Quanto ao incentivo cultural e literário, o desenvolvimento começou a partir da fundação da Biblioteca Pública Pelotense, em 14 de novembro de 1875, por iniciativa de um grupo de cidadãos, liderados pelo redator do jornal *Correio Mercantil*, Antônio Joaquim Dias. Inaugurada com 960 volumes, funcionou inicialmente num prédio oferecido por João Simões Lopes, Visconde da Graça. Três anos depois, o mesmo inaugurou simbolicamente os alicerces de uma construção própria que, em 1911, ganhou o acréscimo de um pavimento e transformou-se em mais um sobrado.

Com relação à produção de livros, pode-se ressaltar que, no ramo da indústria editorial, Pelotas era o centro mais adiantado da Província. Nesse sentido, desenvolveu intensa atividade pioneira a Livraria Universal, editando títulos inéditos de autores nacionais e várias traduções do inglês, francês e espanhol. O historiador Mario Osório comenta que da histórica editora da Rua Quinze muitos livros se espalharam pela região sul do país, não só para o entretenimento das damas, mas para a instrução dos estudantes e para o aperfeiçoamento dos bacharéis; tiveram também a sua influência sobre a política e

a vida de todo o Estado¹². Na indústria editorial, destacou-se na mesma época a Livraria Americana. Estas duas empresas dominaram o mercado pelotense e praticamente o rio-grandense durante o último quartel do século XIX. No Brasil, a história do livro está associada indissolavelmente à história do jornal. Em Pelotas, não foi diferente: das tipografias de jornal saíram os primeiros livros. E é provável que o mais antigo livro editado em Pelotas tenha sido justamente *Resumo de História Universal*, também o livro de estréia do alemão Carlos von Koseritz.

Quanto ao papel da literatura na história do livro pelotense, pode-se dizer que, na poesia, quem mais se destacou foi Francisco Lobo da Costa através dos poemas que eram recitados nos saraus literários, quase sempre ao som de um piano. Nascido em 12 de julho de 1835, na cidade de Pelotas, Lobo da Costa era um poeta extremamente boêmio. Muitas vezes se revoltou, nos seus versos, contra a austeridade conservadora da gente pelotense, mesmo assim, nunca deixou de amar a sua cidade.

Francisco Lobo da Costa foi o segundo filho de Antônio Cardoso da Costa e de Jacinta Júlia Lobo, um casal modesto: o pai era tenente da Guarda Nacional e agente comercial de uma pequena empresa que negociava escravos, além de prédios e terrenos. Guilhermino Cesar comenta que apesar de autodidata, como quase todos os seus companheiros de geração, com apenas 15 anos de idade Lobo da Costa publicou na imprensa uma poesia de inspiração indianista, ao estilo de Gonçalves Dias; aos 16, um pequeno trabalho de ficção, intitulado *Heloísa*, no qual deixa transparecer o ressentimento contra a sociedade e os preconceitos de classe. Lobo da Costa trabalhou inicialmente no semanário *A Castália*, fundado por ele em 1868¹³. Ao mesmo tempo, contribuía com produções literárias para a *Arcádia*, de propriedade de Antônio Joaquim Dias. A partir de 1870, passa a colaborar no *Jornal do Comércio*, transferindo-se a seguir para o *Diário de Pelotas*. No intuito de estudar na Faculdade de Direito em São Paulo, Lobo da Costa viaja. Entretanto, já na capital paulista, entrega-se à boemia dos poetas do seu tempo. Em 1875, retorna ao Sul, já doente e entregue à solidão.

De acordo com Guilhermino Cesar, depois que Lobo da Costa regressou de São Paulo, viveu em várias cidades do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Em cada uma das cidades “descobria uma redação onde pudesse iludir-se,

¹² Ibidem, p. 40.

¹³ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 9, p. 234.

escrevendo para si e para os outros.”¹⁴. O mesmo autor afirma que a forma espontânea do poeta era às vezes muito descuidada, mas que Lobo da Costa possuía um senso musical e bom gosto inatos. Sua produção poética, segundo Carlos Alexandre Baumgarten, caracteriza-se pela postura romântica frente aos fatos da vida e a pela natureza simples de seus versos, elementos responsáveis por sua condição de poeta de maior popularidade entre os românticos sul-rio-grandenses¹⁵. Alice Moreira Campos comenta que o poeta distinguiu-se no cenário literário pela qualidade de sua poesia, “predominantemente lírica, com incursões bem-sucedidas na área do regionalismo e uma tentativa, frustrada pela morte, de dar ao Rio Grande um poema impregnado de espírito épico, sobre os fatos revolucionários de 1835.”¹⁶

Francisco Lobo da Costa é considerado, por muitos críticos literários, o mais importante dos românticos do Rio Grande do Sul, tendo pertencido ao grupo de intelectuais e escritores que, a partir da segunda metade do século XIX, consolidou a atividade literária da Província. Apesar de tanto talento, o poeta morreu na miséria, jogado a uma sarjeta de sua cidade natal. Coube ao amigo Francisco de Paula Pires a tarefa de compilar suas poesias e crônicas, assim como, segundo Guilhermino Cesar, “com o seu carinho de bibliotecário zeloso”¹⁷, reuniu e compilou a obra de outros pobres artistas.

Francisco de Paula Pires foi secretário, por 16 anos, da Biblioteca Pública Pelotense, redator de dois jornais literários e colaborador do *Tribuna Literária* e do *Arauto das Letras*. Graças a seus artigos, que combatiam a escola romântica em favor do Realismo, foi considerado por Guilhermino Cesar, um “arauto denodado do Naturalismo”¹⁸. Tornou-se muito conceituado por ser um intelectual de intensa atividade como escritor, autor de novelas, contos, poesias e crônicas. Obteve grande influência pelo papel que exerceu na história da literatura de Pelotas, sobretudo durante a década de 1880, incentivando o gosto da leitura e divulgando poetas e prosadores de expressão regional como os amigos Lobo da Costa, romântico, e Paulo Marques, voltado à escola realista. Além desses, outros escritores com menor destaque na antologia *Pindo Rio-Grandense*,

¹⁴ Ibidem, p. 236.

¹⁵ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Lobo da Costa: uma visão romântica da Revolução. In.: _____. (Org). *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Ed. FURG, 2000. p. 123.

¹⁶ MOREIRA, Alice Campos. O discurso poético de Lobo da Costa: Excerto da Tese de Doutorado Lobo da Costa: fixação do texto poético. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1, março de 1990.

¹⁷ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 9, p. 293.

¹⁸ Ibidem, p. 292.

mas que muito contribuíram para a literatura de imprensa, também obtiveram destaque, tais como: Francisco Antunes Gomes da Costa, Fernando Osório, José Inácio Arnizaut Furtado, Artur Lara Ulrich, Carlos Bandeira Renault, Alberto Borges Soveral e Laranja Filho. A referida antologia serviu de tema para o artigo de crítica literária escrito por Paulo Marques, e veiculado no jornal *Arauto das Letras*.

O ficcionista e poeta Paulo Marques de Oliveira Filho condenou veementemente a corrente metafísica, batalhando em defesa do Realismo positivista que os tempos do final do século XIX anunciavam, constituindo-se, portanto, na figura mais discutida do grupo pelotense. No final do século XIX, as idéias de Augusto Comte estiveram amplamente difundidas, sobretudo na Província do Rio Grande do Sul, entre os militares e a escola realista, além dos muitos intelectuais que se identificavam com a doutrina positivista. O próprio Paulo Marques publicou um artigo no jornal *Tribuna Literária*, de 1882, sob o título “Como se interpreta o positivismo”, no qual defende o Realismo e combate o Romantismo – o qual, segundo ele, corrompe e excita as consciências mais puras. Novamente, no mesmo ano, em crítica literária publicada no *Arauto das Letras*, louvando o amigo Paula Pires, Paulo Marques declara-se seguidor das idéias de Comte. Dentre os seus trabalhos o que provocou escândalo literário foi o romance *Vênus ou o Dinheiro*, publicado em folhetim pelo jornal *Onze de Junho*, entre setembro e novembro de 1881. A polêmica decorreu em função de tratar-se do romance mais atrevido de todos os publicados no século XIX, em terras do Rio Grande. O enredo do romance era típico do Realismo, com a preocupação de identificar no adultério feminino os erros de uma sociedade decadente, vítima da neurose romântica. O mesmo tema se encontra, na época, nas produções literárias de Zola, Flaubert, Eça de Queirós e Machado de Assis, conforme a afirmação de Guilhermino Cesar¹⁹. Isso demonstra que os escritores pelotenses liam e seguiam os mais renomados mestres da literatura, além de provar também que, apesar de Pelotas ter iniciado as suas atividades culturais um pouco mais tarde, em relação à Porto Alegre e Rio Grande, conseguiu se recuperar e acompanhar o desenvolvimento literário da Província.

O estilo seguido por Paulo Marques, no romance citado, foi mantido durante todas as outras publicações que fez em prosa, conforme é possível observar em: a comédia *Por causa de um chapéu de sol*, encenada em dezembro de 1881, no Teatro Sete de Abril; o conto *A nora do banqueiro*, divulgado pelo semanário *Arauto das Letras*, em 1882; além

¹⁹ *Ibidem*, p. 331.

de um bom número de poemas publicados em jornais entre os anos de 1881 e 1884. Guilhermino Cesar caracteriza-o como “a figura mais discutida do grupo pelotense, na época do Realismo.”²⁰, devido à sua ousadia, ao destemor e ao talento precoce. A produção literária de Paulo Marques despertou reações violentas, como o próprio autor comenta, em texto publicado no *Arauto das Letras*:

Hão de estar lembrados da tempestuosa questão que se levantou ahi pelos jornaes que se publicão na bella cidade de Pelotas, após á publicação do meu ultimo romance *Venus*, feita em folhetim, no *Onze de Junho*.

Um anonymo bastante audacioso e ignorante, sim, porque só a ignorancia tem o tolo capricho de vêr as cousas com os olhos vendados, querendo erguer-se á critica altura de critico, não só, em vez de cumprir a missão que se impoz, passou-me uma tremenda descompostura como tambem calumniou-me. E tudo isso porque eu apresentei á sociedade a sua photographia real, tal qual ella é.²¹

No entanto, uma análise do cenário moral e social do tempo em que foram escritas tais obras, e a observação a respeito da rivalidade entre as tendências literárias da mesma época, possibilita perceber o envolvimento do autor com o comportamento da sociedade pelotense, além da visão realista em relação a mesma.

Guilhermino Cesar comenta que Paulo Marques, Paula Pires, Pedro Osório e Laranja Filho, entre outros, scandalizaram o meio literário do século XIX “com sua ficção atrevida, soco na ponta do nariz romântico, despertando a cidade de sua modorra digestiva”²². Este comentário pode ser comprovado através dos artigos de doutrina, poesias - cujo tema era a evolução da humanidade -, crônicas e contos - que tinham por cenário cenas de alcova e de bordel -, todos publicados nos jornais *Tribuna Literária* e *Arauto das Letras* que transmitiram o desafio dos positivistas.

Na penúltima década do século XIX, a literatura ativa da cidade de Pelotas contou com a publicação paralela de escritores como Lobo da Costa e Paulo Marques - um, expoente do Romantismo; o outro, precursor do Realismo no Rio Grande do Sul. Ambos estilo literários provocaram, cada um a seu modo, uma agitação incomum no meios culturais da cidade, além de mostrar o momento de transformação pelo qual a mentalidade da sociedade pelotense estava passando. Esse período final do século XIX registra a

²⁰ Ibidem, p. 330.

²¹ *Arauto das Letras*, Rio Grande 7 jan. 1883, ano II, n.2, p.2.

²² CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 3. p. 332.

metamorfose cultural, social e mental expressa por meio da literatura de imprensa e deixa claro a grande importância que a atividade jornalística, vinculada à literatura, teve para a organização de tal sociedade. Entretanto, o período de transformação literária vivido pela cidade de Pelotas foi intenso e rápido, pois quando João Simões Lopes Neto despontou, no segundo decênio do século XX, a cidade, seguindo o momento literário pelo qual passava o Rio Grande do Sul, já não apresentava mais a mesma desenvoltura intelectual representativa de uma época em que a cultura atingiu o seu apogeu em manifestações literárias. Ainda assim, Simões Lopes Neto ganhou destaque na literatura do Rio Grande do Sul, e foi considerado pelos críticos literários um grande escritor regionalista. Antes dele, o autor Alberto Coelho da Cunha, sob o pseudônimo de Vítor Valpério, que atuou como colaborador nas revistas *Arcádia* e *Partenon Literário*, foi considerado um precursor no regionalismo literário pelotense ao retratar com fidelidade o ambiente das charqueadas - posto que conhecia bem tanto o trabalho saladeiril quanto o sofrimento dos negros: era filho do Barão de Correntes, afinal, um grande charqueador. Simões Lopes Neto, a seu tempo, buscou representar, com fidelidade literária, o ambiente rural da Campanha rio-grandense, em sua fase heróica. Mario Osório acredita que muitas das histórias que o autor escreveu tenham sido recolhidas do convívio com o pai, Catão Bonifácio²³. Entre elas, a versão da lenda da *Salamanca do Jarau*. Essa suposição deve-se à forte tradição da literatura oral, cultivada por muito tempo, principalmente, na região do interior do Rio Grande do Sul.

João Simões Lopes Neto foi criado na Estância São Sebastião, propriedade herdada por seu pai. O avô, João Simões Lopes - Visconde da Graça, era um homem esclarecido, tendo seu nome ligado à história da Biblioteca Pública Pelotense. O Visconde casou-se duas vezes e dessas uniões resultaram 22 filhos, sendo que o mais campeiro foi Catão; todos os outros filhos varões do visconde receberam educação superior. Simões Lopes Neto exerceu em sua terra natal várias atividades. Apesar de ter assegurado seu lugar na história do Rio Grande do Sul e no cânone nacional como escritor, iniciou sua vida como professor, depois foi notário, conselheiro municipal, funcionário federal, comerciante e durante toda a sua vida, jornalista.

Para recompor o patrimônio literário do município de Pelotas, deve-se levar em conta o trabalho dos escritores estrangeiros que vieram para esta região sul, como Antônio José Domingues, português, e Carlos von Koseritz, alemão. Ambos foram os dois

²³ MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 11. p. 134.

primeiros estrangeiros a publicar em Pelotas, durante a década de 1850. De acordo com Mario Osório, Antônio José Domingues veio para o Brasil aos 16 anos de idade. Conhecia idiomas e era apaixonado pelo latim, dedicando-se ao magistério e à poesia²⁴, influenciou poetas rio-grandenses, tais como: Delfina Benigna da Cunha e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas. Além de poesias esparsas e de discursos laudatórios que fez imprimir na tipografia *Imparcial*, compôs o poema *O suicida salvo pelo amor e pela amizade*, editado em 1858 no Rio de Janeiro, e colaborou na imprensa pelotense.

Quanto a Carlos von Koseritz, Guilhermino Cesar conta ter nascido na Alemanha e vindo para o Brasil auxiliar nossas armas contra Rosas. Em Pelotas, desertou da legião alemã em 1851, permanecendo na cidade até 1864, onde criou um colégio e tornou-se professor, escriturário e jornalista. Na mesma cidade ainda casou-se e publicou seus primeiros livros, incursionando pelo gênero didático, pelo romance, pelo teatro e pelas traduções²⁵. Koseritz destacou-se mais no âmbito da produção literária jornalística, em que divulgou seu pensamento renovador em obras de menor vulto, ou em trabalhos de simples divulgação, bem ao alcance do público a que se destinava, conforme afirma Guilhermino Cesar²⁶. Ainda assim, entre os anos de 1858 e 1860, escreveu mais de dez livros e foi o responsável pelo prefácio do livro *Poesias Alemãs*, de Bernardo Taveira Júnior; e pela introdução das *Poesias*, livro póstumo de Clarinda da Costa Siqueira.

Cultuando as letras, os descendentes de barões e os intelectuais da classe média puderam não só exercitar uma atividade cultural, mas também, participaram da elaboração da cultura enquanto acrescentavam as suas idéias. A criação local proliferou muito mais na produção de livros do que nos outros setores, tais como o da música e o das artes plásticas, uma vez que o século XIX foi propício aos discursos. No entanto, a sociedade pelotense destacou-se, também, na imprensa escrita. Pelotas está diretamente ligada ao início do jornalismo brasileiro, pois em 1808 foi fundado em Londres o jornal *Correio Braziliense*, dirigido e redigido por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça – Patrono da imprensa brasileira – que, embora tenha nascido na Colônia do Sacramento, foi educado na cidade de Pelotas, onde viveu dos 3 aos 18 anos de idade, conforme esclarece o historiador Mario Osório²⁷. O mesmo afirma ainda, que Pelotas iniciou a sua atividade cultural com

²⁴ Ibidem, p. 265.

²⁵ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 3. p. 250.

²⁶ Ibidem, p. 256.

²⁷ MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 11. p. 243.

atraso de 24 anos em relação a Porto Alegre, que lançou o primeiro jornal da província, *Diário de Porto Alegre*, em 1827; e de 19 anos em relação a sua cidade vizinha, Rio Grande, que publicou *O Noticiador* em 1832. O primeiro jornal da cidade de Pelotas foi *O Pelotense*, que começou a circular em 1851, fundado por Cândido Augusto de Mello. Para esse atraso, o historiador aponta uma possível explicação: Pelotas demorou mais tempo para consolidar um núcleo urbano, enquanto que em Rio Grande e Porto Alegre esse processo foi mais rápido e possibilitou, assim, a veiculação dos jornais locais.

Na cidade de Pelotas, durante o século XIX, a pequena imprensa atingiu grande desenvolvimento e manteve o propósito de moralizar a sociedade, controlando os hábitos culturais e direcionando as opiniões com relação aos assuntos políticos e econômicos. Em meados do século XIX, os jornais pelotenses foram célebres. Dentre os que mais salientaram-se estão: *O Pelotense*; *O Brado do Sul*, editado por Domingos José de Almeida; o *Jornal de Pelotas* do alemão Carlos Koseritz; o *Correio Mercantil*, em que trabalhou Simões Lopes Neto; *O Cabrion* e *A Ventarola*, jornais ilustrados; *A Discussão*, que prestou grandes serviços à campanha abolicionista; o *Diário Popular*, ainda em circulação; e a *Opinião Pública*, fundado por Teodósio de Menezes. Dentre as revistas, destacaram-se o *Almanaque de Pelotas* e a *Ilustração Pelotense*, dirigida por Coelho da Costa.

Outros jornais, embora menos famosos, utilizaram nomes mais estranhos e pitorescos, como *Zé Povinho*, *Cavação*, *Pervigil*, *Invisível*, *Bilontra*, *Psiu*, *Ferula*, *Micuim*, *Investigação*, *Amolador* e *Indiscreto*. Além desses, havia também a grande circulação de jornais literários que deixavam claro o seu estilo jornalístico expressos por meio dos nomes: *Progresso Literário*, *Álbum Literário* e *Tribuna Literária* entre outros.

Quanto à cultura de imprensa, do extremo sul da província, no final do século XIX, é importante ressaltar que a cidade de Pelotas não estava sozinha na preocupação com os valores morais, sociais e culturais da população sulina - isso porque havia uma integração bastante forte entre os intelectuais da cidade de Pelotas e de Rio Grande. Essa afirmação é comprovada face aos jornais literários da época, ou mesmo face à uma lista variada de escritores e poetas rio-grandinos e pelotenses que colaboravam para a circulação de um mesmo semanário; como foi o caso do jornal *Tribuna Literária*, produzido na cidade de Pelotas, mas que recebeu a colaboração de textos de autores rio-grandinos; e *Arauto das Letras*, jornal literário que constitui o *corpus* deste trabalho, e que era produzido na cidade de Rio Grande, contando com a colaboração de autores pelotenses.

Sendo assim, a imprensa escrita da região sul do Estado marcou o século XIX, estando responsável pela propagação dos ideais e pela renovação do pensamento em uma sociedade em vias de se organizar, pretendendo igualmente atingir o desenvolvimento cultural do povo. Francisco das Neves afirma que o jornalismo escrito, desde o princípio, tem exercido um significativo papel ao longo das diversas transformações sociais. A importância dada ao veículo de comunicação deve-se ao objetivo do mesmo, posto que os textos veiculados na imprensa são voltados a fiscalizar, criticar, atacar, apoiar, censurar, enfim a dominar as relações sociais, agindo como um elemento determinante da formação histórica das sociedades²⁸. Nestor Ericksen, ao comentar o surgimento do primeiro periódico rio-grandense, *Diário de Porto Alegre*, apresenta uma nota divulgada pelo mesmo jornal que justifica a importância e posterior aceitação da imprensa entre os leitores:

fazendo-se dignos de respeito e considerações todos aqueles que procuram promover a instrução pública, como o mais seguro modo de tornar os homens bons, e felizes; e sendo a imprensa o meio mais fácil de comunicação de pensamento, e o mais preferível de todos os métodos para os Povos adquirirem os conhecimentos, que são inerentes à sua prosperidade [...] ²⁹

O texto de nota apresentado assume a postura confiante de quem está chegando para ajudar a organizar a sociedade, instruí-la e guiá-la. Talvez tenha sido este tom imperativo e otimista uma das razões que levou o público leitor a popularizar o jornal, chegando a denominá-lo de ‘quarto poder’. Francisco das Neves comenta que a importância dos jornais na organização da sociedade e na construção da opinião pública deu-se, também, através das folhas não-diárias, de circulação irregular e de curta sobrevivência.

²⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa e História*. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. p. 15.

²⁹ ERICKSEN, Nestor. *O 60º aniversário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977. p. 17-18.

O jornal *Arauto das Letras* – 1882-1883

O jornal *Arauto das Letras* circulou durante o período de dois anos, compreendido entre 1882-1883, na cidade do Rio Grande e de Pelotas. O mesmo era de propriedade da família Mello, representada por Octaviano A. de Mello, filho de Revocata dos Passos Figueiroa de Mello e de João Gomes de Mello, e irmão das poetisas Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Apesar de sua origem rio-grandina, o jornal também foi lido na cidade de Pelotas.

Pode-se dizer que a integração cultural existente entre ambas as cidades mencionadas, ao menos no âmbito dos jornais literários, era bastante forte. Essa afirmação baseia-se na constatação de que a imprensa literária atuava simultaneamente nas duas cidades do extremo sul gaúcho, durante o final do século XIX, tendo como responsáveis escritores rio-grandinos e pelotenses que colaboravam com textos literários, publicando-os em folhas de várias cidades sul-rio-grandenses e formando o sistema literário da zona sul do Estado.

Além da revista literária *Arcádia* (1867-1870), como exemplo da aproximação das cidades vizinhas, Rio Grande e Pelotas, no que tange os jornais literários, observou-se que, em janeiro de 1882, na cidade de Pelotas, José Gomes Correa fundou o jornal *Tribuna Literária*, contando com a colaboração de escritores como Francisco de Paula Pires, Paulo Marques, Laranja Filho, Damasceno Vieira, Candida Abreu, Luiza Cavalcanti Filha, entre outros; e de escritores rio-grandinos, tais como, Armando S., Julieta Monteiro identificada também pelo pseudônimo Marieta, Revocata Heloisa de Mello, além do agente do jornal, João Batista Martins de Freitas, que cuidava das notícias locais e da circulação do jornal na cidade do Rio Grande.

Nota-se que a redação do *Tribuna Literária* era composta pelos mesmos escritores rio-grandinos e pelotenses que, posteriormente integrariam o jornal *Arauto das*

Letras. Outro fato que aproxima os dois jornais mencionados foi que muitos colaboradores do *Tribuna Literária*, além do próprio dono, mudaram-se para Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, todos no mesmo período compreendido entre os meses de março e abril de 1882. Os colaboradores pelotenses e rio-grandinos que permaneceram vinculados ao jornal precisavam se reorganizar e, ao cabo de três meses, deram início à publicação do *Arauto das Letras*.

O semanário *Arauto das Letras* surgiu em agosto de 1882, tendo por gerente Severino F. Gonçalves. Além deste, contava com a colaboração de vários autores rio-grandinos, dentre os quais: Eduardo Lobo, Leopoldo Chaves, Pinto Moreira, Aurelio Forte, P. T. d’Almeida e Lélío – identificado também por L – que escrevia poemas em língua espanhola. O jornal *Arauto das Letras* contou com a colaboração dos autores pelotenses Francisco de Paula Pires – que utilizava os pseudônimos Marylandico e P. P., Francisco Lobo da Costa, Mathias Guimarães, Candida Abreu, Luiza Cavalcanti Filha, Moriwald Costa, Praxedes da Costa, Ollem, Paolo de Morangis – pseudônimo de Ignacio Moreira - e Paulo Marques, que na época encontrava-se no Rio de Janeiro, afastado de Pelotas desde janeiro de 1882, devido a uma enfermidade.

Há semelhança também entre o nome dos jornais, indicando a intenção dos mesmos. Nesse sentido, é possível perceber que *Tribuna Literária* identifica-se como um lugar de destaque às pessoas importantes, na visão estrutural e representativa da sociedade gaúcha, que querem tratar de assuntos literários, e *Arauto das Letras* designa aquele que anuncia a guerra e proclama a paz, tornando públicas as idéias de renovação. Dessa forma, vê-se que a intenção de ambos era a mesma. A relação análoga entre as linhas gerais dos programas dos periódicos em questão, torna mais clara e evidente a aproximação dos dois jornais, e logo, das duas cidades gaúchas, no que abrange os ideais defendidos: o *Tribuna Literária* tinha o intuito de demonstrar a importância da educação literária e científica na vida das pessoas, principalmente dos jovens; enquanto o *Arauto das Letras* propôs: “A Liberdade pela Instrução!” [...] Na época de transição porque atravessamos, é justamente de obreiros, que precisa a grande obra do nosso desenvolvimento intellectual.”¹. Guilhermino Cesar tece comentários em que também é possível perceber a semelhança entre os dois jornais, como, por exemplo, quando aponta Paulo Marques como uma “peça forte, que fez época - despertando reações violentas como as que nos dá notícia [...] n’O

¹ Programa do jornal *Arauto das Letras*, Rio Grande, 06 de agosto de 1882, ano I, n.1, p. 1.

Arauto das Letras, o jornal literário desse grupo destemido.”². O grupo a que se refere Guilhermino Cesar é o mesmo a compor o *Tribuna Literária*, formado por Paulo Marques, Paula Pires, Laranja Filho, entre outros escritores naturalistas e positivistas. Em outra observação feita pelo mesmo crítico, tem-se:

[...] a *Tribuna Literária* e *Arauto das Letras*, da mesma cidade, transmitiram o desafio dos ‘positivistas’, como se chamavam então os discípulos de Zola naquelas paragens. E estampavam artigos de doutrina, poesias celebrando a evolução da humanidade, crônicas de alcova e de bordel.³

A respeito desse fragmento, pode-se dizer que a única falha do crítico foi considerar os dois jornais como procedentes da mesma cidade, pois constatou-se, através de pesquisa realizada, que o primeiro jornal tem origem na cidade de Pelotas; e o segundo, em Rio Grande. Quanto ao restante do comentário, observa-se Guilhermino Cesar aproximar os jornais quando afirma que ambos “transmitiram o desafio dos positivistas” e quando cita o tipo de material e de idéias veiculadas pelos dois jornais. A partir do que foi demonstrado, pode-se perceber que entre Rio Grande e Pelotas havia uma integração literária. Por esse motivo, o jornal publicado em uma da cidade era lido na outra sem quaisquer problemas - ao contrário, os escritores da cidade vizinha colaboravam com seus trabalhos literários, enviando-os para publicação.

Através da descrição histórica do *Tribuna Literária*, percebe-se igualmente que o *Arauto das Letras* pode ser considerado uma continuação do semanário anterior. A diferença entre os dois jornais literários está pautada, apenas no período de duração; uma vez que o primeiro semanário circulou por pouco tempo, pois o *Tribuna Litteraria* publicou apenas 17 números, distribuídos semanalmente, sempre aos domingos, entre os meses de janeiro e abril do ano de 1882. Há pelo menos, três possíveis respostas para o curto período de circulação do jornal mencionado: a primeira baseia-se no fato de que, em geral, as publicações voltadas mais especificamente à literatura dependem de um mercado imprevisível, que possui um público leitor restrito e específico; a segunda, está pautada na falta de patrocinadores que poderiam gerar anúncios comerciais a fim de sustentar um jornal pequeno; e a terceira refere-se ao pouco número de assinantes que o jornal

² CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 331-332.

³ *Ibidem*, p. 332.

conseguiu. No século XIX, a preocupação com leitores que assinassem o jornal era bastante forte e identificável, pois logo no cabeçalho da primeira página havia uma tabela correspondente ao valor da assinatura e ao endereço do escritório para que os interessados pudessem entrar em contato. Já o *Arauto das Letras* foi uma publicação de média duração, circulando semanalmente, durante dois anos, quase sempre aos domingos; tendo somado 36 números. O mesmo contava com alguns poucos anúncios, mas que fizeram a diferença para mantê-lo em condições de publicar seus textos.

A assinatura do *Arauto das Letras* custava 1\$000 por mês. Quanto ao término do jornal, não foi possível apurar os motivos, mas acredita-se que algo muito sério ocorreu porque, no penúltimo número encontrado, há, na seção *Expediente*, um pedido de desculpas aos assinantes pelo jornal não ter circulado durante o mês de maio, devido aos problemas de saúde enfrentados pelo proprietário do jornal. Infelizmente, não foi possível descobrir a data da última publicação do semanário, uma vez que foi encontrada apenas a página final, na Biblioteca Pública Pelotense – inclusive em relação à consulta do material, é importante ressaltar que somente na cidade de Pelotas foi possível encontrar exemplares do *Arauto das Letras*. A Biblioteca Rio-Grandense não possui essa coleção e, segundo os historiadores Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil⁴, não há registro desse jornal nos acervos da cidade de Porto Alegre.

O *Arauto das Letras* era composto por quatro páginas de formato pequeno (22 X 33), nas quais distribuem-se nove colunas. A primeira página traz, em geral, ensaios a respeito do comércio, da política ou da educação - fosse escolar ou não -, além de informações a respeito das cidades de Rio Grande e/ou Pelotas, do jornal ou de alguma pessoa influente na comunidade sul-rio-grandense. Em alguns números aparece, ainda na primeira página, a seção *Folhetim do Arauto das Letras*. Também há contos, de forma alternada, entre a primeira e a segunda página, sob o subtítulo de *Variiedade*; artigos e às vezes contos sob o subtítulo de *Colaboração*; e, em alguns poucos números, o início da seção intitulada *Literatura*, contendo um conto ou um poema isolado. Entre a segunda e a terceira página está disposta a coluna: *Crônica*, que trata, em geral, de assuntos das sociedades culturais rio-grandina e pelotense. E, entre as duas últimas páginas, encontram-

⁴ SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto Grassi. Onde pesquisar jornais em Porto Alegre. In.: ALVES, Francisco das Neves. (Org). *Imprensa e História*. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. p. 80-90.

se a *Seção Poética* e o *Expediente* do jornal; e em alguns números, as colunas *Aviso* e *Anúncio*.

O jornal não apresenta, em nenhuma das suas edições, gravuras como as que figuravam em outros jornais da época. No entanto, há dois exemplares que receberam destaque: o de número 7 do ano de 1882, apresentando bordas largas e pretas, em razão do falecimento de Revocata dos Passos Figueiroa de Mello. Esse número foi excepcionalmente impresso na tipografia do jornal *Comercial*, - diariamente o jornal era impresso em tipografia própria, e a gerência tinha o escritório localizado à Rua Conde de Porto Alegre nº 160, mudando-se em seguida para a Rua Yatahy nº 69, conforme avisos publicados na seção *Expediente*, nos dias 10 set. 1882 e 01 out. 1882. No ano seguinte, o número 14 do ano de 1883 também apresentou variações na impressão: em folhas cor de rosa, conteve, em grande maioria, textos que homenageavam a pequena atriz Julieta dos Santos. Dessas edições especiais, participaram com crônicas e poemas elogiando a atuação da artista no teatro, não apenas os redatores e colaboradores habituais do jornal, como também alguns leitores e algumas fãs de Julieta dos Santos, que enviaram os seus versos para a redação do jornal.

Quanto à variedade e quantidade de produções literárias veiculadas pelo semanário, pode-se observar que os escritores estavam literariamente ativos, pois somam 111 poesias, 44 crônicas, 37 sonetos, 32 contos, 20 poemas em prosa, 6 cromos, 5 pensamentos, 5 ensaios, 4 acrósticos, 3 transcrições, 3 cartas, 2 genetlíacos, 2 barcarolas, 1 ode, 1 dístico, 1 anagrama, 1 crítica literária extensa e 1 folhetim com poucos números e incompleto, devido à morte da autora Revocata dos Passos Figueiroa de Mello. A poesia e o conto são os gêneros literários de maior circulação no *Arauto das Letras*, sendo que, na poesia, a forma fixa de maior destaque é o soneto. Para tentar explicar a preferência por esse tipo de estrutura poética, pode-se recorrer tanto ao classicismo quanto ao parnasianismo: ao primeiro, porque alguns dos poetas significativos a terem grande parte de seus poemas publicados no jornal, ainda seguiam à sombra de poetas clássicos - este é o caso, por exemplo de Mathias Guimarães -; outra explicação contempla o futuro, quando o soneto ressurgiu como uma estrutura típica do parnasianismo, que estava sendo empregada dentro da escola romântica de maneira paradoxal - pois o Romantismo se notabilizou exatamente por combater toda e qualquer forma fixa. A aceitação do parnasianismo na cidade de Pelotas, já na década de 1880, pode ser justificada a partir da leitura realizada por vários escritores, como os colaboradores do *Arauto das Letras*, de obras publicadas no

Parnasse Litteraire, antologia publicada na França desde 1866. Como o Parnasianismo significava um forte movimento de estética literária, foi incorporado à poesia que veiculava através do jornal.

Contudo, é importante lembrar que o estilo parnasiano fazia-se presente apenas na forma de alguns poemas. Já os seus temas, que estão voltados mais para a sociedade urbana, são predominantemente românticos. Tratam de amor; culto à natureza local; saudade da terra natal ou do passado, representado pela infância e pela família; exaltação de figuras heróicas, ou mesmo locais, de representatividade na sociedade regional, instrução pública; e, principalmente, do comportamento feminino como forma de manual de conduta moral, aconselhando e alertando as mulheres dos seus deveres e procedimento na sociedade.

Dentre os poemas veiculados pelo *Arauto das Letras*, chamam a atenção os escritos por um autor, até então desconhecido, identificado apenas pelos pseudônimos Lélío, L. ou *** que compôs poemas em duas línguas, espanhola e portuguesa, sendo que a predominante era a estrangeira. A respeito dele só foi possível descobrir que sua terra natal era Montevideú. Seus temas preferidos relacionavam-se à política e ao amor.

Em relação aos contos, a maioria deles trata de exemplos de personagens femininas que se desviaram das normas de comportamento moral. Já os poemas tratavam com muito sentimentalismo, das mulheres comportadas, boas filhas, esposas e mães dedicadas que ficavam em casa cuidando do lar e da família, enquanto o homem trabalhava, no campo ou na cidade, para sustentá-los. A mulher também aparece junto à natureza numa forma de igualdade, devendo ambas serem admiradas e respeitadas da mesma forma. Assim como a “*mãe - natureza*” sempre foi considerada pelos ideais românticos um marco original, não apenas de uma nação como também das regiões, a mulher, de maneira semelhante, dá vida aos filhos e mantém a ordem dentro do lar. O tema religião também foi somado aos dois últimos, formando a tríade mulher-natureza-religião, que deveriam sempre estar juntos. Dessa forma a mulher seria naturalmente religiosa, seguiria os princípios de Deus, obedecendo-o e temendo-o, enquanto os homens expressavam publicamente, através dos jornais, o comportamento moral adequado à sociedade. Conforme Antonio Candido, eles agiam como mensageiros divinos despertando a sensibilidade para o mundo através de um espiritualismo mais ou menos indefinido⁵.

⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. 2º vol. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 17.

Havia também a marca realista no jornal *Arauto das Letras*, que procurava representar com mais veemência e naturalidade os fatos sociais, fazendo-se presente nas denúncias de hipocrisia social e também religiosa, como o exemplo do conto *Um frade antropophago* – Notas de um formigão, de Leopoldo Chaves. Além de inovar o texto com críticas a membros da Igreja Católica, enquanto denuncia o pecado da gula cometido por um frei, ainda mescla o gênero narrativo com o dramático, pois o conto termina em forma de peça teatral e tem um desfecho de caráter burlesco que acentua o tom irônico e crítico. Apesar do forte emprego da temática romântica nos poemas, é possível perceber a tendência da literatura, veiculada pelo *Arauto das Letras* ao realismo social que se instalou oficialmente no Brasil por volta de 1880 e, ainda, no Rio Grande do Sul alguns anos mais tarde.

O jornal publicou também os ensaios de crítica literária de Paulo Marques, nos quais o autor, além de expor a sua opinião a respeito do livro *Pindo Rio-Grandense*, de Francisco de Paula Pires, defende-se da crítica recebida após a publicação do seu romance intitulado *Vênus ou o Dinheiro*. Na época em que esses ensaios críticos circularam, a crítica literária sul-rio-grandense estava ainda na primeira fase, mas a sua divulgação, na província do Rio Grande do Sul, estava crescendo por meio da literatura publicada pela imprensa. A crítica expressa no semanário aborda assuntos literários e sociais, isto é, revela e critica a hipocrisia da sociedade que só apoia um escritor se tiver dinheiro, conforme expõe, em tom de irritação, Paulo Marques, autor das “Cartas Fluminenses”:

O litterato no Brasil só tem valor, só adquire nome, só tem o misterioso poder de romper a cortina nauseabunda da indiferença, quando a par de seus manuscriptos, rolem notas do thesouro, essa magica chave que abre a doirada porta que conduz aos salões da popularidade e do renome, sem a menor difficuldade.⁶

A partir desse excerto da crítica literária impressa no *Arauto das Letras*, verifica-se que o jornal tinha o intuito de renovar o pensamento da sociedade leitora a qual se dirigia, na intenção de fazê-la perceber a importância do escritor e dos estudos, em geral, para o desenvolvimento e crescimento intelectual da região. É possível observar, também, o comprometimento cultural e social que o crítico literário, bem como a literatura

⁶ MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n.17, p.2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n.18, p.2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n.19, p.2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n.20, p.2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n.1, p.2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.2.

e as artes, mantinham com a sociedade no final do século XIX. Através dos jornais, escritores e críticos estabeleciam o contato com toda a espécie de público leitor, instruindo-o e explicando-lhe as complexidades da transformação econômica, social e religiosa, ajudando-o a refletir. Na verdade, o leitor passava a ser moldado através do dogmatismo intelectual do crítico.

Conforme Carlos Alexandre Baumgarten, os autores que estavam iniciando a circulação de ensaios críticos no Rio Grande do Sul, queriam eleger a originalidade como condição indispensável para consolidação de uma expressão literária nacional e autônoma. Partindo dessa idéia, estabeleceram objetivos para a atividade crítica. São eles: adaptação da literatura à natureza brasileira, afastamento dos modelos literários europeus, tematização dos aspectos referentes à realidade sócio-política brasileira e a produção de uma literatura que fosse expressão do clima e dos costumes brasileiros⁷.

As produções literárias que compõem o *Arauto das Letras* documentam o contexto social e regional em que está inserida a sociedade, com seus hábitos e sua cultura, expressando principalmente a preocupação com a conservação da moral de seus leitores. Agindo como uma espécie de manual de boas maneiras, o jornal era o responsável pela ordem política e moral dessa sociedade que procurava se consolidar de forma independente. As obras que circulavam na imprensa sul-rio-grandense da época estavam imbuídas de uma ideologia moralizante, visando a estabelecer uma base sólida de valores sociais. Esses princípios deveriam atingir toda a sociedade, não havendo veículo de comunicação melhor que o jornal para abranger todas as esferas sociais; divididas então em política, educacional e íntima ou familiar. Nesse intuito, o jornal se transformou em um forte meio de comunicação entre a sociedade e o poder intelectual, objetivando organizá-la. Através dele, o público leitor tinha a oportunidade de compartilhar suas opiniões enviando cartas à redação do jornal, pois era incentivado a expressar-se. Assim, os leitores participavam da constituição dos valores sócio-políticos da comunidade da região sul e, ao mesmo tempo, sem que percebessem, tinham seus comportamentos e opiniões observados e controlados pelos escritores.

A manipulação ideológica do jornal existe desde a época do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul, no ano de 1827. De acordo com Nestor Ericksen, durante o século XIX, os jornais possuíram uma visão caracterizada pelas tendências políticas,

⁷ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre p. 75.

assumindo um comportamento partidário e influenciando diretamente sobre a opinião pública de acordo com os interesses e conveniências de cada partido na discussão de todos os problemas⁸. Dessa forma, pode-se afirmar que os jornais estavam diretamente envolvidos com os problemas sociais e que, no início do funcionamento da imprensa na região sul, não havia espaço de destaque para a literatura nas folhas dos jornais. Nestor Ericksen afirma que os jornais literários começaram a surgir por volta da metade do século XIX. No entanto, também possuíam uma visão mais voltada ao partidarismo político e à divulgação de idéias de comportamento moral e social, do que propriamente à cultura.

Os jornais literários seguiam, de acordo com os trabalhos intelectuais desenvolvidos no Rio Grande do Sul, as idéias propostas pela *Sociedade do Partenon Literário*. Nesse sentido, é importante observar que a mesma possuía em seu programa, segundo Guilhermino Cesar, o propósito de estimular as atividades literárias, ao lado de outros tantos, tais como a convivência social, as boas maneiras e a defesa de certos princípios político-sociais⁹. A fim de lograr os seus objetivos, os sócios atuaram em diversas áreas da sociedade: literatura, política, magistério, jornalismo; influenciando a vida mental dos gaúchos.

A literatura e a crítica tiveram um papel importante quando representavam o elo entre a família e os acontecimentos sociais, e vice-versa, gerando novas formas de subjetividade através de uma incessante mediação entre as duas dimensões da vida social – a família e a sociedade política. Nessa relação, o alvo não era o poder, nem a posição social, mas a essência da razão civilizada: o homem, cuja sede é a instituição familiar.

Sendo a família considerada como o núcleo da sociedade, esta deveria assumir um comportamento impecável, pois o futuro do grupo social dependeria tão-somente das relações familiares. Observando essa necessidade contextual, a literatura e a crítica assumiram o comportamento moralizante e dogmático. Exemplos dessa afirmação são as produções literárias de colaboradores como Paulo Marques, Paula Pires, Armando S., Letles e Eduardo Santos, impressas nas colunas *Colaboração*, *Variedade* e *Seção Poética*, que compõem o *Arauto das Letras*. Os referidos autores abordam temas relacionados principalmente com o comportamento e a moral feminina, num sentido de causa e consequência, sendo que os textos, na grande maioria, apontavam para o final trágico das

⁸ ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977. p. 33.

⁹ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 2. p. 175.

mulheres que se desviavam do comportamento moral e social esperado. O conteúdo literário dessas obras continha uma mensagem em forma de aviso: a mulher que não mantivesse uma moral elevada dentro da sociedade, morreria sozinha, visto o mau exemplo social de sua conduta.

Alguns escritores, como Paulo de Morangis e Arthur Nesles, publicaram artigos no jornal tratando da importância da mulher para a sociedade; da evolução do seu ciclo vital: como filha, irmã, esposa e mãe, mostrando às leitoras o comportamento adequado diante desses papéis e incentivando-as a estudar para então ensinarem às suas filhas boas maneiras - incluindo a moral -, e aos filhos, valores que os tornassem homens respeitados na sociedade. No entanto, o autor Paulo Marques publicava crônicas criticando as mulheres que deixavam o lar em razão dos estudos. O autor afirmava que esse comportamento prejudicava os filhos e que a emancipação política e social da mulher feria o matrimônio e a família. Com isso, vê-se que os escritores da época estavam diretamente envolvidos com as questões sociais, e que essas constituíam motivo de inspiração tanto às produções literárias quanto às críticas que surgiam. A esse respeito, pode-se dizer que a crítica literária Catherine Belsey reforça a ideia ao comentar que a Literatura “é largamente considerada um reflexo da vida.”¹⁰, percebendo-se, contudo, servir este realismo em forma de reflexo - ideia defendida pela autora -, apenas à reprodução de situações indesejadas com mais veemência e naturalidade, sem o intuito de refletir sobre os problemas sociais, ou seja, havia a representação apenas da intenção e do pensamento do autor. No final do século XIX, a arte constituiu uma atividade voltada para a organização social, na qual eram expressos os sentimentos de maneira simbólica; e tais símbolos faziam com que o leitor revivesse a experiência original. “A arte superior é aquela que afeta grandes massas de humanidade, e os seus rasgos são morais, pois ao expressar o amor a Deus ou os sentimentos comuns do povo, ajuda o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.”¹¹. Essa citação de Enrique Imbert sublinha as afirmações anteriores e reafirma a ideia de as produções literárias apresentadas no *Arauto das Letras* voltarem-se ao desenvolvimento moral, além do cultural, da sociedade; seguindo o exemplo da literatura de sua época.

A sociedade, composta pelo leitor, era o elo temático que ligava a produção literária do jornal aos sujeitos criadores dos contos, poemas, ensaios e crônicas. Essa relação justifica o envolvimento, dos textos publicados no *Arauto das Letras*, com os

¹⁰ BELSEY, Catherine. *A prática crítica*. São Paulo: Signos, 1985. p. 22.

¹¹ IMBERT, Enrique Anderson. *Métodos de crítica literária*. Coimbra: Almedina, 1971. p.79.

assuntos sociais e políticos; pois a ficção do final do século XIX parecia apostar nas relações sociais e na interação entre indivíduo e sociedade, tendo como mediador a subjetividade do autor - este procurando apresentar mais o que julgava ser a verdade, do que persegui-la em si. Nesse processo, os gêneros literários também sofreram alterações e adotaram o estilo de representação do contexto social. A poesia apresentava-se como formal apenas na estrutura. A narrativa e o conto pareciam apenas transcrever uma série de acontecimentos, relatando um mundo concreto - ainda que ficcionalmente intencionassem mostrar, de forma transparente e partindo do exterior, o modo como as pessoas falavam e se comportavam. A história era direcionada inevitavelmente para o desfecho, que se constituía no restabelecimento da ordem. O momento do desenlace era o ponto em que os acontecimentos da história se tornavam completamente inteligíveis ao leitor, sendo também o ponto em que mais transparecia a ideologia do autor. Os contos apresentados no *Arauto das Letras* não possuem diálogos; há apenas a narrativa da história, que depende da ótica do autor, e portanto suas convicções. Esse apagamento do discurso facilita a cumplicidade do leitor com as idéias do autor e ainda faz com que aquele perceba a personagem como a fonte da ação, estando o bem e o mal por ela determinados. Segundo Catherine Belsey, o autor está aparentemente ausente do mundo de ficção¹². Entretanto, sabe-se que o autor constitui o narrador da situação, que acaba por direcionar o pensamento do leitor, a seu turno. Alice Campos Moreira afirma que há momentos em que o autor “oculta-se para dar ênfase à mensagem e estabelecer maior distância entre os protagonistas, que o serve ao propósito de apresentar [...] a imagem [...] de um dono de um saber superior, feito de intuição, que magistralmente transmite ao leitor.”¹³

O leitor, por sua vez, de certa forma compartilha com as personagens seus medos e esperanças, identificando-se com os vários tipos apresentados, justificando, assim, o fato de a natureza humana ser vista como um sistema de diferenças de caráter. Mas o autor, prevendo essa identificação do leitor com as personagens, organizou um sistema de ajustamento do caráter das personagens que se desviavam da ideologia social por ele adotada. Muitos foram os métodos em uso: a doença e a morte foram os mais recorrentes, pelo menos nas produções que veiculadas no *Arauto das Letras*. Esses métodos de reorganização da sociedade serviam de exemplo para os leitores da ficção literária do final

¹² BELSEY, Catherine. Op. cit. nota n. 9. p. 78.

¹³ MOREIRA, Alice Campos. O discurso poético de Lobo da Costa: Excerto da Tese de Doutorado Lobo da Costa: fixação do texto poético. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 13, março de 1990.

do século XIX. Os protagonistas, em tal período, aprendem pela experiência, geralmente dolorosa, adquirem o saber que o leitor já deveria ter – havendo a intenção de confirmar a sabedoria deste último.

Apesar de a crítica literária, naquele período, possuir um caráter bem mais amplo do que apresenta hoje, uma vez que a prioridade dos seus ensaios era orientar a vida social nos mais variados campos do conhecimento humano, os escritores preocupavam-se também com a elaboração de ensaios críticos direcionados à literatura como forma de desenvolvimento social. Ennio – pseudônimo de autor ainda não identificado -, publicou vários ensaios nos quais trata de elogiar e incentivar a mulher que estuda e obtém destaque no campo das artes. Para exemplificar, o autor sempre citava a poetisa rio-grandina Julieta de Mello Monteiro, apontando-a como um grande referencial para as mulheres, um exemplo de genialidade e dedicação aos estudos e à literatura. Já outros autores, como Alfredo Ferreira Rodrigues e Vieira da Cunha, dedicavam seus textos à defesa do trabalho e da instrução, afirmando que ambas ocupações levariam a sociedade à emancipação e ao desenvolvimento intelectual.

Com base na apreciação dos textos literários do jornal *Arauto das Letras* e dos ensaios críticos, será possível constatar que, no final do século XIX, mesmo sendo este o período do surgimento da crítica literária sul-rio-grandense, escritores e críticos, estavam diretamente voltados à sociedade, visando ao seu desenvolvimento em todos os setores. Tinham na imprensa escrita uma forte aliada, pois era através dela que seria possível controlar a opinião pública e os interesses da coletividade, objetivando o esclarecimento da sociedade a partir do dogmatismo dos textos literários. Isso, completa a idéia exposta pelo historiador Lloyd Kramer, mais de um século depois: “A literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativa para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência.”¹⁴.

¹⁴ KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In.: *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.131-173.

A poesia expressa no *Arauto das Letras*

O gênero lírico foi o que liderou em quantidade de produções veiculadas pelo semanário *Arauto das Letras*. A soma de poemas, sonetos e cromos passa de cem e pode ser considerada elevada em relação ao total de trinta e quatro exemplares do jornal. Muitos foram os poetas que contribuíram publicando seus poemas no *Arauto das Letras*, tais como Mathias Guimarães, Lelio, Armando S., Moriwald Costa, Alves Carneiro, Eduardo Lobo, Leopoldo Chaves, Praxedes da Costa, Tercilia Nunes, Octaviano Mello, P. T. d'Almeida, entre outros. No entanto, poucos atingiram o destaque regional obtido pela poetisa rio-grandina Revocata Heloisa de Mello e pelos pelotenses Paula Pires e Lobo da Costa. De acordo com a pesquisa realizada, foi possível observar que os poetas pelotenses tiveram grande participação na redação do jornal em questão, representando metade das produções literárias veiculadas nesse jornal.

Quanto aos temas abordados, nota-se que estes seguiam os já propostos pelo *Partenon Literário*, mantendo-se dentro da tendência romântica. Conforme descrito na lista de temas, anexa a essa dissertação, os mesmos foram divididos em nove classificações a partir do critério da íntima afinidade entre as temáticas: 1. Amor, dor, namoro, simpatia; 2. Natureza, bucólico, índio, regionalismo; 3. Mulher, sonho, lembrança; 4. Transcendência, religião, morte, vida, destino; 5. Crítica literária; 6. Saudade, exílio, solidão, passado; 7. Figuras históricas ou lendárias; 8. Sociedade, liberdade, trabalho, estudo, hipocrisia social; 9. Poética, fantástico, literatura, naturalismo e positivismo. Os temas: amor e mulher foram os mais versados nos poemas, estando presentes em mais da metade dos textos. Ambos eram tratados visando controlar o comportamento social, principalmente das mulheres, como observa-se no *Soneto*¹, de Mathias Guimarães:

¹ MATHIAS GUIMARÃES. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 3.

Eu fui bem louco em escutar-te as fallas
 Eu fui bem louco em escutar-te teu canto
 Mulher, eu soffro e é de dôr meu pranto !
 Folga, maldita, no prazer das salas !

Mancha teus seios nas impuras galas !
 Envolve o corpo no lascivo manto ...
 Da honra cospe no altar que é santo ...
 Contempla o vicio, sorridente e ... cala !

Pollue o labio em negra taça impura ...
 Ri-te do amor e da innocencia santa ;
 De Deus, da luz que no altar fulgura !

E vai além ... as saturnaes decanta ...
 Transpõe a porta da possilga escura ;
 - Vai-te, maldita, o teu sorrir m'espanta !.

O eu-lírico mostra o sofrimento por ter amado uma prostituta, não desejando, contudo, a morte dela; apenas lamenta o mau comportamento dessa mulher. Por fim, amaldiçoa-a e a quer longe de si. Nesse soneto vê-se a mulher sendo excluída da sociedade, vivendo escondida na escuridão e nos vícios. Devido a seu mau comportamento causa sofrimento ao homem, então arrependido por pecar também. E este é considerado um louco por acreditar nas falsas promessas de amor. A figura do homem surge como um ser ingênuo, sem assumir a parcela de responsabilidade na permanência da mulher na vida desregrada. A situação é invertida, quando o homem torna-se a vítima da mulher, que realmente está desamparada pela sociedade, mas é vista como a pecadora maldita.

O poema inicia com verbos no pretérito perfeito do indicativo, remetendo a uma ação acabada, e, portanto, mais distante do eu-lírico. No entanto, o restante do poema é composto por verbos conjugados no presente do indicativo, sinalizando estar a ação próxima da realidade, tanto do sujeito-lírico quanto do leitor. Através do 2º verso, pode-se inferir que o eu-lírico foi ‘encantado’ por uma mulher; tal como ocorria com os pescadores do mito da Sereia. Passado o encantamento, o homem percebe que foi enganado por aquela mulher que não era ‘santa’, pois ela “Envolve o corpo no lascivo manto .../ Da honra cospe no altar que é santo ...” e ainda, “Pollue o labio em negra taça impura .../ Ri-te do amor e da innocencia santa ”.

Soneto apresenta uma atmosfera escura, pois o ambiente representado é o de um bordel. Nesse sentido, observam-se os adjetivos “negra” e “escura”, que remetem à

falta da claridade. Somam-se a esses, os vocábulos “impura” e “possilga” que denotam sujeira e também lembram algo sombrio. O escuro, para a maioria dos poetas românticos, caracteriza a insatisfação do eu-lírico com alguma situação, podendo igualmente significar sua tristeza. O tom sonoro do poema lembra o lamúrio e o sofrimento acentuado pela forte presença dos fonemas nasais /ã/, /ẽ/ e /ĩ/, sendo que o ritmo é enriquecido pela rima ABBA, ABBA, CDC, CDC. A estrutura formal do soneto é composta por versos decassílabos com esquema rítmico 4-8-10, ou seja, ternário e, portanto, apropriado ao tom de confissão e arrependimento do eu-lírico.

Mathias Guimarães foi um dos poetas que mais publicou no *Arauto das Letras*. Além dos temas amor e mulher, versou sobre a morte e o progresso intelectual. A morte é vista como causadora de sofrimento e dor; no entanto, em alguns poemas, também é tida como uma forma de recompensa ou de solução para problemas impostos à vida - o que é possível constatar no poema *De noite*², no qual é abordada a história de uma criança órfã que morreu orando sob o túmulo dos pais:

Soluça o mocho nas ruínas
D'uma velha cathedral,
Geme o vento nos salgueiros
Com gemer triste e feral ;
Da lua o palor marmoreo
Inunda o campo e o val !

- E tu dormes ó creança
Sobre as flôres sepulchraes,
Adormeceste, talvez
Orando pelos teus pais !
Oh ! creança ! innocentinha
Talvez não te acordes mais !

Sim ... tens a fronte gelada !
Teu coração não palpita !
Teu rosto se decompõe ...
E tu eras tão bonita !
Morreste orando creança ...
Vaes pr' o céu ... Tu és bem dita ! .

A noite representa a morte e a tristeza pelo sofrimento e o fim da vida da pobre criança. O céu é mencionado como recompensa pelo sofrimento e pela dor em ter ficado só. Nesse poema, a criança morre pela falta do amor; o único amor que conhece - o

² MATHIAS GUIMARÃES. De noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n.3, p.3.

filial – a faz sofrer, devido à orfandade, e morrer. É importante destacar o tom triste que o poema expressa, através do vocabulário utilizado pelo eu-lírico para se referir à criança, como por exemplo o adjetivo afetivo “inocentinha”.

O poema inicia com os verbos ‘soluça’ e ‘geme’, que lembram o sofrimento e a dor. Logo após, o 4º verso fortalece a idéia com “gemer triste e feral”. Também as metáforas “palor marmóreo” (5º verso); “flores sepulcraes” (8º verso) e “fronte gelada” (13º verso), associadas às afirmativas “tu dormes” (7º verso), “adormeceste” (9º verso), “talvez não te acordes mais” (12º verso), “teu coração não palpita” (14º verso), “teu rosto se decompõe” (15º verso), “tu eras tão bonita” (16º verso) e “morreste” (17º verso), mostram a progressão existente no poema, que se encaminha para a morte da criança.

Em outro poema, intitulado *Nocturno*³, Mathias Guimarães apresenta novamente o amor como causa de sofrimento e de morte,

.....
 Pendida a fronte sobre o seio tinhas,
 Na face o véo da pallidez lethal ...
 Ai ! ó creança, que de amor definhas ...
 Ai tu feneces ... linda flôr do val !

E procurastes a umbrosa balsa ...
 Erraste, triste, sem destino e norte ...
 Do astro a luz que a pallidez realça
 Dava a teu rosto ... desmaiar de morte !

E proseguindo nesse andar sereno ...
 Qual espectro ... do luar a luz ...
 Curvaste a fronte, soluçaste um threno ...
 Oh Magdalena ... te abraçaste a cruz ! .

Dessa vez, a vítima é uma jovem que “de amor definha, fenece”. A presença da morte surge desde o título e percorre todo o poema, sendo expressa através das palavras “letal”, “definhas”, “umbrosa”, “morte” e “espectro”. A jovem, que protagoniza o poema, possui a aparência de um fantasma que vaga nos campos iluminados, conforme os versos 9 e 10. Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, é possível afirmar que o amor, para os românticos, constituía “uma entidade dotada de uma actividade que tende para o infinito [...] numa busca incessante do absoluto, embora este permaneça sempre como alvo

³ MATHIAS GUIMARÃES. Nocturno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n.6, p.3.

inatingível⁴”. A provável impossibilidade de atingir o amor absoluto causa a dor e o sofrimento e, de acordo com o eu-lírico do poema acima, causa também a morte através da qual surge a salvação.

Há igualmente referência a uma personagem bíblica, no último verso: “Oh Magdalena ... te abraçaste a cruz!”; nessa passagem, torna-se forte a tendência dominadora da moral da sociedade sul-rio-grandense do final do século XIX, por parte da literatura veiculada pela imprensa local. Essa afirmação deve ser considerada não esquecendo estar momento literário de 1882, voltado ao ultra-romantismo em todo o país e, no Rio Grande do Sul, que passava por um período de afirmação literária. Além disso, através dos poemas de Mathias Guimarães, pode-se perceber uma tendência byronista ao fazer uso dos temas amor e morte como fio condutor à liberdade - quando os protagonistas dos poemas, em geral, morrem por amor então são libertados do sofrimento.

Outro tema abordado por Mathias Guimarães foi o progresso intelectual. Esse não teve muita intensidade nas produções do poeta, mas constituía a intenção social do jornal *Arauto das Letras*, voltado a despertar nos leitores o interesse pelos estudos e, em especial, pela literatura. Dois poemas a esse respeito podem ser ressaltados, ambos denominados *O ideal*, tendo por mote quatro versos de Castro Alves: “ ... E o homem, vaga que nasce/ No oceano popular,/ tem que impedir os espíritos,/ tem uma plaga a buscar”. Esses versos fazem lembrar os ideais propostos pelo programa do *Arauto das Letras*: “ ... a bandeira do jornal será sempre aquella que um dia se desfralda no parlamento hespanol, pelo iminente tribuno Castellar: A Liberdade pela Instrução!” [...] “Na época de transição porque atravessamos, é justamente de obreiros, que precisa a grande obra do nosso desenvolvimento intellectual.”⁵

A tempestade descrita no poema pode ser interpretada como a revolução na mentalidade social que ocorria na época em que se desenvolviam as campanhas abolicionista e republicana. O final do século XIX foi como um “tufão” que remexeu o pensamento e as atitudes da sociedade como um todo:

.....
 Deixai passar a tormenta
 Deixai passar o tufão ...
 Ergue-te homem, tens medo?

⁴ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1968. p. 427.

⁵ Programa do jornal *Arauto das Letras*, Rio Grande, 06 de agosto de 1882, ano I, n.1, p. 1.

E és o rei da criação!!
 A tempestade se acalma,
 Vejo ali quebrada a palma
 D'uma palmeira gentil ...
 Emquanto além, nas alturas,
 Vejo nuvens, nuvens puras,
 Correndo n'um céu de anil!

Inda vejo-te abatido ...
 Já passou a tempestade!
 Brilha o sol lá no poente,
 Brilha o sol na immensidade!
 Não vez? o céu é tão puro!
 Porque tremes, palinuro,
 Da branca vaga ao fremir? ...
 Tu tens o peito arquejante ...
 Marinheiro, rema adiante ...
 Pela esteira do existir!

Conquista as terras de além
 Essa nova – Promissão ...
 Seja o teu norte – o trabalho,
 O teu sol seja a – instrucção!
 E vai, vai, ó marinheiro,
 Sópra o zephiro fagueiro,
 Vai em busca do ideal ...
 Ouvindo os carmes de Tasso,
 Cinge Milton n'um abraço ...
 Ouve o choro d'Allainval!⁶

O poema está estruturado todo em redondilha maior, com esquema rítmico binário em 4 -7, mantendo um tom musical apropriado à declamação. Nele o eu-lírico trata de induzir o leitor ao progresso intelectual tendo por “norte o trabalho” e por luz a instrução, a fim de iluminar a caminhada. O poema ainda invoca a presença de Milton⁷ e de Tasso⁸. Há uma aproximação com a obra desse último, intitulada *Jerusalém Libertada*,

⁶ MATHIAS GUIMARÃES. O ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 15, p. 3.

⁷ John Milton foi um dos pilares da cultura de língua inglesa. Sua épica renascentista se associa à sonoridade retórica e religiosa do barroco. Foi um dos maiores poetas líricos e épicos da Inglaterra, estando no mesmo patamar de Shakespeare, conforme parte da crítica. Além disso, dedicou-se à política e à imprensa, ao dirigir um jornal que defendia, ao lado de Cromwell, a República. Escreveu várias obras, entre elas, *Paraíso reconquistado*, que mostra a vitória de Cristo sobre as tentações, conforme Nova Enciclopédia *Barsa* – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998. Vol. 10 e 11.

⁸ Tasso foi um dos mais célebres poetas da literatura universal, considerado “último grande poeta clássico”, admirado por Goethe e por Lord Byron. Pertenceu ao Renascimento. No poema *Rinaldo*, publicado em 1562, procurou dar unidade ao material confuso da literatura de cavalaria, centralizando a narrativa, ao longo de 12 cantos em oitava rima, num único herói. Foi immortalizado pelo poema *Jerusalém Libertada*, composto no ano de 1575, conforme Nova Enciclopédia *Barsa* – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998. Vol. 10 e 11.

que pode ser verificada através dos versos 29 e 30: “Conquista as terras de além/ Essa nova – Promissão”. O vocábulo ‘Promissão’, utilizado por Mathias Guimarães, permite a relação semântica com Jerusalém, a terra prometida por Jesus Cristo aos fiéis, e lembra, ainda, o recurso do poeta de citar passagens bíblicas em seus poemas.

A forma desse poema assemelha-se à seguida pelo poeta Tasso, pois este compunha poemas longos, com 12 cantos em rima oitava, reforçando a aproximação do ultra-romântico Mathias Guimarães com o renascentista. Quanto à sua admiração por Milton, pode-se dizer que a semelhança de Mathias Guimarães dá-se mais pelo viés da religiosidade e da luta política em prol da República do que pela forma; já que, na maioria de seus poemas, a estrutura formal não passava dos dez versos e o soneto era a forma fixa mais utilizada por ele nos poemas veiculados pelo *Arauto das Letras*.

A preferência pelos sonetos permite constatar que Mathias Guimarães, ainda que contextualizado na escola romântica, apontava tanto para o passado renascentista quanto para o futuro parnasiano, este vindo a ser trabalhado pela literatura brasileira em outros estados do país no final do século XIX. Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva, no pré-romantismo, algumas vezes, os escritores vazavam uma sensibilidade nova dentro das formas poéticas e estilísticas da tradição clássica⁹. Parafraseando-o é possível afirmar que Mathias Guimarães seguiu a tendência ultra-romântica na maioria das suas publicações; no entanto, nos poemas *O ideal*, percebe-se a aproximação com o estilo parnasiano de alguns escritores, convergindo, segundo Alfredo Bosi, para os ideais anti-românticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma¹⁰ - iniciados no Brasil em 1882, com Teófilo Dias e no Rio Grande do Sul, em 1884, a partir da publicação das *Opalas*, de Fontoura Xavier.

A terceira estrofe do segundo poema de Mathias Guimarães, também intitulado *O ideal*¹¹, evoca os ‘gênios’ do Partenon – grego ou literário. O nome Apelles permite ser interpretado como referência a Apeles Porto Alegre, escritor gaúcho que muito fez pela literatura sul-rio-grandense, idealizando seus moldes iniciais. Da mesma forma, enaltece a Grécia, pois lá está a origem da literatura, para os românticos e, sobretudo, para os parnasianos, como fica claro nos versos seguintes:

⁹ AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Op. cit. nota n. 4, p. 417.

¹⁰ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 246.

¹¹ MATHIAS GUIMARÃES. *O ideal*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 1.

Ó Grecia, terra sublime
 D'Apelles, d'Anacreonte,
 Tu fostes a – joia – do mundo,
 Do saber tu foste – a frente!
 Ahi medrarão os Genios,
 Do combate nos proscenios
 Immensos fócios de luz!
 Teu céo estreme, azulado,
 D'astros mil tão marchetado ...
 Ao viajero seduz!

Igualmente engajada no propósito de renovação das idéias dos leitores, encontra-se a poetisa rio-grandina Revocata Heloísa de Mello¹². O *Arauto das Letras* contou com poucas publicações de seus poemas; ainda assim, os que veicularam possuíam um forte chamado aos leitores para a busca de novos horizontes, como observa-se no seguinte poema intitulado *Devaneios*¹³:

Voguemos sim ao palpitar das scismas,
 Soltas as vélas ao soprar do Sul,
 Vamos em busca de almejado porto
 Sob horisontes de perenne azul ;

A segunda e a terceira estrofes apresentam, nos versos 7 e 11, uma alusão à metapoesia, pois os vocábulos menestrel e flauta correspondem, respectivamente, a poeta e poesia:

Das phantasias aos gentis relentos
 Entrelacemos os suspiros meus ;
 Sólta os cantares menestrel saudoso
 Emquanto a arença nos aponta os céos ;

Eia, escutemos o quebrar das vagas
 D'entre as espumas de arrendado véo,
 E o som queixoso de longinqua flauta
 Envolto ás vozes do alaúde teu.

¹² Segundo Guilhermino Cesar, Revocata Heloísa de Mello colaborou na literatura dramática, além de ter escrito contos e poemas. Também fundou e manteve por muitos anos, na cidade de Rio Grande, o jornal *Corimbo*. Colaborou com suas produções literárias na imprensa rio-grandense. Além de Guilhermino Cesar, outros críticos literários realizaram estudos a respeito dessa autora, como por exemplo, o artigo de Hilda Flores, *Contribuição Feminina*, publicado na obra *Rio Grande do Sul no contexto do Brasil*, de Lotário Neuberger; e Nelly Novaes Coelho também registrou dados a respeito da poetisa no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*.

¹³ MELLO, Revocata H. de. *Devaneios*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p.4.

Já a quarta estrofe refere-se diretamente a uma renovação, confirmada pelos dois últimos versos como é possível constatar:

Além doirando do porvir os serros
 Vê como aurora despertando vem ;
 Em breve aos raios de outro sol mais bello
 Nossas espr'anças brilharam tambem !

Outra produção poética de Revocata Heloísa de Melo, que circulou no jornal *Arauto das Letras* e traduz a preocupação dos literatos da época com o desenvolvimento da sociedade, é o soneto *Insomnia da alma*¹⁴, no qual tem-se:

Dorme o manto de estrellas s'cintillantes,
 Dorme a noite n'um leito de neblinas,
 Dorme a lua entre pallidas cortinas,
 Dorme a crença no seio dos amantes,

Dorme alcyon no berço das ondinas,
 Dormem no céu os astros fulgurantes,
 Dorme a tristeza das canções errantes,
 Dormem lampyrios nas gentis boninas;

Dorme entre arminhos a creança linda,
 Dorme a poesia a peregrina infinda,
 Dormem abysmos nas soidões do mar

E então a idéa em turbilhão de scismas
 Vai da vigilia pelos vastos prismas,
 Buscar abrigo n'um sonhado lar.

Esse soneto afirma que os leitores deveriam “acordar” para uma nova vida. Por meio da enfática posição anafórica do verbo dormir, pode-se afirmar que, simbolicamente, a natureza, os sentimentos e até mesmo a “poesia a peregrina infinda” dormem, enquanto está apenas desperto o “turbilhão de scismas”, que “vai da vigilia pelos vastos prismas/ buscar abrigo n'um sonhado lar”. O lar pode ser interpretado como o do leitor que recebia semanalmente o jornal e “abrigava” as idéias de renovação dogmatizadas pela poesia veiculada na imprensa.

¹⁴ MELLO, Revocata H. de. *Insomnia da alma*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.

O poeta, escritor e proprietário do jornal, Octaviano A. Mello, também publicou duas quadras, intituladas *O livro*¹⁵, referindo-se à importância do estudo para o crescimento intelectual da sociedade:

Elle instrue e fortifica
D'esde as velhas gerações;
Aclara as trevas da idea
Mostra a luz das legiões,

Aponta os fundos arcanos
Das sciencias, artes, leis
Eleva ao throno da historia
As mais atrasadas greys.

Como observa-se, as produções poéticas do *Arauto das Letras* possuíam cunho social e não estavam apenas voltadas para a afirmação da arte na região sul. Isto é evidenciado pela abordagem de alguns outros temas sociais e polêmicos para a época, como exemplo, a libertação dos escravos expressa em poemas como o de Edistio d'Alcantara Martins, intitulado *Abolição*¹⁶. Este tinha como subtítulo o lema do movimento da Inconfidência Mineira realizado em Vila Rica, hoje Ouro Preto, no ano de 1789: "*Libertas quae sera tamen*" – Liberdade, ainda que tardia:

Decepem-se os grilhões que prendem o captivo!
O seculo rebenta em borbotões de luz!
A lei se mostre igual – o povo independente,
Em honra do que foi por nós morto na cruz!

O erro se castigue, o misero egoismo!
Immole-se – o carrasco – o genio da ambição!
O homem da vontade levante uma epopéa,
A tréva descortine o facho da razão!

O seculo é de luz! Em vez do azorrague,
Do lathego infernal, do barbaro poder ...
Encontre o cidadão as portas da officina,
Nos bancos de uma escola a pena de escrever!

.....

Oh não! Não mais de escravo o nome agonisante,

¹⁵ MELLO, O. A. O livro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 4.

¹⁶ MARTINS, Edistio d'Alcantara. *Abolição*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

Quebrem-se os élos vis da lobrega oppressão!
 Germine como o sol em cada pensamento,
 Fraternidade e luz – amor e abolição! ...

Observa-se, através de algumas estrofes, que a esperança da libertação dos escravos estava amparada na renovação da mentalidade social, uma vez que o eu-lírico pede que a razão desfaça as trevas da ignorância; “o sol germine em cada pensamento” e que os cativos, após serem liberados, possam encontrar “nos bancos da escola a pena de escrever” e de fato tornem-se livres, podendo expressar idéias com igualdade social.

Mais uma vez foi possível constatar a influência do poeta Castro Alves, visto o comprometimento com a causa abolicionista que, segundo Regina Zilberman, teria encontrado eco nos rio-grandenses. Além disso, o recurso estaria relacionado a todo um processo de amadurecimento político que vivia a Província no final do século XIX¹⁷.

O regionalismo também figurou como tema apresentado nos poemas que circularam no *Arauto das Letras*, tal é o exemplo de *Chromo*¹⁸, no qual nota-se a marca do tradicionalismo gaúcho conforme é possível observar nas estrofes abaixo:

Marca o relógio dez horas,
 Entrão dois moços na sala,
 Um chão e tétos abala
 Só com o som das esporas.

Põe o chapéu sobre a mesa,
 Outro o bonet na cadeira,
 Deitão-se apoz n'uma esteira
 Por lhes faltar a marquezia.

Ladra na porta um rafeiro,
 Brilha o luar feiticeiro
 Que aos dois mancebos guiou :

Não longe rinchão cavallos,
 Que estão talvez junto aos vallos,
 Onde seu dono os deixou.

¹⁷ ZILBERMAN, Regina et alii. *O Partenon Literário: poesia e prosa - Antologia*. Porto Alegre: Inst. Cultural Português, 1980. p. 27.

¹⁸ CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n.5, p.3.

O ambiente descrito no poema é típico da campanha, bem como a atitude rude dos dois homens que entram na sala, tarde da noite, após longo dia de trabalho, fazendo estremecer a casa com o som das esporas, componente importante na indumentária do gaúcho. Essa imagem tende a valorizar a força do homem do campo, tanto quanto a da estrofe seguinte, a qual mostra os dois deitados no chão porque não possuem cama, mas coragem e saúde para dormir em qualquer lugar sem reclamações. Os animais, compondo o imaginário da campanha e considerados os melhores amigos do gaúcho, também aparecem nesse poema. O cão rafeiro ladra na porta, realizando a função de protetor do dono. E, ao longe, estão os cavalos, obedientemente, onde foram deixados. Assim, vê-se completa a imagem de força, coragem e amizade que faziam parte do cotidiano da campanha, conforme a representação da literatura sul-rio-grandense no final do século XIX.

Nesse poema também é importante observar sua estrutura formal, pois o cromo é uma forma fixa característica do parnasianismo. Conforme Alfredo Bosi, o cromo marca a poesia do poeta parnasiano B. Lopes. Através do cromo eram tratadas as coisas domésticas e os ritmos cotidianos¹⁹. A presença do cromo nas produções literárias sul-rio-grandenses, em fins de século XIX, indica um prenúncio do parnasianismo nessa região - uma vez que, por meio dessa forma fixa, os temas mencionados eram apresentados com mais objetividade, descrição nítida e tentativa de impessoalidade a fim de obter a situação real, sem o sentimento do sujeito-lírico²⁰. Além disso, pretendia ser mais direto, menos pesado e enfático do que os românticos.²¹

Quanto aos temas apresentados nos poemas veiculados no *Arauto das Letras*, verifica-se que, assim como o regionalismo, o indianismo de Gonçalves Dias e de José de Alencar também foi cantado nos poemas sul regionais, intentando unir a literatura gaúcha à literatura nacional²². Nesse sentido, Moriwald Costa compôs *Jára*²³, que tem por subtítulo “impressões de leitura”, apresentando ao leitor a imagem romântica do indianismo e da paisagem natural brasileira e não da região local:

¹⁹ BOSI, Alfredo. Op. cit. nota n. 10, p. 257.

²⁰ Ibidem, p. 246.

²¹ Ibidem, p. 276.

²² Ver PORTO ALEGRE, Apolinário José Gomes. José de Alencar (estudo biográfico). In.: ZILBERMAN, Regina. et alii. *O Partenon Literário: poesia e prosa - Antologia*. Porto Alegre: Inst. Cultural Português, 1980. p. 101-103.

²³ COSTA, Moriwald. *Jára – Impressões de leitura*. Arauto das Letras. Rio Grande, 3 set. 1882, n.5, p.2.

Vem, Cecy ! lá no deserto
 Onde não pisa o *Aymoré*,
 Reinarás n'um céu aberto,
 Na cabana de *Araré*.

Serás senhora da *taba*,
 Da tribo que não se acaba
 De meus irmãos Goytacazes !
 Terás os guerreiros bravos
 Como soldados escravos ...
 Esses guerreiros audazes !

No tôpo das cordilheiras,
 Quando cantar o soffrer ...
 Verás por entre as palmeiras
 O sol – brilhando – morrer.

.....
 As brisas embalsamadas,
 As rosas, as madrugadas
 Que são mais bellas alli ...
 Terás nos labios – o *jambo*,
 Terás as azas do *nambu* ...
 Terás aos pés ... teu Pery !

Vem Cecy ! Deixa essa *taba*
 Que pertence ao inimigo,
 O sol depressa se acaba ...
 Vem gozar o sol commigo.

O sentimentalismo é explorado nesse poema, bem como a força e a coragem do bravo guerreiro indígena. É visível a intertextualidade existente entre esse poema e *O Guarani*, de José de Alencar; tanto que o próprio Moriwald Costa afirma tratar-se de suas impressões de leitura.

Seguindo o ideário romântico surge o tema do exílio; no entanto, esse é apresentado por um poeta que assina sob o pseudônimo de Lélío e que publicava os seus poemas em língua espanhola. Apesar de várias investigações realizadas²⁴, não foi possível confirmar a identidade do poeta. Sabe-se, contudo, que a data da publicação de seus poemas é posterior à Revolta interna entre *blancos e colorados* - ocorrida no Uruguai, no

²⁴ Foram consultados os seguintes dicionários bibliográficos: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 1883; e, MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1978. O Consulado do Uruguai na cidade de Rio Grande também foi consultado.

final do século XIX²⁵. Em vista disso, supõe-se que o poeta era um exilado político vindo do Uruguai, mais precisamente de Montevidéu, conforme deixa transparecer nos poemas, em que fala saudoso da terra natal. Exemplo disso é o poema *A Montevideo*²⁶:

Ensueño dulce de mi deseo,
 Recuerdo grato de mi pasado,
 Cuan largo tiempo que no te veo,
 Tierra preciosa que tanto he amado
 Patria querida, Montevideo!

De tu recinto me aparta el mar
 Que siempre suave como un amante,
 Te mece siempre sin descansar.-
 Mi vida diera por un instante
 Llegar á verte ... luego espirar.

Cuando tranquilo allá en tu seno
 Cruzar veia la nave airosa
 Por tu ancho puerto, siempre sereno,
 Mi alma sentia, que venturosa
 Gozaba siempre tu suelo ameno.

Nunca pensaba que la fortuna
 La obligaria de ti alejarse,
 ¡ Oh! Cára patria, donde mi cuna
 Meciose un dia, sentió arrullarse
 Con los murmullos de tu laguna.
 Si acaso un dia pudiera ir

Al suelo hermoso donde nasci,
 Un iris bello, viera lucir!
 Feliz seria, patria si en ti,
 Bajo tu cielo fuese á morir!...²⁷

²⁵ LOPEZ, Luiz Roberto. *História da América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 95.

²⁶ A MONTEVIDEO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.

²⁷ Doce ilusão do meu desejo,/ Grata lembrança do meu passado,/ Há quanto tempo não te vejo,/ Terra preciosa que tanto amei/ Pátria querida, Montevidéu! / De ti me separa o mar/ Que sempre suave como um amante,/ Te embala sempre sem descansar.-/ Daria minha vida por um instante/ Chegar a ver-te ... logo espirar./ / Quando tranqüilo lá em teu seio/ Via o barco cruzar com êxito/ Por teu largo porto, sempre sereno,/ Minha alma sentia, que venturosa/ Gozava sempre de teu solo ameno./ / Nunca pensava que o destino/ A obrigaria de ti se afastar,/ Oh! Querida pátria, onde meu berço/ Embalou-se um dia, sentiu-se ninar/ Com os murmúrios da tua laguna./ Se acaso um dia pudesse ir/ / Ao formoso solo onde nasci,/ Veria brilhar um arco-íris!/ Feliz seria, pátria se em ti,/ Sob teu céu fosse morrer!...

Lélio publicou muitos poemas durante todo o tempo de circulação do *Arauto das Letras*. Isso demonstra a aceitação garantida de seus poemas por parte do público leitor sul-rio-grandense. Esse pode ser considerado um certo indício de que, na época, já havia uma tendência à produção literária relacionada à situação fronteiriça – a qual, mais tarde, viria a transformar-se em linha de estudo da literatura gaúcha. Contudo, é importante lembrar que o *Partenon Literário* não mencionava o incentivo nem o apoio à veiculação de textos publicados em língua espanhola, pois a intenção era promover o Rio Grande do Sul como local onde era exercida uma literatura regionalista, que valorizava os seus traços locais e não os do vizinho.

O fato de um uruguaio publicar poemas na sua língua materna em solo rio-grandino, no final do século XIX, não parece ser muito freqüente. No entanto, ao relembrar o princípio da história das cidades de Rio Grande e Pelotas, mais de um século antes, vem à tona o contato que os colonos portugueses, que aqui viviam, mantiveram com a língua espanhola. O intercâmbio direto entre os idiomas português e espanhol permaneceu por 13 anos na região sul gaúcha, e sabe-se que, após um longo período como esse, a aquisição da segunda língua é inevitável.

Além da região sul da Província, havia na área fronteiriça com o Uruguai um forte contato com a língua espanhola, principalmente devido ao Brasil ter intervindo, desde a metade do século XIX, nos conflitos platinos em favor do Uruguai. Segundo Luiz Roberto Lopez, os motivos para esse apoio ao país vizinho estão alicerçados nos interesses de política externa; pois, para o Brasil, era importante preservar os canais de navegação a passar pelos rios da região do Prata, através dos quais eram feitos contatos com o Rio de Janeiro e Mato Grosso²⁸. Além disso, havia o interesse pessoal do Visconde de Mauá e de estancieiros e charqueadores do Rio Grande do Sul que possuíam terras e negócios no Uruguai. Conforme Lopez, não viam estes com bons olhos o progresso e o desenvolvimento da região platina - forte concorrente na produção do charque, tendo a vantagem de usar mão-de-obra assalariada²⁹. Sendo assim, em 1850, o Brasil interveio para derrubar Oribe, líder dos *blancos* (partido dos pecuaristas) e colocar no seu lugar Rivera, líder dos *colorados* (partido dos comerciantes de Montevideu que tinha o apoio financeiro

²⁸ LOPEZ, Luiz Roberto. II Império: conflitos platinos. In.: *História do Brasil imperial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 78.

²⁹ *Ibidem*, p. 79.

de uma filial do Banco Mauá) segundo Luiz Roberto Lopez³⁰. Com mais ênfase, o Rio Grande do Sul teve relação direta com o Uruguai, favorecendo o intercâmbio político, financeiro e cultural entre os dois países.

Francisco das Neves Alves aponta que, já no final do século XIX, quando os republicanos chegaram ao poder, pretendiam que o Brasil não apenas estivesse na América, mas que fosse, de fato, americano, conforme o Manifesto de 1870³¹. O mesmo historiador declara, ainda, que os republicanos traziam consigo a idéia de alterar as estruturas sociais vigentes no Brasil, reformando o processo educacional a fim de atingir o progresso nacional³². Para tanto, observa-se que a primeira atitude seria a integração dos idiomas português e espanhol, pois, como afirma Francisco Alves das Neves, ao lado do ensino de outras línguas, seria também fundamental o aprendizado do idioma de um país vizinho³³. Com base nesse breve relato histórico, constata-se que a província gaúcha compreendia bem o idioma espanhol e, por esse motivo, os poemas de Lélío eram aceitos pelos leitores sul rio-grandenses.

Como foi possível notar na abordagem dos poemas veiculados no *Arauto das Letras*, o temário romântico trabalhado consistia no comprometimento com os problemas sociais a cerca da instrução pública; da abolição da escravatura e da afirmação da literatura regional como uma nova tendência dentro da literatura brasileira. Além disso, o semanário contou com a colaboração de dois poetas que, nesse estudo, obtiveram destaque: Mathias Guimarães - poeta ultra-romântico que pode ser considerado, a partir da análise de seus poemas, um elo entre a literatura da região sul do final do século XIX e o parnasianismo que iniciava em todo o país; e Lélío - o uruguaio que mais poemas publicou no semanário analisado.

Quanto à estrutura dos poemas, pode-se constatar que os sonetos, quadras, cromos e as composições, em geral curtas, foram de freqüente uso dos poetas porque esses necessitavam de formas fixas breves capazes de serem internalizadas na memória do público leitor. Até aquele momento, os leitores estavam mais habituados a ouvir do que a

³⁰ Ibidem, p. 79.

³¹ ALVES, Francisco da Neves. O idioma como fator de integração no cone sul: um breve estudo de caso. In.: _____ et alii. *Artexto*: revista do departamento de letras e artes. Rio Grande, v. 12, n. 12, p. 12, 2001.

³² Ibidem, p. 13.

³³ Ibidem, p. 14.

ler, pois a sociedade sul-rio-grandense daquela época dividia-se entre analfabetos – que eram a maioria - e autodidatas. Nesse sentido, pode-se dizer também que o período do romantismo significou o triunfo da oralidade na literatura - em especial, a do sistema sul-rio-grandense. Nessa houve o predomínio do uso da palavra falada em relação a assuntos ligados à política - como a exaltação aos líderes republicanos -, por meio de odes e cantos de homenagem declamados em solenidades realizadas em praça pública.

O comprometimento da redação do semanário e dos colaboradores era com o crescimento mental do extremo sul da Província; para tanto, fazia uso da literatura de imprensa por ser o meio mais rápido a atingir um número considerável de leitores em todas as camadas sociais. A partir da observação dos temas e formas poéticas, constata-se que o conteúdo literário dos poemas divulgados no *Arauto das Letras* visava a atingir e convocar os leitores ao desenvolvimento intelectual, social e político. Os temas voltados ao comportamento moral e religioso da sociedade foram divulgados nos contos e no folhetim, mais afeitos ao público feminino, conforme será demonstrado no capítulo que segue.

A prosa veiculada pelo *Arauto das Letras*

Apesar de o gênero lírico ter alcançado grande destaque, face à quantidade de sua produção, a prosa também circulou por meio do folhetim, crônicas e contos apresentados no *Arauto das Letras*. Nestes o temário romântico consistia, conforme José Guilherme Merquior, nas limitações da consciência adulta comprometida com a moralidade estabelecida pela sociedade¹.

Segundo Maria Eunice Moreira, a prosa de ficção colocou-se ao lado da poesia, forma por excelência romântica. Através da narrativa, os homens de letras conseguiam representar o meio no qual estavam inseridos e distanciar-se da temática voltada à exploração do eu, própria da poesia romântica.² Assim, a narrativa conquistou um lugar de destaque na produção literária sulina, observando não apenas grande quantidade de textos publicados, mas variedade dos temas tratados. Foi na prosa de ficção que os escritores registraram as peculiaridades do território, representando o tipo gaúcho, seus usos e costumes; e a valorização da vida livre do homem do Sul. Ao lado da temática voltada às características particulares do mundo gaúcho - através da descrição do tipo humano próprio do meio -, apresentam-se textos relacionados à abolição da escravatura; aos valores morais da sociedade sulista; e, em grande maioria, textos possuindo características inerentes ao romantismo: com enredos em torno do sentimentalismo e dos conflitos amorosos.

O semanário *Arauto das Letras* veiculou, em seus primeiros números, o folhetim *O Botão de Roza*³, assinado por Americana, pseudônimo da escritora Revocata dos Passos Figueiroa de Mello. Nele percebe-se a temática sentimental que apresenta como

¹ MERQUIOR, José Guilheme. *De Anchieta a Euclides – breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 52.

² MOREIRA, Maria Eunice. (Org.) *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL/ Corag, 2002. p. 10.

³ MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. *O Botão de Roza*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n.1, Folhetim, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n.2, Folhetim, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n.3, Folhetim, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n.4, Folhetim, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n.5, Folhetim, p.1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n.6, Folhetim, p.1 .

história a disputa de duas jovens pelo amor de um mesmo homem. Numa leitura superficial, o enredo sugerido por esse folhetim tem como finalidade o casamento. No entanto, observa-se, através de adjetivos que designam as características dos envolvidos na trama amorosa, metáforas que podem ser relacionadas à literatura, tais como as que destacam-se no seguinte excerto:

Á bellesa deste feiticeiro *Boudoir*, só faltava a alvura purissima deste perfumoso botão de rosa, **que mão de poeta** aqui veio depôr; **sim de poeta**, pois qual outro homem ousaria transpor os humbraes deste augusto recinto ?

Agora resta-nos saber a quem pertence esta significativa flôr, se é destinada á morena Adalgisa ou á loura Helena.

Adalgisa a melancolica, é sem duvida a Melpomene deste parnaso; mas Helena a prasenteira, é sem contradicção a amiga do amor, a musa do lyrismo, a formosa Erato.

O poeta ama-me, será pois o botão de rosa uma das flôres da nova corôa de sua caprichosa **musa**.⁴

As moças são identificadas por adjetivos que marcam a extrema diferença existente entre elas. As características ao mesmo tempo aludem à literatura e ao par opositivo bem ou mal, abordado pela escola romântica, que considerava boa a mulher loira, Helena; e má, a morena, Adalgisa. Entretanto, nesse folhetim, os valores se invertem, pois aquela é, segundo o narrador, um “travesso diabinho”, enquanto esta é melancólica. A alusão à literatura segue por todo o texto; a exemplo, tem-se o bilhete enviado por Helena: “Seja mais explicito, Ama a tragedia, ou a poesia lyrica ?”⁵; e a fala do menino de recados: “Visto que a isto da-se o nome de parnaso, e que ha aqui muzas, eu serei o travesso amor”⁶.

A história expressa pelo folhetim de Revocata de Melo apresenta em seu conteúdo a união familiar, pois Adalgisa vivia com a família de Helena - composta pela prima, tia Tulia e os primos Rafael e Dr. Alvaro, que era apaixonado por ela. À noite todos costumavam reunir-se na sala onde Helena tocava piano, Adalgisa recitava poesias e Fernando, um amigo da família, recitava poemas do Lobo da Costa. Após o recital, antes

⁴ MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n.1, Folhetim, p.1.(grifo meu)

⁵ Ibidem, p.1.

⁶ MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n.2, Folhetim, p.1.

de dormir, Helena ainda lia o álbum literário escrito por seu irmão, Dr. Alvaro, assim como Adalgisa lia “sobre o triste e saudoso livro que Lamartine votara a Graziella”. O folhetim trata apenas da harmonia em família e do culto à literatura e à música. Quanto à disputa pelo amor entre as primas, sabe-se ao final que, apesar de ambas serem apaixonadas por Fernando, não havia sido este quem deixara o botão de rosa para elas, esclarece o narrador:

Estamos no dia seguinte.

As moças às 9 horas entrando no seu *boudoir* forão surprehendidas encontrando sobre um *etagéres* uma nesga de papel semelhante aquella que ali ficára, porém contendo estas palavras: - “O botão de rosa pertence a estremecida musa do poeta; muito feliz será elle se souber, que essa flôr foi guardada como lembrança do mais terno e respeitoso affecto !”

As jovens notarão, que a letra não era do Dr. Alvaro, nem tambem de Fernando, pois fazia muita differença d’aquella que havião visto no album.

[...]

A noite no salão, correrão as cousas como sempre; harmonia, belleza, luzes, flôres e união; só um observador teria notado, que Raphael ria ás furtadellas, Fernando estava mais pallido, Adalgiza mais alegre e Helena mais pensativa.⁷

A partir desse excerto, percebe-se que o botão de rosa fora apenas uma brincadeira de Raphael, divertindo-se muito ao enganar a irmã e a prima – ou como quer o narrador: “Raphael ria ás furtadellas”⁸. Como se pode ver, o conteúdo desse folhetim era bem simples e visava apenas ao entretenimento. De acordo com Alfredo Bosi, o texto de folhetim se adequava ao nível dos leitores semiletrados, das mulheres e dos jovens.⁹. Em fins do século XIX, o público leitor menos favorecido buscava algum tipo de entretenimento e encontrava no folhetim o que melhor respondia a seus anseios.

De acordo com Guilhermino Cesar, o conto precedeu às demais modalidades da prosa e inaugurou-se como livro, fazendo uso, inicialmente, do sentimentalismo como temática. Após esse momento, surgiu o interesse pelo meio social, observando as implicações determinadas pela terra, enquanto região; pelo tipo de trabalho realizado e pela

⁷ MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n.5, Folhetim, p.1.

⁸ MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n.6, Folhetim, p.1.

⁹ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 112.

tradição local. A criação da *Sociedade do Partenon Literário* em 1868 e da *Revista Mensal do Partenon Literário* fomentou e incentivou a produção literária, passando a oferecer os modelos literários para um espaço particular.

Seguindo o critério estabelecido pelo *Partenon Literário*, encontram-se no jornal *Arauto das Letras* contos que, além de tratar do desenvolvimento da literatura e do intelecto social, da influência religiosa e dos comportamentos sociais, abordam o temário gaúcho. Sabe-se que, em fins de século XIX, os escritores rio-grandenses buscavam os temas da Campanha para, segundo Guilhermino Cesar, explicar-se ao Brasil. Seu fim último foi o seguinte: mediante a guarda de valores genuínos, afinar com a aspiração de originalidade que desde a Independência fôra preocupação das elites nacionais; só atendida pelo romantismo.¹⁰ Valorizando as características da paisagem do pampa e a atividade pastoril, iniciava-se o regionalismo gaúcho à procura, no homem do campo do tempo passado, representar a figura livre dos primeiros tempos da conquista, ou os rebeldes de 1835, segundo afirma Guilhermino Cesar.¹¹ Com essa imagem inicia-se o conto *O tropeiro*¹², publicado anonimamente no jornal *Arauto das Letras*: “Alli vai, em meio das campinas agrestes, solto o cabelo aos arpeios do vento o gaúcho do Rio Grande.” Para o gaúcho, a liberdade é muito importante, pois “os seus sonhos despertos são livres e francos como os ventos que sopram pelas chircas bravios do campo.”

Mais adiante, o narrador começa a delinear as características que fazem do gaúcho o herói dos pampas. A construção da imagem mítica dá-se a partir da forte adjetivação referente aos atributos morais observáveis no seguinte excerto:

Ninguem lhe pergunte, se é bravo no combate, se fêre como o espinho da tuna a porta de sua faca prateada. [...] Se o vento dos pampas sacode-lhe o poncho, e a geada cresta-lhe as faces, ainda assim nesse duro pungir de uma custosa lida, um sorriso lhe freme nos beiços desbotados, e elle canta ! Canta as modas faceiras de sua terra ...

O amor à terra natal é uma característica marcante do herói gaúcho. Da sua ligação com a terra, decorrem suas características físicas e morais. O homem da terra é

¹⁰ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 174-175.

¹¹ *Ibidem*, p. 173.

¹² O TROPEIRO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 1.

sensível e fiel e preza a integridade do lar e da família, conforme afirma o narrador onisciente:

Por entre os invernos e os gelos dos atalhos, são saudades da choupana erguida no topo da serra, ou lembranças de uma virgem morena, que vira no rincão, a quebrar no ritornello da dança ao clarão de uma fogueira, e aos chorados estridulos da viola.

O tropeiro é poeta, todo o camponez tem a sua muza. [...]

No mais é franco, amavel na sua rudeza, apaixonado nas fallas com que saúda o dia do passado, e valente – se de seu peito se escapa um hymno pelas victoras da patria !

Este é o tropeiro do Rio Grande.

Ha uma cousa pouco abaixo do amor que consagra a seu nome, a seus filhos e á viola selvagem: é a sua tropa.

Segundo Maria Eunice Moreira, o gaúcho possui um relacionamento muito próximo com a natureza; principalmente com os animais aos quais tende a igualar-se pela humanização do animal ou pela comparação do homem com o animal.¹³ A esse respeito observa-se a seguinte afirmação expressa na narrativa:

Elle ama a seu novillo, como a garantia de um futuro para a família, como estímulo para que seus campos se povõem, se enriqueçam.

E assim na retaguarda da tropa, por leguas e leguas viaja o tropeiro para feiral-a em qualquer ponto industrial.

E é ali que as suas mais bizarras esperanças se apagam ... que o seu trabalho é menos presado, e com elle toda essa alluvião de perigos que cercam a vida do camponez honrado.

Percebe-se que os novillos do gaúcho possuem a mesma função que o homem: servem como garantia de um futuro para a família. E ambos, ao chegarem à cidade, sofrem com a “alluvião de perigos que cercam a vida”: o gaúcho, por ter o seu trabalho desvalorizado; e os novillos, por perderem a vida.

A liberdade, o telurismo, a força e a coragem, entre outros atributos positivos, estão presentes e são fortemente invocados na ficção regionalista. De acordo com Guilhermino Cesar,

¹³ MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982. P. 62.

o peão da estância, herdeiro do monarca das coxilhas [...] que era já agora uma desbotada imagem de liberdade e ousadia do outro, passou a representar para os escritores [...] o brio, a altivez e a coragem pessoal do antigo senhor das savanas. Ocupou, aqui, o lugar que coubera ao índio e ao negro na literatura liberal [...]¹⁴

Maria Eunice Moreira explica que os escritores regionalistas do final do século XIX descrevem um passado encarado como o tempo ideal; localizam seus textos exclusivamente na região da Campanha; relatam feitos e bravuras de um tempo pretérito; e idealizam um tipo que a história aponta como um marginal e submisso.¹⁵ A mesma autora ainda afirma que a ficção exalta o gaúcho-herói e um tempo: o da união; no momento em que este homem e este tempo perdem suas características.¹⁶ A partir desta autora, pode-se dizer que a ficção tomou o gaúcho como herói, enaltecendo as qualidades de homem simples e da Campanha em que estava inserido o fazendeiro, na intenção de veicular a ideologia necessária à sustentação da classe dominante.¹⁷ Segundo Regina Zilberman, as narrativas apresentam sintonia ideológica acima da divisão social, bem como parceria com a natureza e a valorização do passado¹⁸. Como se pode observar, o jornal *Arauto das Letras* expressava, por meio dos textos veiculados, interesse social e político.

Em fins do século XIX, a prosa rio-grandense envolveu-se com a temática do abolicionismo, conforme o conto *Um sonho*¹⁹, de Alipio C. O narrador inicia a história mostrando o escravocrata em estado letárgico, porque “elle dormia tranquillamente”, quando de repente “moveu-se com modo brusco, impallideceu como se alguma cousa tivesse contribuido para isso. Sonhava.”.

Nas palavras do narrador observador-onisciente, o sonho a princípio, parece referir-se a animais:

Tinha entrado n’um d’esses armazens infamantes onde se põe a preço, a carne de nossos semelhantes? Ia distribuir a ração quotidianana, um punhado de grãos duros a nadarem n’uma agua suja.

¹⁴ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 3, p. 173-174.

¹⁵ MOREIRA, Maria Eunice. Op. cit. nota n. 5, p. 118.

¹⁶ Ibidem, p. 119.

¹⁷ Ibidem, p. 119.

¹⁸ ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51.

¹⁹ CADAVAL, Alipio. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

Ao entrar quis recuar: as cabeças d'ébano, empregados pela fome, desperavam anciosos, com os olhos dilatados, quasi fóra das orbitas, aquelle triste alimento que para elles era delicioso, pois tinham fome; o antropophago teve medo, que numa d'aquellas creaturas desgraçadas, mais audaz ou mais seguida pela fome, arrebatasse-lhe das mãos a vasilha desejada. Mas não, caminhou e distribuía a miseravel ração.

A diegese segue o seu desenvolvimento e chega o momento em que o narrador revela o sonho, falando de pessoas escravizadas:

[...] o feitor tomado d'um frio de morte, quis correr mas não pôde. Um iman invencível lhe ligava os pés áquelle chão imundo. Ah! Então é que elle vio, ao canto do telheiro, deitada sobre um montão de palhas, do qual sahia um cheiro nauseabundo, uma miseravel de côr preta! Ella vio-o, e lançando um grito desesperado, conchegou ao seio semi-nú e ressequido pela fome, duas innocentes crianças, magras, macilentas, que mais se pareciam uns cadáveres! Bem perto d'esse quadro horroroso, um infeliz escravo, alquebrado pelos annos e pela desgraça, retorcia-se, lançando aos ares uns gritos partidos da côr! Das costas vergastadas do desgraçado, corria a jorros o sangue que ia coalhar-se n'um lago, no chão humido! Então o antropophago pôde vêr uma enormidade de creaturas cadavericas, nos labios das quaes horrorisava vêr-se o sorriso da morte!

O estado onírico do feitor desnuda o horror de sua função: o tratamento desumano dispensados aos escravos das charqueadas. A humilhação, a fome, a miséria a que eram submetidos os assemelhava a animais, do ponto de vista escravocrata. É importante ressaltar que os escravos sentiam ódio do feitor e do dono, enquanto estes temiam os cativos por saberem talvez que, se aquelas criaturas estivessem mais fortes fisicamente e fossem libertas, poderiam vingar-se, atacando-os. Essa hipótese é comprovada através da narração:

Ellas pediam a liberdade, senão para ellas, ao menos para os seus innocentes filhos! Mas porque não as repelio o feitor, que possuía uma arma poderosa: o azorrague? Elle era cobarde, bem cobarde, tinha medo!

.....
Acordou. Lançou o olhar tímido em redor de si como para assegurar-se se ahí se presenciava aquella mesma scena horrorosa! Serenou, mas do corpo ainda corria-lhe um suor gelado.

Tinha sido um sonho, um sonho d'um escravocrata!

A trama que envolve a narrativa possui imagens bastante fortes; o estilo direto e objetivo do narrador apresenta a difícil situação dos escravos e induz o leitor a uma reflexão a respeito da escravatura e da urgência em aboli-la. Este texto funciona como uma espécie de propaganda em favor do abolicionismo; mostrando-se a literatura como um instrumento de ação social.

Ao lado da veiculação de obras voltadas aos problemas políticos, o semanário *Arauto das Letras* publicava, em grande número, textos em prosa que cotejam o amor e a paisagem natural. Marieta, pseudônimo de Julieta de Mello Monteiro, publicou o poema em prosa intitulado *P.*²⁰, no qual apresenta a conversa da lua com o narrador, a respeito da dor causada pela saudade e pela solidão:

Vai a noute já em meio, no céu azul de setim, brilha, explende, sem fulgores a lua que diz amores, a lua que diz me assim: “Rasga o véo de teus pesares, lança ao longe os teus scismares, vem commigo ser feliz, o passado, oh passado foi um sonho abençoado, mas nas sombras do presente tu’alma que chora e sente o que advinha não diz ?”

Não sei, a noite traz sombras, também traz luz, traz fulgores, mas p’ra minh’alma que geme a ausencia dos seus amores, tudo é mudo, tudo é triste nada sorri, nada existe.

Deixemos que o mundo zombe de quem soluça quem chora !

Alma que vive sonhando só das magoas se enamora.

Saudade, saudade santa, companheira de meus dias, conta-me aqui em segredo, sem á sombra do arvoredo quando em que quadra de novo voltarão as alegrias os prazeres que gozei ?

Mas tu calas? emmudeces? oh por Deos bem te compreendo, dizes-me apenas – não sei ! –

Sinto que a vida me foge, cruel magoa me trucida, é funda é negra a ferida mas tem remedio oh se o tem, volve, que eu espero nos anceios da saudade, faz que viva a f’licidade que a tanto me foge, vem !

Observa-se também que a lua, além de possuir a personificação humana, fala e aconselha o narrador utilizando um tom poético configurado por rimas que perpassam todo o texto em prosa, tal como fez José de Alencar no romance *Iracema*. Como exemplo tem-se: “Vai a noute já em meio, no céu azul de setim, brilha, explende, sem fulgores a lua que diz amores, a lua que diz me assim [...]”. A rima, nesse excerto, é explícita quando se observam os pares *setim/assim*, *fulgores/amores*, conferindo ao texto uma musicalidade em

²⁰ MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. P. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n.1, p. 2.

tom plangente, pois a rima é estabelecida a partir dos sons nasais /ĩ/, /ãõ/, /ũ/, /ẽ/, /ã/ em contraste com os fonemas /a/ e /o/, que possuem, no texto, a pronúncia aberta, possibilitando a percepção do sofrimento do narrador.

Sobre o conteúdo, verifica-se que está inteiramente caracterizado como um poema em prosa típico do romantismo, quando aborda o sentimentalismo e em detrimento da companhia da saudade e da dor, acredita na felicidade e no dia em que o amor voltará a fazer parte da sua vida: “Sinto que a vida me foge, cruel magoa me trucidada, é funda é negra a ferida mas tem remedio oh se o tem, volve, que eu espero nos anceios da saudade, faz que viva a flicidade que a tanto me foge, vem !”.

Seguindo o ideário romântico, observou-se uma crônica, veiculada pelo semanário *Arauto das Letras*, que se apresenta um pouco menos sentimentalista. A publicação é assinada por Scismadora, pseudônimo de Revocata Heloísa de Melo, e tem por título *A alcova*²¹. Nesse texto, o narrador em terceira pessoa passeia pelo quarto da amada, descrevendo-o com detalhes e ressaltando certos objetos a partir do seu ângulo de visão, como por exemplo, a figura do Cristo à cabeceira, uma estante, uma mesa repleta de livros, uma flor murcha, uma flauta ao lado da cama e um cofre de madrepérola que continha talismãs. Além de descrever o que vê, o narrador comenta a respeito do perfume de sândalo que “vagava em ondas ahi n’esse ambiente, verdadeira poesia a casar com a ternura de Fausto e Margarida fieis amantes [...]”²². Os objetos mencionados podem ser interpretados, respectivamente, como a representação simbólica da religião; do estudo e do progresso intelectual; do amor e da dor; da poesia e do coração ou da alma que guarda sentimentos e segredos. O perfume reforça a idéia do amor e da sedução que, segundo o narrador, casa “com a ternura de Fausto e Margarida” - casal símbolo do amor ardente e, ao mesmo tempo, impossível. Esses personagens pertencem à produção literária de Goethe, e também serviram de inspiração para o escritor gaúcho Múcio Teixeira publicar, em 1878, *Fausto e Margarida*.

A crônica de Julieta de Mello Monteiro engloba muito dos valores sociais admitidos no final do século XIX, os quais deveriam integrar a vida de cada na sociedade a que o semanário *Arauto das Letras* se dirigia. Dessa forma, o jornal mostrava aos leitores que deveriam resignar-se ao catolicismo; preocupar-se com os estudos intelectuais e

²¹ SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. *A alcova*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n.1, p.2.

²² *Ibidem*, p.2.

literários; e estar sempre voltados ao sentimentalismo - pois o amor deveria fazer parte da vida das pessoas fosse em forma de união ou de platonismo. Observa-se também, o dogmatismo do autor romântico com relação ao comportamento social dos leitores da época.

A intenção de observar e direcionar a conduta social, mais do que simplesmente colaborar com a literatura local, pode ser constatada também através do conto *Marieta*²³, de Souza Burity que tem por tema o amor impossível entre dois jovens. A protagonista chama-se Marieta, muito católica e prendada, “era completamente orphã e tão pobre que fazia dó. Morava com uma velha parenta sua, pobre tambem, mais que a estimava muito.”²⁴. O rapaz “morava em frente da casinha da moça. Era bello, pallido e triste como aquelle louco do *Antony*. Tinha um pessimo defeito o rapaz; era pobre como Job; em compensação, porém tocava divinamente flauta, era poeta como Paganini.”²⁵. Segundo o narrador, a pobreza dos dois era vista como causa de sofrimento, a tal ponto de o rapaz preferir morrer a casar com a amada:

Amava como um doudo a encantadora *avesinha* mas muita vez disse-lhe chorando com a cabeça encostada ao hombro d’ella, nas suas horas de innocentes colloquias.

- Olha, Marieta, não me posso casar contigo, eu fazia a tua completa desventura ... prefiro antes morrer ... acabar.

E ambos desatavam a chorar ! ...

Ah ! o amor e a pobreza ! ...²⁶

Passado algum tempo, o rapaz morre. Marieta, por intermédio e vontade da pessoa com quem vivia, casa-se com um homem rico:

Marieta estava pallida como a morte teve um desmaio na occasião do juramento, mas foi tudo attribuido a esse excesso de pudor com que as noivas costumam fazer juramentos taes.

O padre abençoou-os (o padre ! ...) e foram para casa ambos, a mulher e o marido ... a victima e o algoz !²⁷

²³ SOUZA BURITY. *Marieta*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 3.

²⁴ SOUZA BURITY. *Marieta*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.

²⁵ *Ibidem*, p. 2.

²⁶ *Ibidem*, p.2.

²⁷ *Ibidem*, p.2.

O final da trama é trágico, seguindo a característica dos textos inseridos no período romântico: a moça é abandonada pelo marido e morre de tristeza; “a sua velha parenta, autora de tamanho infortúnio a que a levava a ambição enlouquece de remorso [...]”; e o “alcoz marido continua sempre muito feliz e suas amantes continuaram a visitá-lo.”

Através da narrativa, percebe-se o comportamento adotado pela sociedade com relação à pobreza e à ambição. O sentimento verdadeiro entre a moça e o flautista foi interrompido pela pobreza; entretanto, o casamento por interesse foi aceito pela sociedade, fingindo não perceber o que acontecia. Com relação a isto, o narrador sublinha o comportamento do padre que “abençoou-os (o padre!...)”; e, através da repetição da palavra ‘padre’ entre parênteses, deixa uma lacuna para que o leitor reflita a respeito da atitude do representante eclesiástico. A moça era devota fervorosa e assídua frequentadora da igreja; no entanto, o padre, em atitude omissa e sem caridade, mesmo vendo o sofrimento da noiva perante o altar, não a salvou do martírio de casar-se sem amor.

Dessa forma, o narrador induz o leitor a pensar que o padre compactuou com a velha e que ambos pecaram pela ambição. Essa idéia poderia levar a refletir sobre a influência da Igreja Católica na sociedade e suas conseqüências. Neste sentido, percebe-se um indício de já haver, ao final do século XIX, no sistema literário da região sul rio-grandense, o pensamento crítico e mais realista sobre o comportamento social, bem como sobre as instituições que formavam e organizavam a sociedade local. Porém, essa visão realista surge apenas para reproduzir as situações indesejadas com mais veemência e naturalidade, pois ela representa apenas a intenção e o pensamento do autor. Desse modo, a visão do autora é realista, mas o movimento estético literário, não.

Guilhermino Cesar apresenta o decênio de 80 do século XIX como o marco do surgimento dos primeiros naturalistas. Ressalta o jornal *Arauto das Letras* por ser o meio em que os naturalistas da região sul, como Paula Pires²⁸ e Paulo Marques, expressavam ousadia possuindo, entretanto, ainda muito do tom sentimental do Romantismo.²⁹ O mesmo afirma que o grupo de naturalistas supracitados seguiam entusiasticamente a lição de Comte ou de Spencer; valendo também suas páginas como antemural à influência do

²⁸ Conforme o quadro histórico e literário, elaborado por Mauro Nicola Póvoas na obra *Narradores do Partenon Literário*, o escritor naturalista Paula Pires obteve destaque, na literatura gaúcha, com a novela *Quadros Horripilantes*, em 1883, mesmo ano em que circulava na zona sul do estado o jornal *Arauto das Letras*.

²⁹ CESAR, Guilhermino. Op. cit. nota n. 10, p. 331.

clero, a que o grupo movia combate.³⁰ De forma bem humorada, observa-se uma certa crítica naturalista ao comportamento dos representantes da Igreja Católica no conto *Um frade antropophago – Notas de um formigão*³¹, assinado por Leopoldo Chaves. O narrador descreve os personagens ressaltando suas características mais marcantes:

Frei Anselmo era sem duvida alguma o melhor *copo* e tambem o melhor *garfo* da veneranda comunidade.

O Prior, uma especie de Lucullo apoplectico, não perdia occasião de exaltar aquella magestade glotonica, unica, digna dos tempos heroicos da barriga.

Mais moderado, o conego Ambrosio, um sabio, estudava naquella organização assustadora a não menos assombrosa compleição dos homens pre-historicos, os heróes das digestões de bôa.

Quanto aos *formigões*, especie de caloiros abatinados, pasmos e boqui-abertos, sentião-se redusidos á expressão mais simples.

O personagem principal é frei Anselmo. Ele comete o pecado da gula, de tal forma que se assemelha a um antropófago, como descreve o narrador observador:

Era um prodigio o frei Anselmo!

O gigante Goliath, o Minotauro e outros tantos vultos das lendas christã e pagã, ficarião desmoralizados postos em parallelo com o nosso heróe.

Porém – ó virtude credora dos mais sinceros encomios! Frei Anselmo era de uma modestia á prova ... de tudo menos de um leitão ou de um Perú recheiado.

Diante destes dois como carteis de desafio ao seu proverbial appetite, o bom do frade possuia-se de um furor verdadeiramente satanico. Entumedeção-se-lhe as veias do pescoço; tremião-lhe as narinas como azas de um morcego escarlata e do olhar sahião-lhe phosphorescencias sinistras.

[...]

Transparecia a anciedade em todos os semblantes.

Ia travar-se uma luta tremenda, homerica, monstruosa.

Face á face os inimigos dispunhão-se para a pugna cyclopic.

De um lado achavão-se empenhados os brios da honesta comunidade, do outro o nobre representante da raça suina parecia ter nos labios a ironia de uma indigestão.

³⁰ Ibidem, p. 336.

³¹ CHAVES, Leopoldo. Um frade antropophago: notas de um formigão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.

Mas ...

Repentinamente Frei Anselmo revestia-se de um sangue frio desapiedado e carnicheiro.

Apanhando subtilmente o flanco do inimigo descuidado, o pulso do santo varão carregava no trinchante firme e anatomicamente.

[...]

Nódoas de caldo avermelhado destacavão-se aqui e ali pela alvura da toalha ...

Além disso, a estrutura formal apresenta mais uma característica romântica: a mescla de gêneros literários; pois segue até determinado momento da narração a forma em prosa e, após o frei Anselmo ser acusado de antropofagia pelos membros da organização católica, passa a assumir a forma dramática, expressa através do diálogo, como observa-se:

Quem quer que seja, e aqui talvez presente, sustenta por escripto e sob a fé das sacras ordens, que entre nós, e occultamente, existe a antropophagia ...

(Sussurro prolongado.)

O ACCUSADOR:

- E a tremenda accusação pesa ali sobre a cabeça do nosso até aqui tão estimado Frei Anselmo! ...

(Protestos do acusado. Balburdia capuchinha. O Prior tange fortemente a sineta.)

[...]

O CONEGO AMBROSIO, *interrompendo*:

- Ha melhor, e guardei justamente para esta ocasião a apresentação de uma prova, não moral, porém material!

E com emphase theatral, o accusador agitou acima da cabeça um objecto branco e luzidio ...

Apesar das características de texto romântico, a frase: “[...] o pulso do santo varão carregava no trinchante firme e anatomicamente.” deixa transparecer o viés cientificista, principalmente pela alusão à anatomia, que representa o estudo científico dos seres vivos. A alusão ao cientificismo é retomada no final da diegese quando é feita uma descrição do osso encontrado na cela do frei Anselmo:

O CONEGO, *radiante*:

- Um fragmento de esqueleto humano!

(Cinco minutos de uma agitação incrível. Na furia de pedir silencio o Prior faz voar o badallo da campainha.)

O ADVOGADO DA DEFEZA *continuando*:

- Um osso humano! – Aqui o tenho, senhores, e custa-me a acreditar em tamanha ignorancia do irmão cerurgião ...

(*Protesto do nomeado.*)

O PRIOR: - Não ha duvidar: o irmão cerurgião, versado em *esqueleteologia*, classificou – *fragmento esquerdo da omoplata*, esse osso encontrado na cella do accusado.

- Não ha duvidar! Não ha duvidar!

E todos os assiatentes vão comprimentar o erudicto Hypocrates.

O SEMINARISTA, *continuando*: - Peço a presença do irmão cosinheiro.

Este que entra na salla:

- Presente.

O DEFENSOR DO RÉO: - Silencio! Rogo ao irmão que examine detidamente este osso e diga a que espécie de animal pertence.

O IRMÃO COSINHEIRO: - Ora! Ora! Isto é um osso de porco! ...

(*Decepção geral. Inergicos protestos do irmão cerurgião.*)

O enredo encera com o esclarecimento do boato, retomando a idéia de pecado e a crítica aos membros do catolicismo:

- Sr. Prior, de um homem de gordura despropositada não é costume dizer:

- “É *verdadeiramente* um porco?”

(*Gesto de assentimento.*)

- E aquelle que come seu semelhante não tem o qualificativo de antropophago?

Ora está claro como agua: - Frei Anselmo é antropophago – porque, sendo um *verdadeiro* porco, alimenta-se da carne de seu semelhante! ...

Tableau.

O narrador mostra aos leitores que, muitas vezes, os representantes da fé e da religiosidade católica também cometem pecados. Além disso, induz a uma reflexão a respeito do comportamento e da influência da Igreja Católica na vida da sociedade sul rio-grandense do final do século XIX. O olhar crítico à conduta social e aos valores morais, adotados pelos cidadãos da zona sul da Província, está presente também no conto *A nora*

*do banqueiro*³², de Paulo Marques. Infelizmente, só foi encontrada parte do texto na única coletânea do jornal *Arauto das Letras*, existente na região sul do estado. Ainda assim, foi possível perceber, por meio da obra, que à sociedade da época “o homem ou a mulher, valiam pelo que possuem e não pelo que pudessem ser no mundo moral.” E ainda, que “a sociedade era sempre muito exigente, muito cheia de preconceitos.”. O espaço corresponde a um luxuoso salão de baile, onde ocorria a festa de casamento de Yayá e André Frou. O enredo trata do casamento por interesse e do comportamento volúvel de homens e mulheres casados que traíam os cônjuges:

Às dez horas deu começo ao saráo. A primeira quadrilha correu muito, mesmo muito animada. Carlota Freire affirmava ao Visconde de Valdares, que o baile produzia-lhe sempre effeitos magnificos. O Visconde olhava para ella, cheio de ternura, e quando a occasião lhe foi facultada, apertou-lhe o braço côm de marmore, carnudo, contra o seu. Era uma linguagem muda; mas assaz eloquente para quem sabe perceber esses apertos.

Ella deu um suspiro e perdeu-se apoz na multidão, segura ao braço do titular.

[...]

O Commendador Simplicio, fazia uma declaração de amor á viscondessa, que simulava não entendel-o, pretendendo levar a conversa para outro terreno. Porém Simplicio, que gabava-se de conhecer a fundo o coração das mulheres, insistia nos seus intentos, recorrendo a logica. A viscondessa por fim não pode resistir áquella satanica linguagem [...]

Não há comentários com relação ao comportamento do visconde e de Carlota Freire. No entanto, o narrador emite seu parecer a respeito da atitude da viscondessa, afirmando tratar-se de “uma mulher como qualquer outra. Rendia-se a quem lhe fizesse a côrte, e pensava que a honra era simplesmente uma convenção social.”. O narrador estende esta sua crítica ao comportamento de todas as mulheres da sociedade, já que diz ser a viscondessa “como qualquer outra”. Dessa afirmação conclui-se que, para a elite social, a moralidade e a boa conduta não prevaleciam.

Com base no conteúdo da prosa publicada no *Arauto das Letras*, constata-se o envolvimento dos autores nas questões sociais e a conseqüente intenção de dogmatizar os leitores por meio das temáticas levantadas, perseguindo-se o desenvolvimento da

³² MARQUES, Paula. A nora do banqueiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.

sociedade local. Nesse sentido, também é possível observar a forte preocupação com o público leitor, isto é, com a recepção dos textos literários. Por esse viés, segue a análise do texto que aproxima-se da crônica com função de crítica literária, intitulado *Typos: Jóca Cazuzá*³³, assinado por Paula Pires, em que o narrador principia conversando com o leitor em tom irônico:

Não conhecem este perfil, aposto?
Tambem podéra ... se inda não o esbocei ...
Estou levando o pincel.
Pincel, não, a brocha; porque ha physionomias que não se prestam ás doçuras do pincel; melhor são reproduziam á brocha.
Á brocha ou a carvão, nas paredes de um quanto de ...
“republica”.

Além da ironia com que descreve a rudeza do personagem, há o destaque para o vocábulo ‘república’, permitindo a interpretação do seu sentido semântico: diferente do contexto escolar - casa de estudante, termo que alude ao regime político contrário à Monarquia. Principalmente, quando se observa na época a intensificação da propaganda favorável à República. A escolha que o narrador faz, com relação ao instrumento que será utilizado para esboçar o desenho, reafirma, metaforicamente, o direito de escolha – promovido pela forma de governo republicana e inviabilizado pela Monarquia. Isto também remete simbolicamente às várias possibilidades de expressar o pensamento, que a sociedade possuiria caso optasse pela substituição do regime político.

Ainda a respeito dos vocábulos encontrados no texto, observou-se que a palavra ‘herói’ designa o personagem que o narrador pretende ‘esboçar’:

Pelo ninho se conhece o passarinho e pelo dedo se deixa conhecer o gigante.
O meu heróe, não sendo uma nem outra cousa, faz da primeira quando chilra e da segunda quando se exhibe ... na asneira – suspira, crassa, chapada.
Elle hade ficar “ancho” (passe a cacophonia) quando souber que está sendo posto em letra redonda a sua “eximia quadratura”.

O narrador em terceira pessoa cria as características da personagem, que pode ser considerada plana, segundo o conceito dotado por Carlos Reis: é estática e revela certa

³³ PIRES, Paula. *Typos: Jóca Cazuzá*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 2.

capacidade em identificar-se com o tipo e com a sua representatividade social³⁴. Reis explicita o conceito proposto por George Lukács, no tocante à construção do tipo, afirmando que nela “convergem e reencontram-se todos os elementos determinantes, humana e socialmente essenciais, de um período histórico, porque criando tipos mostram-se esses elementos no seu grau mais alto de desenvolvimento”³⁵. Mesmo sem o elemento da ação, Jóca Cazuzza procura constituir um tipo ideológico-social, cuja representação obedece a motivações críticas, e, por esse motivo, também pode ser entendido como componente do espaço social, mais do que como personagem propriamente dita, como esclarece Carlos Reis³⁶. A sátira, por meio da crítica e da ironia, pode apresentar de forma caricata costumes, atitudes, tipos e estruturas sociais. Por essa razão, Linda Hutcheon afirma que a sátira é extramural, ou seja, visa o social e o moral no seu objetivo aperfeiçoador de ridicularizar os vícios e loucuras da Humanidade, tendo em vista a sua correção³⁷. As características atribuídas ao ‘herói’ mostram a intenção do narrador em contrariar as idéias românticas baseadas em mitos e figuras heróicas, tais como o gaúcho. À continuação da crônica, são enumeradas as falhas intelectuais do tal herói:

Quadrado é verdadeiramente elle, quando falla, e quando escreve sobre ... tudo; mormente quando se occupa da sciencia social.

Eu sempre admirei “Jóca Cazuzza” como um rapaz de talento aproveitavel, se tivesse escola; se não ignorasse o “a, b, c”, das sciencias modernas.

Admiro mesmo o partido que o “Jóca tira” (deixem ainda passar mais este) do pouco que “sabe de orelha”.

É de uma audição admiravel e de uma intuição a toda a prova, - prova d’agua.

Se lêr ou lhe contarem as “historia da imperatriz Porcina”, a “novella de Paulo e Virginia” ou de “Amanda e Oscar”, é contar de certo que o bom do “Jóca Cazuzza”, na primeira oportunidade, cita a coisa como ella se deu, como ella foi!

É possuidor de uma memoria feliz!

Si elle, o “Jóca” vae ao theatro, quando o lyrico exhibe-se em plena harmonia, não tem nada ... lá vae obra, esperem o “méco”, no primeiro domingo pela imprensa, e a coisa é tão boa que loucura se torna comprar camarote.

³⁴ REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1990. p. 314.

³⁵ *Ibidem*, p. 391.

³⁶ *Ibidem*, p. 393.

³⁷ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985. p. 61.

Elle, o “Jóca”, o meu heróe, com o bico da penna, dá-nos uma cópia, uma idéa fiel de tudo ... transmite-nos as mesmas sensações que no lyrico receberam os numerosos “diletantes”.

Quanto ao estilo literário seguido por Paula Pires, pode-se perceber, no momento em que o narrador menciona as ciências social e moderna, o indício de que o naturalismo estava chegando ao sistema literário da região sul rio-grandense, principalmente, porque a expressão ‘ciência social’ alude diretamente a Herbert Spencer responsável pela Introdução do livro *Sciencia Social* e pela publicação do *Social Statics*, muito citados por Paula Pires e Paulo Marques em seus textos críticos publicados pela imprensa sul rio-grandense. São observados, ainda, trechos que lembram o cientificismo, a fim de exemplificar destaca-se: “O cobre, como o chumbo, diz elle, são drogas “venenosas, deleterias, corrosivas”... como o chumbo só quer elle ter a sua consciencia, que produz cólicas em todos quantos não lêem pela sua cartilha e não pactuam com o seu esdruxulo modo de encarar as coisas.”. E, “quando me sobrar tempo, heide fazer o seguinte: pintar-lhe o physico a *traços de brocha* ou de *carvão* – e o moral ... e o intellectual ... hade ficar pintado ... a gosto dos *seus admiradores*. Quem quizer que conclua o quadro ...”. A partir dessa última frase, observa-se o contrato literário entre autor e leitor, visando a permitir que este participasse não apenas na construção do personagem, mas também de um pensamento crítico voltado à literatura, aos estudos e à sociedade em geral.

Ainda com relação ao excerto acima, é possível depreender que, além da forte alusão à literatura oral originária dos cancioneiros, há a preocupação com o analfabetismo da sociedade gaúcha. Tal inquietude era constante na época, estando muitos homens de letras dispostos a cumprir a tarefa proposta pela *Sociedade do Partenon Literário*: fomentar tanto as Artes, como a instrução pública e o debate político e cultural na Província.

Paula Pires publicou uma antologia intitulada *Pindo Rio-Grandense*³⁸, na qual tece elogios e críticas a escritores gaúchos elencados por ele. Com base no conteúdo desta obra, é possível interpretar o parágrafo: “Pois o “Jóca” tem o dom, possui o segredo de apreciar as lingoas mortas e vivas, sendo, como é, alheio a esses idiomas, a excepção do portuguez que, como M. La Palice no seu idioma, escreve prosa chata julgando que

³⁸ MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p.3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n.18, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n.19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n.1, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

compõe verso meritorio!”, como uma alusão aos péssimos escritores que alcançaram o reconhecimento sem terem talento ou estudo para tanto, conforme afirma Paulo Marques na crítica literária a esta antologia:

Para mim, esses melros não passam de uma horda de *Hicsos* litterarios. Rua com elles! Aponte-lhes o caminho das bibliothecas! que vão aprender primeiro! ... tudo se conquista por meio do trabalho! [...]

Rua pois com essas escrescencias litterarias. É necessario comprehender que dar attributos a quem os não merece, é fazer em vez de beneficio, um mal atroz, pois é palpavel e até mesmo mathematico que, se por um excesso de condescendencia mal entendida, qualificarmos de bons os homens maus, o que ficará para os bons? Estes se tornarão por sua vez maus, pois que ambos tem a mesma qualificção. É logico, que só póde resultar d’ahi, como consequencia directa de um erro de consciencia, um congresso de individuos inuteis.

O narrador segue apresentando as falhas do personagem leitor/escritor fazendo referência à linguagem popular utilizada pelo ‘herói’:

No que elle é forte (honra lhe seja feita) é no “idioma de vacca”; gosta d’elle “que se enrosca”; principalmente se o tiver de “nariz de folha” e acompanhado do “summo da uva”, bom e legitimo, pois que de “surrapa” o “Jóca” não é amante: mas não exige que lhe não “cheire a cobre” ...

Há ainda a insinuação de que alguns críticos se assemelham ao Jóca, tornando-se apenas pelo valor dado a tudo quanto seja escrito pelos homens que de destaque social e boa situação financeira: “Indecente já elle é, mormente quando lha dá para analysar, “criticar” e synthetisar tudo quanto dizem os nossos bachareis, ou aos homens, intelligentes ou não, que possuem “burra recheiada”.” Essa crônica apresenta uma relação direta, através do seu conteúdo semântico, com a crítica literária, publicada por Paulo Marques, no jornal *Arauto das Letras*, que está pautada na antologia elaborada pelo escritor Paula Pires. Por essa razão, abre espaço para a análise das *Cartas Fluminenses*, título pelo qual foi identificado o texto crítico.

A contribuição da crítica literária presente no *Arauto das Letras*

A crítica literária também figurou no semanário *Arauto das Letras* apresentando o momento ideológico pelo qual passava a literatura representativa da sociedade sul rio-grandense, no final do século XIX. Antes de tratar especificamente da crítica publicada no jornal em estudo, faz-se necessário mencionar os textos críticos apresentados por Carlos Alexandre Baumgarten e o que representam as primeiras publicações de crítica literária no Rio Grande do Sul¹.

De acordo com Baumgarten, o primeiro artigo de crítica literária foi publicado em 1869, na revista *Arcádia*, por autoria de Glodomiro Paredes, e tinha por ideário pressupostos básicos correspondentes ao Romantismo, como: a preocupação com a não imitação, com a originalidade e a criação de uma literatura representativa da terra, a fim de instituir a literatura regional. Desse modo, a vida do gaúcho e suas tradições passavam a adquirir um importante significado. O segundo texto mencionado pelo autor foi publicado no mesmo ano e revista que o anterior, sendo escrito por Antônio Maria Pinto. Este relacionava a literatura à sociedade, intentando que aquela atingisse um grande progresso, “já que a sociedade começara a passar por grandes modificações e os centros urbanos se fortaleciam, mas não era o que ocorria pois os autores estavam voltados ao lirismo. Os mesmos tendiam apenas ao aproveitamento de temas e à paisagem natural.”² O texto seguinte foi publicado por Bernardo Taveira Júnior, ainda em 1869 e na revista *Arcádia*. O ideário da crítica segue os textos anteriores correspondentes ao seu gênero.

¹ BAUMGARTEN, Carlos A. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880*. Porto Alegre: EST, 1982. p. 34-41.

² *Ibidem*, p. 36.

Carlos Alexandre Baumgarten explica não haver, à época, o que hoje se entende por crítica literária. Tinha-se, então, princípios visando a orientar o pensamento regional em todo e qualquer campo, fosse ele político, científico ou artístico³. Os textos críticos de então se limitavam a notificar a publicação de livros e as opiniões eram emitidas conforme a simpatia pessoal existente entre o crítico e o autor. A esse respeito nota-se que a crítica literária assinada por Paulo Marques e veiculada através do *Arauto das Letras*, tem o conhecimento dessa prática e a intenção de subverter esses padrões, uma vez que Paulo Marques inicia seu texto, a respeito da antologia intitulada *Pindo Rio-Grandese*, elaborada por Paula Pires, dizendo:

Conheço muito de perto esse escriptor rio-grandense, e honro-me assaz em ser um de seus mais intimos amigos; todavia isso não quer dizer que, por um instante só, no momento em que despreziosamente ousou analysar uma produção sua, deixe-me cégar pela amizade que lhe dedico, esquecendo o papel que vou representar, sinão como crítico, pelo menos como apreciador.⁴

O último texto de caráter crítico, mencionado por Carlos Alexandre Baumgarten, foi publicado no ano de 1873, em *A Reforma*, e é de autoria de Jean Aicard. Nele, a literatura é relacionada à política e à sociedade, ou ainda, vista como a força responsável pela formação dos costumes da sociedade rio-grandense; o livro representa um importante elemento no desenvolvimento dos costumes, servindo como modelo de comportamento para os leitores. Carlos Alexandre Baumgarten constata, através desses textos inaugurais, a pouca especialização dos mesmos; no entanto, afirma que a crítica, por meio do periódico, teve grande importância para o desenvolvimento e difusão da literatura no Rio Grande do Sul. Afirma, ainda, com relação à crítica literária que surgia no Estado na segunda metade do século XIX que, “embora estivesse enquadrada dentro dos moldes estritamente românticos, determinou um novo posicionamento frente ao fato literário, qual seja, o do aproveitamento do elemento regional, aspecto que possui alta significação no desenvolvimento da literatura rio-grandense.”⁵

A crítica literária foi, durante muito tempo, vista como aliada dos poderes políticos, econômicos e, por conseguinte, sociais, quando apreciava os textos literários a

³ Ibidem, p. 37.

⁴ MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p.3.

⁵ BAUMGARTEN, Carlos A. Op. cit. nota n. 1, p. 87.

partir de tais perspectivas. A literatura desempenhava o papel de orientadora, ajudando a consolidar a sociedade em formação emitindo normas políticas, religiosas e de comportamento moral, expressas nas obras literárias a favorecer o ideário romântico. Do mesmo modo, os periódicos foram fundamentais na influência sobre a sociedade, fomentando uma opinião pública. Com a literatura voltada à consolidação de uma sociedade, a crítica não podia agir diferente das obras literárias; portanto houve não uma crítica literária, mas social que estava diretamente ligada à reflexão moral, cultural e religiosa da sociedade. Nesse contexto, o crítico adquiriu, a partir de um pacto social com seus leitores, a função de porta-voz e vigilante das relações sociais; guardião e instrutor do gosto público; um informante que possibilitava, aos leitores, estabelecer uma uniformidade imaginária mais intensa com a sociedade. Como um aliado do texto social, esquecia-se, porém, dos métodos especializados que a crítica deveria utilizar para interpretar as obras literárias.

De todo o modo, esta preocupação com o social constitui, na verdade, uma função política e, em certa medida, econômica, quando o crítico já não mais escrevia pelo bem da literatura e do intelecto, mas pelo dinheiro. A força mercantil determinava o destino dos produtos literários, estando o escritor e o crítico ligados ao sistema capitalista. Caso não seguissem satisfazendo às exigências do mercado, não sobreviveriam.

Ao período de crítica literária com pressupostos românticos, seguiu-se o início da crítica naturalista. A fase de transição foi representada pelos ensaios críticos produzidos por Damasceno Vieira e Carlos von Koseritz que, através dos seus textos, divulgavam o Positivismo de Comte. Segundo Guilhermino Cesar, o Positivismo foi o responsável por despertar no Rio Grande do Sul a consciência crítica em um bom número de escritores e poetas que se tornaram partidários do progresso no fim do século XIX. Na crítica literária, publicada no jornal *Arauto das Letras*, Paulo Marques menciona a doutrina positivista ao expor sua opinião a respeito dos escritores locais apresentados por Paula Pires:

[...] E necessario que o mundo os conheça! São verdadeiros filhos do trabalho que nobilita; do estudo que engrandece; do talento que orgulha, vivifica, eternisa.

Aperto sinceramente as mãos do meu illustre amigo e comprovinciano.

Até ahí provou que era um argumentador sincero da mais bella de todas as doutrinas positivistas.⁶

⁶ MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 4, p.3.

Augusto Luiz, colaborador da *Revista Mensal do Partenon Literário* em 1874, foi um dos precursores do Positivismo, seguindo o ideário proposto por Comte e defendendo, igualmente, a teoria evolucionista de Darwin. Baseado no filósofo de Montpellier, atacava a metafísica e o misticismo. A mesma convicção filosófica foi seguida e defendida por Paulo Marques, que cita no texto crítico *Cartas Fluminenses*:

O grande philosopho de Montpellier descobrindo a eminente lei dos tres estados, veio provar systematicamente uma eminente verdade, que a pratica felizmente nol-a indica a cada passo. A litteratura, a philosophia e as sciencias, assim como tudo que a natureza pertence, se tem submetido, se submete e se submeterá a essa lei.⁷

Guilhermino Cesar afirma que o Positivismo contou com situações favoráveis à sua implantação na Província gaúcha, obtendo a influência decisiva da Escola Central, através da Escola Militar de Porto Alegre. E isto se deu posto que, no território sulino, “o Exército sempre teve uma de suas guarnições mais numerosas.”⁸ O Positivismo representou o ideal republicano - presente na Província desde a revolução Farroupilha. O ideário ganhou força em 1884, com a fundação do jornal *A Federação*, sob o comando de Júlio de Castilhos, que publicava idéias positivistas e republicanas. Além disso, o catolicismo, no Rio Grande do Sul, pôde fazer frente à expansão positivista, ao contrário de Minas e Bahia. Na região rio-grandense faltava unanimidade do sentimento religioso, coexistindo o Protestantismo, trazido com os colonos alemães; e não havia também um clero “à altura dos debates, com ilustração e ímpeto.”⁹

O Positivismo sugeria o progresso em relação às idéias românticas, consideradas ultrapassadas, já no final do século XIX. Essa substituição se daria baseado nos pressupostos positivistas, que correspondem a três estados: teológico, metafísico e positivo. Segundo Carlos Alexandre Baumgarten, apesar de a escola romântica expressar os dois estados mencionados deveria ser substituída pela realista.¹⁰ O mesmo afirma que “a adoção da concepção mecanicista do fenômeno literário leva os críticos a se orientarem por um novo conceito de literatura, no qual a questão da verossimilhança é a pedra de toque, e

⁷ MARQUES, Paulo. *Cartas fluminenses. Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.3.

⁸ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 343.

⁹ *Ibidem*, p. 343.

¹⁰ BAUMGARTEN, Carlos A. *A crítica literária no Rio Grande do Sul - do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 104.

a valorizarem as obras com maior grau de fidelidade acerca dos dados presentes na realidade concreta [...]”¹¹. Para isso, a literatura aliou-se aos estudos históricos e sociológicos, contando com os avanços destes ao longo da segunda metade do século XIX. Dessa forma, a crítica valia-se da História e Sociologia para utilizar um novo conceito de literatura; essa idéia está expressa no texto crítico de Paulo Marques, quando afirma que

a litteratura moderna, aquella que por si só, é capaz de reconstruir os costumes, pela maneira franca e leal com que se apresenta, estudando, comparando e tirando consequencias, não conseguiu ainda ser convenientemente interpretada.

Estudar a sociedade, penetrar no mais intimo de seus orgãos, é certamente tarefa muito precaria. Para e conseguir esse fim, é myster haver primitivamente estudado o homem debaixo de todos os pontos de vista que elle se possa apresentar.

A escola chamada realista e que outros com mais convicção denominam – naturalista, é sem contestação alguma, a mais brilhante phase a que te attingido o espirito humano.

Infelizmente, litteratos há que, sem conhecerem as bases sobre que repousa tão magestoso templo, produzem livros asnaticos, sem nenhum cunho de philosophia, e que sem duvida outra couza não fazem sinão desacreditar a nova escola.¹²

Carlos Alexandre Baumgarten afirma que “a consolidação da idéia de literatura como espelho e fotografia determina o desvio da atenção do ensaio crítico sobre o texto literário como tal, passando a contemplar e examinar a fatia da realidade [...]”¹³. Dessa forma, a crítica passa a abordar os textos literários partindo de sua correspondência com a realidade; e, mesmo sob um novo enfoque, o texto crítico continua valendo-se de peças literárias como pretexto à reflexão de questões sociais.

O Positivismo no Rio Grande do Sul dividiu-se em duas correntes ideológicas: a comteana, ligada ao discurso político liderado por Júlio de Castilhos; e o positivismo calcado em Littré, a que se vinculou as idéias divulgadas por Spencer. O evolucionismo progressista deste último foi divulgado nas *Cartas Fluminenses*, quando o crítico afirma:

Estamos passando por um período de critica, de anarchia mental e moral.

¹¹ Ibidem, p. 114.

¹² MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 7, p. 3.

¹³ BAUMGARTEN, Carlos A. Op. cit. nota n. 10, p. 115.

A convenção esturdia e absoluta¹⁴ dos padres, tem apenas sido uma deturpadora cruel de certos e determinados deveres do homem para com o homem, d'este para com a sociedade, e da sociedade para com o progresso.

A luz se apresenta com todo seu esplendor e por isso mesmo offusca, cega.

A luta do passado com o presente, trava-se indomita, ferrenha atroz; a reconciliação é um impossível, impraticável; nada natural. A morte de um, hade abandonar os créditos de outro.

É um velho decrepito que faz frente a um moço robusto, musculoso, forte, corajoso: - Passado e presente! ...

A victoria só póde caber a este, que tem direito a ella, dil-o progresso das idéas novas que constituem por si e de per si, um tribunal jurídico, onde a justiça é recta imparcial, intransigente.

O passado está condemnado á morte, bem como tudo que lhe pertence.

Sé um ponto de contacto póde existir entre elle e o presente, como entre esse e o futuro: - a relatividade.

O mundo moral está para o mundo mental como este para o mundo material. D'essa triplice alliança só póde resultar – evolução – progresso.

O transformismo é uma lei natural, infallível, certa, inalterável.¹⁵

No Rio Grande do Sul, o Positivismo adquiriu diferentes adaptações. Por esse motivo, os escritores do final do século XIX aderiram tanto ao evolucionismo científico de Darwin quanto à teoria das espécies de Taine - da qual os escritores gaúchos aproveitaram a noção de transformação, presente também em Spencer, e o conceito da hereditariedade, “que assume grande significação no exame das obras literárias.”¹⁶. Quanto aos referidos conceitos, a crítica veiculada pelo semanário *Arauto das Letras* traz o seguinte comentário:

Darwin, o immortal fundador da esplendida theoria da evolução, é tambem o fundador da bella doctrina do transformismo.

O transformismo é igualmente uma lei de progresso; as sciencias e as artes emancipão-se, desenvolvem-se, crião, da observação passão á experiencia. A experiencia é a grande espada que decapita o preconceito e a ignorancia.

Transformismo quer dizer desenvolvimento, sob a fiel patrulha da heterogeneidade capital. A perfectibilidade é seu fim, seu único *desideratum*.

¹⁴ A palavra absoluta foi modificada com caneta, na folha do jornal *Arauto das Letras*, transformando-se em obsoleta.

¹⁵ MARQUES, Paulo. Cartas Fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.

¹⁶ BAUMGARTEN, Carlos A. op. cit. nota n. 7, p. 107.

[...]

A arte porém como tudo, está sujeita á lei fatal de evolução; e nesse periodo de evolucionismo progressivo, ella como que se vai adaptando necessariamente ao meio em que se vai desenvolvendo, para o que, claro é, vai tomando tambem uma nova forma, um visivel, ainda que lento aperfeiçoamento.

É certo que os gostos e as opiniões divergem a seu modo; comtudo, não é isso elemento capaz de impedir a marcha do progresso, que é uma lei tão certa quanto natural.

As letras como as sciencias não são mais do que continuidades de si mesmas, e é nesse facto justamente que está o grande ponto do contacto que as liga solidariamene.

É a relatividade que mostra a natural e mutua dependencia que entre ellas existe.

A escola realista é o prolongamento da escola romantica, debaixo de outra fôrma, como a romantica é seguimento da escola classica, sob outro aspecto differente.

A verdade é esta, e esta há-de ser sempre.¹⁷

A última frase do excerto demonstra que a tendência científicista era fazer crer na ciência como o conhecimento; sendo o seu método o único revestido de validade. Além disso, o procedimento científico fazia uso da descrição, apontando as relações existentes entre os fatos apreciados e intentando estender-se a todos os campos da atividade humana, quando podia provar a sua eficácia.

A teoria determinista de Taine é também abordada pela crítica sulina; ao explicar a criação literária partindo da atitude do meio social em que se insere. De acordo com Baumgarten, o conjunto de doutrinas, vinculado ao naturalismo científicista predominante no final do século XIX, é o responsável pelo surgimento de uma linhagem crítica a que se pode chamar de sociológica.¹⁸ Dessa forma, a crítica literária agia de forma doutrinária para com o leitor, a fim de moldar a sociedade que seria a condição determinante à sua existência, conforme Taine. Sendo assim, Paulo Marques também direciona a sua crítica várias vezes ao público leitor, como no exemplo quando abaixo:

Para essa maior parte, o progresso das idéas, a emancipação do espirito e a verdade pratica das sciencias exactas, é um facto sem nenhuma importancia.

[...]

¹⁷ MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p.3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n.1, p.3.

¹⁸ *Ibidem*, p. 107.

A ignorancia é tão daminha, tão perversa, que poucas não têm sido as vezes que tenho ouvido dizer:

- É litterato? Pois perdeu tudo para mim. No seio de minha familia é que não entra semelhante “cousa”! ...

Quem é capaz de negar a veracidade do que affirmo?

- Escreve para jornaes? Hi! Que boa bisca não é ou não deve ser!...

[...]

Abaixo pois os preconceitos, as convenções estultas, e sobretudo a trahidora hypocrisia, mascara hedionda que se afivella á face de uma certa parte da sociedade actual!...¹⁹

Neste caso, o crítico assume o papel de autoridade, de periodista em contato com vários tipos de leitores, e dogmatiza, por meio do texto crítico e/ou literário. A tarefa da crítica, com relação à sociedade, tornava-se mais moral que intelectual, visto ser a maioria dos leitores quase incapaz de decodificar as palavras e, portanto, de compreender um texto no seu sentido literário. O crítico literário naturalista assemelha-se ao romântico, no seu comportamento frente à sociedade. No entanto, distingue-se no tocante à postura antiidealista baseada na teorias científicas em voga no fim do século XIX; à introdução de um novo conceito literário, como representativo de parte da realidade social focalizada; e ao abandono das apreciações de caráter genérico que são substituídos por uma visão descritiva e minuciosa. Soma-se a essas diferenças, a função que assume de difundir o cientificismo representado pelo Positivismo de Comte, pelo Determinismo de Taine e pelo Evolucionismo de Darwin. Anos mais tarde, Augusto Meyer comenta a esse respeito que, naquele momento, o predomínio da crítica sobre a poética nasceu da idéia de a literatura refletir o meio²⁰.

Quanto às exigências de originalidade e da nacionalidade, prossegue o questionamento à influência francesa e ao reconhecimento do caráter mestiço na identidade brasileira e regional. A literatura brasileira, no final do século XIX, lutava pela independência da hegemonia cultural da França – de onde saíam os novos hábitos, modas, livros e a maioria das invenções artísticas. Com relação à nacionalidade, o louvor à natureza - característico do romantismo - foi substituído pelo elogio aos símbolos pátrios e às datas importantes da história recente, adotados então como temática da chamada ‘poesia científica’, que veio a ser o Parnasianismo. O tipo mestiço, que no Rio Grande do Sul é

¹⁹ MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p.3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.3.

²⁰ CARVALHAL, Tania Franco. *O crítico à sombra da estante: levantamento o análise da obra de Augusto Meyer*. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 9.

representado literariamente pelo gaúcho, surge nas letras por meio da teoria de mestiçagem racial, reforçada pela lei evolucionista de Taine.

Essa época pela qual passava a crítica literária gaúcha “mostra a completa integração cultural do Rio Grande do Sul, no contexto maior da Nação” e “confere ao ensaio literário sulino maior disciplina e orientação mais segura creditados especialmente ao corpo doutrinário de fundamentação de seus escritos.”²¹ Além disso, observa-se o contínuo interesse em assuntos discutidos pela escola romântica, partindo de uma nova ótica, como os assuntos referentes à sociedade em geral. Segundo Tania Franco Carvalhal, o ambiente cultural seguiu desenvolvendo-se com o predomínio da influência francesa, da valorização dos elementos regionais e das emanações vindas do centro do país. Dessa forma, nas primeiras décadas do século XX, “as terras do Rio Grande foram literariamente mais férteis. Se a brotação foi generosa, a sementeira se fez lentamente.”²²

²¹ *Ibidem*, p. 117-118.

²² *Ibidem*, p. 3.

Considerações finais

Finalizando esta dissertação, percebe-se, por meio da pesquisa voltada à formação sociocultural das cidades que compõem a zona sul rio-grandense, Rio Grande e Pelotas, que ambas sempre estiveram muito próximas. A existência da cidade de Pelotas deve-se à invasão espanhola sofrida pela cidade do Rio Grande. Da mesma forma, o desenvolvimento da sociedade pelotense deve muito ao porto marítimo da cidade do Rio Grande, canal de acesso por onde entrava a cultura européia, e por onde escoava a produção de charque.

Durante muito tempo, desde o século XVIII até o início do século XX, essas duas cidades estiveram interligadas por interesses políticos, econômicos e culturais, obtendo um grande desenvolvimento na literatura e na imprensa. Essa unificação social foi percebida, também, no trabalho de descrição do jornal *Arauto das Letras*, que circulou nas duas cidades, sendo habitual o intercâmbio de notícias e publicações literárias entre a imprensa de ambas. Além disso, a proximidade entre elas possibilitava o deslocamento de escritores e jornalistas que ora moravam em uma cidade, ora em outra.

Os jornais literários foram de grande utilidade e influência para a sociedade do final do século XIX, pois ajudaram a moldar o comportamento dos habitantes da região sul rio-grandense, difundindo também idéias correspondentes aos movimentos literários e políticos. O trabalho de pesquisa, que envolveu o jornal *Arauto das Letras*, apontou sempre para o ambiente social da época. Os textos literários apresentam um caráter ideológico, por vezes moralizante, bem marcado, tratando raras vezes de assuntos políticos; dedicaram-se igualmente a temas preferidos pela escola romântica e indicaram o surgimento da escola naturalista.

Através da temática veiculada pelas publicações do *Arauto das Letras*, pode-se compreender melhor o momento sociocultural e político da região sul. A partir dos poemas

analisados, observou-se que alguns autores seguiam plenamente a escola romântica, ao abordarem temas sentimentalistas; exaltarem a beleza feminina; condoerem-se de amor impossível ou da perda do mesmo e lembrarem saudosos a terra natal. Outros autores, também adeptos da escola romântica, estavam mais voltados aos problemas sociais: defendiam a abolição da escravatura; observavam o péssimo comportamento da sociedade e enfatizavam os castigos sofridos por aqueles, ou melhor, aquelas - as mulheres -, que não seguiam o padrão moral esperado pela sociedade; e, divulgavam a região da Campanha, tendo como representante o gaúcho. Colaboravam no semanário escritores imbuídos dos ideais vindouros da escola Parnasiana, publicando poemas nos quais eram utilizadas formas fixas, como o soneto e o cromo, e temas visando ao desenvolvimento mental, cultural e intelectual da sociedade. Além disso, apresentavam o estudo, o trabalho e o progresso como única forma de obter o sucesso e o crescimento social. Dessa forma, induziam o leitor à modificar a mentalidade e o comportamento.

Por meio da descrição da poesia veiculada no *Arauto das Letras*, bem como do conteúdo temático dos textos em prosa, publicados no mesmo, é possível afirmar que o semanário possuía uma função social e que estava diretamente vinculado à produção literária local desenvolvida no final do século XIX. Observou-se que a divisão dos estilos literários dos colaboradores seguia a mesma, tanto na poesia, quanto na prosa. Sendo assim, foram comentados contos e poema em prosa que primavam pelo sentimentalismo, envolvendo a saudade e a tristeza de alguém só, que tem por companhia os elementos da natureza, e goza de bom comportamento social. Isso induzia o leitor à valorização da religião, dos estudos, do trabalho e da sensibilidade. Abordando essa temática, também foi publicado o folhetim que tratava da harmonia familiar e dos bons costumes – franceses –; destinava-se ao culto das artes, salientando estudos e recitais; às boas maneiras com relação à moral e à religiosidade; e ao amor, tido como algo puro e delicado, com vistas ao casamento feliz. Contemplando ainda a temática puramente romântica, encontrou-se textos que abordam o fim da escravidão e o início do regionalismo gaúcho.

No entanto, a exemplo da poesia, houve autores publicando textos em que surgem indícios de uma visão social mais crítica e voltada ao real-naturalismo. Nesse âmbito, a temática foi clara e objetiva, apontando com ironia o péssimo comportamento hipócrita da elite social de onde o jornal circulava. Os textos eram sempre apresentados por um narrador que, enquanto, descreve as ações das personagens, tece comentários sobre o comportamento das mesmas; sendo assim, o leitor é induzido a concordar com o narrador.

Neste sentido, vê-se o caráter dogmatizante dos textos que, de certa forma, moldavam o público leitor conforme os seus ideais.

A abordagem da crítica seguiu uma linha histórica para então apreender o seu caráter e a sua função, partindo da metade do século XIX até o fim do mesmo, época em que circulou o jornal *Arauto das Letras*. Durante o período estudado, foi possível perceber que as mudanças sofridas pela crítica literária referem-se estritamente à ideologia seguida. No início ela surgiu como um tímido ensaio literário, dentro da estética romântica e, por isso, abordava os problemas defendidos pela escola, como: a busca da originalidade e da nacionalidade literária. Já no final do século XIX, percebeu-se que a ideologia defendida e divulgada abertamente pela crítica literária baseava-se nos ideais do Positivismo, do Evolucionismo e do Determinismo. Visava a atentar a sociedade para a urgência do progresso intelectual e artístico como um todo; do sistema político-econômico; das ciências, ou seja de todas as áreas do conhecimento humano.

A partir da descrição do conteúdo literário expresso no *Arauto das Letras*, constatou-se a importância do material de imprensa à constituição e ao fortalecimento da sociedade da região sul rio-grandense, uma vez que o conteúdo dos textos esteve sempre relacionado diretamente ao contexto social. Além disso, percebeu-se a possibilidade de estudo de um jornal literário com base na estética literária, uma vez que as produções referentes à Literatura, veiculadas pela imprensa escrita, expressam temas e estilos literários, refletindo todo um processo de desenvolvimento da literatura e da vida sócio-política da região sul. Finalmente, pode-se dizer que a imprensa literária foi de grande ajuda à veiculação das produções culturais do final do século XIX no Rio Grande do Sul e, em especial, no extremo sul do Estado. Através dela, foram propaladas as novas tendências do estilo literário a se aproximar, ou seja, o Parnasianismo, na poesia, e o Naturalismo, na prosa e na crítica literária. É importante ressaltar que da união da imprensa com a literatura surgiu a *Sociedade do Partenon Literário* que teve por veículo de comunicação a *Revista Mensal do Partenon Literário* e representou o marco inicial da literatura no Rio Grande do Sul.

A imprensa literária também foi a responsável pela divulgação de escritores locais que, não fosse pelos periódicos nunca teriam suas publicações lidas, pois o custo do livro era muito elevado, permitindo a poucos o acesso à sua compra. Havia, ainda, o problema do alto índice de analfabetismo, igualmente dificultando a venda dos livros. Por

essas e outras razões, a imprensa local teve grande importância; atingia a todas as camadas sociais, apresentando textos de reflexão social e ficção dogmatizante.

Durante o estudo dos textos literários, ficou claro que a relação da literatura com o jornal era de organizar a sociedade, que se pretendia consolidada e forte enquanto instituição. O jornal constituía o meio de comunicação mais viável, pois atingia um grande e variado público leitor. Entretanto, o *Arauto das Letras* colaborou com as produções literárias e com o desenvolvimento da sociedade sul rio-grandense por apenas um ano. Posteriormente, saiu de circulação sem revelar o motivo. No entanto, à época, o fato era, de certa forma, comum, já que as publicações dedicavam-se mais especificamente à literatura e dependiam de um mercado imprevisível, ou de um público com interesses específicos, conforme relata Antonio Dimas¹.

Ao concluir esta dissertação, fica a idéia de que muito haveria ainda a ser dito sobre a expressão literária da zona sul-rio-grandense e de sua relação com a sociedade e a imprensa local, representada aqui pelo jornal *Arauto das Letras*. Porém, este trabalho não pretende esgotar o assunto em questão. O objetivo proposto foi alcançado: verificar, junto à apresentação do jornal e à análise do conteúdo literário deste, a visão social da época estudada; bem como o percurso sociocultural da região, contemplando seu relacionamento com a literatura e a importância do jornalismo literário no final do século XIX.

¹ DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983. p. 9.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1968.
- ALVES, Francisco das Neves. (org). *Temas de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1994.
- _____. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. FURG, 1999.
- _____. *Imprensa & história*. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- _____. O idioma como fator de integração no cone sul: um breve estudo de caso. In.: ALVES, Francisco das Neves. et alii. *Artexto*: revista do departamento de letras e artes. Rio Grande, v. 12, n. 12, p. 12, 2001.
- BAUMGARTEN, Carlos A. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880*. Porto Alegre: EST, 1982.
- _____. *A crítica literária no Rio Grande do Sul - do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- _____. Lobo da Costa: uma visão romântica da revolução. In.: _____. (org). *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.
- BELSEY, Catherine. *A prática crítica*. São Paulo: Signos, 1985.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1883.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAMPOS, Alice Moreira. O discurso poético de Lobo da Costa – Excerto da Tese de Doutorado Lobo da Costa: fixação do texto poético. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 7-33, março de 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CARVALHAL, Tania Franco. *O crítico à sombra da estante: levantamento o análise da obra de Augusto Meyer*. Porto Alegre: Globo, 1976.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1980.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868 – 1960*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

COSSON, Rildo. Notas à margem de uma fronteira móvel. In.: *Revista Continente Sul-Sur*. São Paulo. n. 07, p. 85-94, 1998.

_____ et alii. *Literatura, jornal e cultura: autores pelotenses – 1851/1889*. Pelotas: UFPEL, 2001/2003. Projeto de Pesquisa.

DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FONTANA, Carlos Eugênio. Apontamentos topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande. *Revista do Partenon Literário*. Rio Grande, n^{os} 6, 8, 9, 12, III ano, 1874 e n^{os} 5, 10, IV ano, 1875.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPEL, 2001.

HUNTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

IMBERT, Enrique Anderson. *Métodos de crítica literária*. Coimbra: Livraria Almedina, 1971.

JORNAL *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1882 n^{os} : 01-20 e 1883 n^{os} : 01-16.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEITE, José Antonio Mazza. Charqueadas pelotenses: seus primórdios e evolução. In.: GONÇALVES, Ana Beatriz R. (org.) *Turismo e Cultura: História regional*. Santo Ângelo: Gráfica Venâncio Ayres, 2001.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História da América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

_____. II Império: conflitos platinos. In.: *História do Brasil imperial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981.

_____. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993.

_____. *Pelotas Século XIX*. Pelotas: Livraria Mundial, 1994.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Evolução das charqueadas rio-grandenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

_____. *A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1978.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides – breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.

_____. (Org.) *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL/ Corag, 2002.

OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. 2 v. Pelotas: Armazém Literário, 1997.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Murmúrios do Guaíba: índice e antologia. *Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUCRS*. Porto Alegre, n.1, v.7, maio 2001.

PRADO, Aurea et alii. *Rio Grande do Sul: Terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro: 1737-1822*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

RAMOS, Pérciles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1990.

REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In.: _____ et alii. *Fundamentos da cultura rio-grandense*. 2ª série. Porto Alegre: UFRGS, 1957.

SCHNEIDER, Luiz Edgar. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In.: _____ et alii. *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962.

SILVA, João Pinto da. *História da Literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

ZILBERMAN, Regina. et alii. *O Partenon Literário: poesia e prosa - Antologia*. Porto Alegre: Inst. Cultural Português, 1980.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LISTA BIBLIOGRÁFICA

MELLO, Revocata Figueirôa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, Folhetim, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, Folhetim, p. 1 .

Descritores: folhetim; constituído por três capítulos sendo que o último ficou incompleto devido o falecimento da autora. Publicado nos seis primeiros exemplares do jornal, no primeiro número trata de duas primas que estão sendo cortejadas pelo mesmo rapaz. Ambas possuem características opostas e são apresentadas pelo narrador como a personificação de estilos poéticos: Adalgisa representa a tragédia e o Parnaso; Helena, a poesia lírica. No segundo número há a introdução de mais alguns personagens como a mãe e os irmãos de Helena, e Fernando que foi comparado pelo narrador ao Hamlet Moderno. A continuação do número anterior apresenta Fernando como poeta e admirador de Lobo da Costa, e o início do segundo capítulo que tem continuação no exemplar número 4. Nesse Adalgisa olha tristemente o livro de Lamartine. No quinto número é encerado o segundo capítulo e inicia o terceiro no qual é mencionado que o botão de rosa deveria pertencer à musa do poeta. O último número segue o terceiro capítulo fazendo alusão a Apolo, deus do amor.

MORANGIS, Paolo de [Ignacio Moreira]. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Variedade, p. 1.

Descritores: crônica; texto que trata de um amor frustrado.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. P. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Phantasia, p. 2.

Descritores: poema em prosa; trata da solidão e da infelicidade de alguém que conversa com a lua; o conto data da cidade de Rio Grande.

SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. A alcova. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 2, Phantasia, p. 2.

Descritores: poema em prosa; assemelha-se ao poema de Olavo Bilac; o conto data da cidade de Rio Grande.

O NOCTURNO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 3, Chronica, p. 3.

Descritores: poema; encontrado á porta do *toilette* do baile da Instrução; fala de amor a um poeta.

J. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: soneto; data da cidade de Rio Grande e trata da saudade da felicidade vivida no passado.

N. Passado, presente e futuro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

Descritores: poema; composto por três estrofes de seis versos cada; tematiza a morte.

MARIO. À M. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

Descritores: poesia; fala da tristeza, da solidão e do amor.

N. Tristeza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco quadras; data da cidade de Rio Grande.

A AVE prisioneira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

Descritores: poema; composto por três estrofes de seis versos cada; trata da liberdade por meio da morte.

G. BELLLEGARDE. Rozas e louros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

Descritores: poesia; fala a respeito da beleza que serve de ornamento para a mulher; e do estudo que lhe serve de escudo.

SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Sessenta segundos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Variedade, p. 1.

Descritores: artigo que trata de um amor relâmpago.

SANTOS, Eduardo F. dos. A descrença no verdor dos annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.

Descritores: poema em prosa; tende ao ultra-romantismo; fala da dor da solidão e da desesperança; data da cidade de Rio Grande.

L. ¡Morrir por ti!... . *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.

Descritores: poema; composto por três estrofes de oito versos; escrito em língua espanhola no qual o eu-lírico declara o seu amor por M. e questiona-a a respeito dos seus sentimentos em relação a ele.

SOUZA BURITY. Marieta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 3.

Descritores: conto; dividido em dois exemplares, apresenta no primeiro número da história de um casal que não podia se casar porque ambos eram muito pobres. A moça vivia com uma parente velha que decidiu casá-la com um homem rico. Esse por sua vez abandonou a moça que acabou morrendo. A continuação do conto apresenta o enterro da moça, o fim da velha e a lenda a respeito da história contada pelos moradores da aldeia.

S., Armando. Phenomeno . *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 3.

Descritores: soneto; caracteriza um homem e uma mulher de nacionalidades diferentes; o poema data da cidade de Rio Grande.

MELLO, Revocata H. de. Devaneios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Secção Poética, p. 4.

Descritores: poema; trata da viagem em busca de um porto; data da cidade de Rio Grande.

COSTA, R. Alberto da. Saudação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Secção Poética, p. 4.

Descritores: poema; em forma de ode; dedicado à Julieta de Mello Monteiro; trata de um elogio à poetiza e ao seu livro *Prelúdios*; data da cidade do Rio de Janeiro.

PORTO ALEGRE, C. A caridade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Secção Poética, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis estrofes sendo que cada uma contendo seis versos divididos em duas redondilhas maiores e uma redondilha menor que se repetem; apresenta a caridade como solução para os problemas dos desvalidos; data da cidade de Rio Grande.

MELLO, Revocata H. de. A mulher e seus direitos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 1.

Descritores: artigo; trata das qualidades da mulher; data da cidade de Rio Grande.

ORTIGÃO, Joaquim da Costa Ramalho et alii. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.

Descritores: artigo; defende a educação da mulher para que ela possa dar boa formação ao homem do futuro.

SANTOS, Eduardo F. dos. A flôr da Collina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Variedade, p. 2.

Descritores: conto; o narrador conta como foi a morte de uma flor após ser atacada por um trovão; percebe-se a presença do simbolismo; data da cidade de Rio Grande.

MELLO, Revocata H. de. Não te esqueças de mim – Paraphrase. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis quadras; o eu-lírico do poema pede para que alguém, não identificado, não o esqueça após a sua morte.

L. Colon. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quartetos e dois versos; escrito em língua espanhola; exalta as vitórias de Cristóvão Colombo; data da cidade de Rio Grande.

S., Armando. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por doze versos com metragem irregular; data da cidade de Rio Grande; fala da liberdade para o Brasil.

MATHIAS GUIMARÃES. De noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por três estrofes de seis versos; trata da morte de uma criança.

L. A sympathica jovem D. Alc... . *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras; o eu-lírico declara o seu amor à Alc...; data da cidade de Rio Grande, 13 de agosto de 1882.

GUIMARÃES, José Ribeiro Ferreira. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.

Descritores: acróstico; faz um elogio à beleza de uma mulher não identificada.

O TROPEIRO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, Variedade, p. 1.

Descritores: conto; descrição do gaúcho e de seus atributos morais; descritivo e anônimo.

GRASIELLA. 22 de agosto: A um poeta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.

Descritores: poema em prosa; homenagem a um poeta desconhecido que fez aniversário dia 22 de agosto; data da cidade do Rio Grande.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Fragmentos da carteira de um louco. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.

Descritores: conto; trata da dor de perder a mulher amada por a morte; data da cidade de Rio Grande.

S., Armando. Romantismo momentaneo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.

Descritores: conto; aborda o amor passageiro; autor não identificado.

PORTO ALEGRE, C. Prelúdios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de seis versos; dedicado á poetisa rio-grandina Julieta de Mello Monteiro; o poema tem um tom musical que elogia a arte poética da autora.

AOS TEUS annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de seis versos todos em redondilha maior; o poema data da cidade de Rio Grande, é anônimo, mas pode-se perceber que é de uma mulher para um homem, poeta, que está fazendo aniversário.

COSTA, Moriwald. Semper. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quartetos; trata de amor.

ALVES CARNEIRO. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras; data da cidade de Rio Grande; trata da recordação do amor vivido.

LOBO, Eduardo. Lenitivo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quartetos; data da cidade de Rio Grande e fala da beleza da mulher amada.

CASTRO, J. C. O sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por duas estrofes de seis versos; data da cidade de Porto Alegre; aborda temas como sonho e amor.

CATITA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; em forma de soneto; canta a beleza de uma determinada mulher.

A. R. O progresso e o século. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1.

Descritores: crônica; artigo que convida os leitores a trabalhar. À continuação do número cinco, o autor critica Satan por perturbar o trabalho do homem. No número oito, trata do progresso das máquinas e no número onze conclui que o progresso está disseminado pelo mundo. Todos os números começam pela seguinte epígrafe “O trabalho e a sciencia são os regentes do mundo”, assinado por S.

SEM título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.

Descritores: poema; em forma de soneto; data da cidade de Rio Grande; fala da natureza e de amor.

T. J. A indiferença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.

Descritores: crônica; artigo que trata da indiferença como requinte da indolência moral.

COSTA, Moriwald. Jára – Impressões de leitura. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.

Descritores: poema; composto por oito estrofes, intercalando quartetos e estrofes de seis versos; tem como tema o índio, principalmente, do romance *O Guanari*.

A. R. C. Conto de serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 3.

Descritores: conto; data da cidade de Rio Grande, 15 de agosto de 1882; trata do preconceito racial, contra uma mãe de família, praticado dentro do próprio lar.

CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

Descritores: poema; em forma de soneto; tem como tema o fim do dia de dois peões; data da cidade de Rio Grande.

LELIO. A un jasmin. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

Descritores: poema; composto por sete quadras; escrito em língua espanhola e tem como tema o amor.

PEDAÇOS d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

Descritores: frases; anônimas; retratam o comportamento social.

CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

Descritores: poema; em forma de soneto; data da cidade de Rio Grande; trata da hora do chá que era servido às crianças da Corte.

NESLES, Artur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Uma pagina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.

Descritores: crônica; o autor saúda as mulheres por formarem os obreiros do progresso; data da cidade de Rio Grande; dedicado à Julieta de Mello Monteiro.

UN recuerdo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.

Descritores: acróstico; forma: À MATILDE; homenageia a beleza da mesma; data da cidade de Rio Grande.

MONTEIRO, Julieta de M. Historia de uma flor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.

Descritores: poema em prosa; na primeira carta a narradora conta à amiga que irá casar-se; dedicada a Francisco Cabral.

MATHIAS GUIMARÃES. Nocturno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 3.

Descritores: poema; composto por quatro quadras; data da cidade de Pelotas; fala de tristeza e solidão.

SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Primeira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, Cartas Litterarias, p. 3.

Descritores: carta; felicita Marieta pelo êxito do *Arauto das Letras*; data da cidade de Rio Grande.

LOBO, Eduardo. Desalento. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.

Descritores: poema; forma de soneto; data da cidade de Rio Grande; trata da solidão e tem um tom ultra-romântico.

OLIVEIRA, A. de.; NOGUEIRA DA SILVA. Pedacos d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.

Descritores: frases; tratam de temas diferenciados; apresentam-se em quatro frases, sendo que apenas a última possui uma definição para o remorso e identificação do autor: Nogueira da Silva.

TEUS olhos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.

Descritores: poema; duas quadras; data da cidade de Rio Grande; tem como tema a beleza dos olhos femininos.

MELLO, Octaviano A. de. À morte da minha idolatrada mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.

Descritores: artigo; homenagem à Revocata Figueirôa de Mello.

PORTO ALEGRE, Cypriano. Elogio funebre. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.

Descritores: homenagem dedicada à memória da poetisa rio-grandense Revocata Figueirôa e Mello.

A REDAÇÃO. Necrologia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 2.

Descritores: agradecimentos; a família de Revocata Figueirôa e Mello agradece às pessoas que compareceram ao enterro, e revela o pseudônimo da poetisa, além de declarar cancelada a publicação do folhetim *O Botão de Roza*, escrito pela mesma.

LETLES. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 3.

Descritores: conto; data da cidade de Rio Grande, 6 de setembro de 1882; dedicado a João de Souza Dutra e trata da história do dia-a-dia de um tropeiro.

MORANGIS, Paolo de. À Exma. Sra. D. Revocata Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 2.

Descritores: crônica; exalta a mulher na sociedade, principalmente, as que com os estudos se defendem e brilham na literatura.

L. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 2.

Descritores: poema; dedicado à Scismadora; data de Rio Grande; o poema está em língua espanhola e trata-se de metapoesia.

NESLES, Artur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Reflexos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 2.

Descritores: conto; fala do amor de um menino em colégio interno.

SANTOS, Eduardo F. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 3.

Descritores: poema em prosa; data da cidade de Rio Grande, 27 de agosto de 1882; é ultraromântico; descreve a natureza.

MATHIAS GUIMARÃES. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 4.

Descritores: poema; forma de soneto; tem como tema o arrependimento do eu-lírico por ter amado uma prostituta; o poema data da cidade de Pelotas 1882.

A. R. C. Conto do serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 4.

Descritores: conto; data da cidade de Rio Grande, setembro de 82; o conto refere-se às más companhias e suas conseqüências.

NESLES, Arthur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Scenas contemporaneas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 1-2.

Descritores: conto; apresenta a crítica a respeito do interesse que une os estrangeiros aos brasileiros.

MARGARIDA, Manoel. Á Illustre Poetisa Rio-Grandense. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.

Descritores: poema; tem por mote “Sou teu admirador”; faz elogios à beleza de Julieta M. Monteiro.

DUAS tempestades. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.

Descritores: poema; composto por três quadras; compara a tempestade da natureza com a confusão sentimental e social.

MARGARIDA, Manoel. À illustre poetisa Rio-Grandense: A Exma. Sra. D. Julieta Monteiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.

Descritores: poema; tem por mote o seguinte verso: “sou teu admirador”; a glosa é composta por cinco estrofes de dez versos, toda em redondilha maior; tem por tema uma declaração de amor à poetisa.

LOBO DA COSTA, Francisco. Angelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.

Descritores: conto; menciona a morte de uma menina.

LOBO DA COSTA, Francisco. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.

Descritores: poema; trata do início e da importância da imprensa para o Rio Grande do Sul.

MACEDO, J. M. de. Pedacos d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 4.

Descritores: pensamentos; são conselhos para o comportamento social.

T. N. B. Gratidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quadras, todo em eneassílabo; tem por tema o amor.

A REDAÇÃO. Innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.

Descritores: crônica; crônica que trata da justiça e dos criminosos.

MARYLANDICO [Paula Pires]. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.

Descritores: poema; composto por três sextilhas; trata da hipocrisia social.

ENNIO. Trabalhem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.

Descritores: crônica; data da cidade de Rio Grande, 26 de setembro de 1882; trata do incentivo ao trabalho pelo progresso e emancipação do povo.

LA HIJA del mártir. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 2.

Descritores: poema; composto por oito estrofes de oito versos e uma quadra; escrito em espanhol, referindo-se à mulher com a qual o eu-lírico sonhou.

LETLES, H. Ao correr da penna. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 2.

Descritores: poema em prosa; dedicado à I...; data da cidade de Rio Grande, 8 de outubro de 1882; trata do amor.

LOBO, E. Lembras-te? *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 3.

Descritores: poema; composto por nove estrofes com versos irregulares; dedicado a “mon premier amour”; fala de amor.

ALBINO, João. Quero fugir-te... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 4.

Descritores: conto; reflete com humor a respeito da hipocrisia social.

L. Al acordarme de ti. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1.

Descritores: poema; apenas um dístico que fala de amor.

CHAVES, Leopoldo. Um frade antropophago – Notas de um formigão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.

Descritores: conto; data da cidade de Rio Grande; o conto narra o pecado da gula cometido por um frei. Além disso, termina em forma de peça teatral havendo, assim, a mistura dos gêneros narrativo e dramático. À continuação do conto, no número 12, segue a escrita teatral, tendo o texto um desfecho de caráter burlesco.

MATHIAS GUIMARÃES. A volta das andorinhas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, Chromo, p. 3.

Descritores: chromo; trata da natureza; data da cidade de Pelotas.

PENSAMENTOS. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.

Descritores: frases; tem como tema o cotidiano.

ALVES CARNEIRO. A ti ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.

Descritores: poema; composto por cinco quadras e tematiza o amor; data da cidade de Rio Grande.

SANTOS, E. F. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, Variedade, p. 3-4.

Descritores: poema em prosa; data da cidade de Rio Grande, 15 de outubro de 1882; fala da dor da separação, talvez de um amor, que partiu de barco.

A. J. Amarguras da vida – Adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras; trata da dor de amor; data da cidade de Rio Grande.

VIEIRA DA CUNHA. Política e religião. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 1.

Descritores: crônica; crônica que faz a relação entre política e religião, no primeiro número; no segundo, afirma que todos devem ser livres para escolher a religião.

CHAVES, Leopoldo. Si eu partisse amanhã. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1.

Descritores: poema; composto por seis quadras; trata da dor da separação do ser amado; data de Fortaleza de Santa Cruz – Corte, 1878.

A. CARDOSO. À Laura. (Porto Alegre). *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.

Descritores: poema; composto por três quadras; refere-se a alguém que tem o amor desprezado; data da cidade de Rio Grande, 23 de outubro de 1882.

UMA página moderna – Romance em quatro minutos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.

Descritores: conto; o autor não foi identificado; trata de um alerta para o comportamento feminino.

GUIMARÃES, Américo. Uma página realista – Romance em duas syllabas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.

Descritores: conto; narra a história de uma prostituta que foi perdoada na hora da morte; tom plangente.

ALVES CARNEIRO. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.

Descritores: poema em prosa; fala do desejo de suicídio.

PENSAMENTOS. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 4.

Descritores: pensamentos; menciona a existência de um pensamento de Byron e de dois de M. de Maricá.

LOBO DA COSTA. Barcarola. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2.

Descritores: poema; com estrutura de barcarola; dedicado à Revocata Heloisa de Mello, declara que o pseudônimo da poetisa é Scismadora; canta a poesia como se fosse a lua que anda por toda a Europa e a Grécia Antiga.

LETLES, H. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 2.

Descritores: conto; dedicado a Octaviano A. de Mello, data da cidade de Rio Grande. Aborda a temática simbolista, apresentando o sonho com o amor impossível. Em meio ao conto surge dois quartetos simbolistas bem rimados, falando de amor. Foi dividido em dois exemplares, devido ao tamanho extenso que dificulta a edição integral.

NUNES, T. Vozes do coração. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 3.

Descritores: poema; composto por seis quadras; dedicado à mãe do autor; data da cidade de Rio Grande.

CARDOSO, Afonso da S. À vapor! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

Descritores: conto; dedicado a Leopoldo Chaves; data da cidade de Rio Grande, 29 de outubro de 1882; busca o riso a despeito do amor.

COSTA, Praxedes da. Suspiros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; composto por oito quartetos; trata de amor; possui um tom simbólico.

RIBEIRO, J. P. Á Octaviano Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de oito versos e uma quadra; data da cidade de Porto Alegre; é metapoesia.

L. A Dios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; acróstico; escrito em língua espanhola; fala de religiosidade.

ENNIO. A mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, Colaboração, p. 1.

Descritores: crônica; data da cidade de Rio Grande, 23 de outubro de 1882; define a mulher como um enigma e incentiva as mulheres a terem liberdade, estudar e trabalhar.

PORTO ALEGRE, C. Á tarde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.

Descritores: poema; composto por cinco quadras; data da cidade de Rio Grande, 11 de novembro de 1882; trata da dor da saudade do tempo que passou.

MARYLANDICO [Paula Pires]. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.

Descritores: poema; composto por uma estrofe de oito versos; tematiza o amor; data da cidade de Pelotas, outubro de 1882.

MATHIAS GUIMARÃES. Era uma noite de amores. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.

Descritores: poema; composto por oito versos, trata de amor; dedicado a Francisco Araujo; data da cidade de Pelotas.

MARQUES, Paulo. Meu amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 2.

Descritores: poema; composto por três quadras com versos alexandrinos; dedicado a ela; fala de amor.

LOBO, E. Mimi. – Ao teu segundo aniversário. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de seis versos; data do Porto, agosto de 1879; homenagem a uma criança pelo seu aniversário.

SEM FIM. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3;

Descritores: folhetim; original de P. B. Alves Carneiro e oferecido a redação do *Arauto das Letras*; o primeiro número traz a apresentação do autor e a primeira parte do folhetim que trata do início da viagem à vapor feita pelo narrador e posterior encontro com o amigo de infância. A continuação do folhetim, no número 15, fala da doença de Alberto, amigo do narrador, inicialmente refere-se ao mal-do-século. Nesse mesmo número há a indicação de que o folhetim continua, porém, não foi encontrada a continuação nem mesmo a conclusão do folhetim.

MATHIAS GUIMARÃES. O ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de cinco versos; inicia por uma quadra de Castro Alves; versa sobre o incentivo ao homem ao estudo e ao trabalho.

CONTRASTE. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3.

Descritores: poema; composto por três estrofes, sendo que a primeira possui seis versos; a segunda, oito e a última quatorze; escrito em língua espanhola; compara a riqueza e a pobreza.

TEIXEIRA, A. G. A. M. ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 4.

Descritores: poema; composto por três estrofes de seis versos; trata de amor.

SANTOS, F. Alvaro. Saudação ao meu presado amigo PRAXEDES DA COSTA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco quadras; inicia por um quarteto de T. Ribeiro; homenageia a poesia feita por Praxedes da Costa.

A REDAÇÃO. Abolicionismo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 1.

Descritores: crônica; trata da abolição como salvação da humanidade, e refere-se ao abolicionista José Maria das Silva Paranhos.

LOBO DA COSTA, Francisco. Carta de Pezames. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 2.

Descritores: carta; dedicada à Julieta Monteiro e Revocata Heloísa de Melo; fala das tristezas provocadas pela morte de Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, além de consolar as filhas, dizendo que elas representam o futuro da poesia.

Descritores: poema; composto por cinco quadras cada, em eneassílabo; fala de amor; data de Rio Claro, 1878.

LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.

Descritores: poema em prosa; aproxima o amor da natureza.

MATHIAS GUIMARÃES. Olympia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.

Descritores: poema; composto por duas estrofes de cinco versos, em redondilha maior; fala de amor; data da cidade de Pelotas.

SCHNEIDER, F. J. L. À M. L.... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.

Descritores: poema; monostrófico composto por seis versos com métrica irregular; trata de amor.

VERON, Pierre. A corôa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.

Descritores: conto; possui um narrador observador que relata a história de uma mulher viúva que tem um filho pequeno, cujo pai morreu na guerra.

FERREIRA, A. F. Uns olhos pretos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras, em redondilha maior; tem por tema os olhos belos, mas traidores, da mulher.

MOREIRA PINTO. À gentil Maria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis estrofes de oito versos, em redondilha maior; trata de amor.

MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

Descritores: crítica literária; comenta a respeito de autores rio-grandenses e defende a obra literária *Vênus*.

A REDAÇÃO. Dous de Dezembro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1.

Descritores: crônica; texto que saúda D. Pedro II pelo seu 57º aniversário.

J. J. M. C. 1640. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1.

Descritores: poema; composto por dez quadras, em redondilha maior; tem por assunto a liberdade.

LETLES, H. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1.

Descritores: crônica; no primeiro número há a crítica ao comércio, por abrir aos domingos. No segundo e último número, o autor continua a sua defesa à classe caixeiral, pois acredita que os trabalhadores do comércio têm o direito de descansarem aos domingos.

PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 2.

Descritores: poema; forma de soneto; tem por tema a prisão e a liberdade.

FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 3.

Descritores: poema; forma de soneto; faz elogios à força de Semiramis.

LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.

Descritores: poema em prosa; fala da dor da separação.

MELLO, O. A. À beira mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.

Descritores: poema; forma de soneto; tem por tema a mulher a natureza.

LETLES, H. À Revocata H. de Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.

Descritores: poema; forma de acróstico; elogia o talento da poetisa.

J. M. M. À minha querida mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1.

Descritores: poema; forma de soneto; fala da saudade que sente da mãe.

FORTE, Herculano. Existencia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

Descritores: ensaio; no primeiro número, o autor fala da provável existência da lama, explicando que entre a matéria e o espírito existe um mistério maior do que se imagina. No segundo, estabelece diferenças entre o corpo e alma, além de fazer comparações entre os materialistas e os existencialistas. Ao concluir, no terceiro número, afirma que a alma é o princípio pensante, é a única realidade irrefutável e que o mundo material não é o único de que tem conhecimento; o texto data da cidade de São José do Norte.

NUNES, Tercilia. À memoria de meu pai: Saudade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.

Descritores: poema; composto por oito quadras, todo em decassílabo; o tema fala do sentimento de saudade que sente pela ausência do pai.

PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.

Descritores: poema; soneto; refere-se ao abolicionista José Maria da Silva Paranhos.

MATHIAS GUIMARÃES. Quero... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 3.

Descritores: poema; monostrófico; composto por cinco versos; fala de amor.

LETLES, H. Minha mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.

Descritores: crônica; o primeiro número elogia as mães “anjos da guarda que Deus enviou para conduzir os homens ao caminho do bem.”. No número seguinte, o autor afirma que as mães sempre recebem, de braços abertos, os filhos ingratos e que de perto ou de longe dedicam a eles a mesma afeição.

FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.

Descritores: poema; soneto; elogia a força de Cleópatra.

MELLO, O. A. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.

Descritores: poema em prosa; forma por quatro frases que falam de saudade, dor e amor.

AIDRAC, A. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, colaboração, p. 1.

Descritores: crônica; crônica que aborda a abertura do comércio aos domingos. Indica que há continuação, contudo a mesma não foi encontrada.

LA confision. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 1.

Descritores: poema; mistura os gêneros drama e poesia, pois se apresenta em forma de diálogo; escrito em língua espanhola; fala a respeito do comportamento feminino.

LOBO, E. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.

Descritores: poema; acróstico; homenagem a “nova e maviosa poetisa brasileira D. Tercilia Nunes”; data da cidade de Rio Grande.

d’ALMEIDA, P. T. A vizinha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.

Descritores: poema; soneto; data do Norte, 82; tem por tema a mulher e a natureza.

FORTE, Aurelio. Sentimental. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.

Descritores: poema; soneto; data do Norte, 82; canta a beleza da mulher e a sua tristeza de amor.

MATHIAS GUIMARÃES. O descrente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.

Descritores: poema; composto por seis versos; data da cidade de Pelotas; trata da descrença no amor.

MELLO, O. A. Descrença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quadras; inicia por uma quadra de Hypolito Camargo; dedicado à C ... e versa a respeito do amor impossível.

BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

Descritores: poema; assemelha-se a uma ode; composto por quinze estrofes de seis versos; exalta a poesia de Castro Alves; data da cidade de Bagé.

CAVALCANTI FILHA, Luiza. Amor filial. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.

Descritores: poema; composto por oito estrofes de cinco versos; data da cidade de Porto alegre; trata da solidão.

LARA, I. de. Soluços. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.

Descritores: poema em prosa; trata de amor; dedicado à M. L.; data da Serra, 15 de Dezembro.

d'ALMEIDA, P. T. Entre ruínas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 4.

Descritores: poema; soneto; elogia a beleza da cidade árabe em ruínas; data do Norte, 82.

LETLES, H. Idalia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.

Descritores: poema em prosa; data da cidade de Rio Grande, 82; possui continuação, sendo que no primeiro número narra um sonho de amor no qual o narrador está envolvido. O segundo número conclui com um sonho de amor que envolve a natureza e o sentimento de solidão.

MATHIAS GUIMARÃES. O Ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 1.

Descritores: poema; possui um mote com os seguintes versos de Castro Alves: “...E o homem, vaga que nasce/ No oceano popular,/ tem que impedir os espíritos,/ Tem uma plaga a buscar.”; composto por quatro estrofes de dez versos, em redondilha maior; fala do progresso literário na região sul do Estado.

FORTE, Aurelio Dias. Imortalidade da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.

Descritores: ensaio; o texto afirma que o homem não morre, mas apenas entra numa nova fase.

LA margarita. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.

Descritores: poema; escrito em língua espanhola; composto por seis estrofes de oito versos; fala de uma flor vista às margens do rio Paraná.

d’ALMEIDA, P. T. Innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

Descritores: poema; forma de soneto; fala da infância.

d’ALMEIDA, P. T. Avelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

Descritores: poema em prosa; fala da submissão do amor.

PIRES, Paula. Perdão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

Descritores: poema; composto por seis quadras, em decassílabo sáfico; o eu-lírico pede perdão por todos os erros cometidos.

FORTE, Aurelio. A M.... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

Descritores: poema; composto por sete quadras, em redondilha maior; aborda o tema: a tristeza da mulher amada.

MELLO, O. A. de. Hontem e Hoje. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quartetos, em decassílabo heróico; fala do amor por uma mulher.

NOBREGA, Luiz. A Julieta Monteiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.

Descritores: poema; composto por três estrofes de oito versos, em redondilha maior; elogia o talento da atriz.

MELLO, Revocata H. de. Insomnia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.

Descritores: poema; forma de soneto; apresenta a função de alerta social, exercida pela poesia.

COSTA, Moriwald. A palhoça. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 2.

Descritores: poema; composto por seis quadras em eneassílabos; trata da dor da separação.

MARTINS, Edístio d'Alcantara. Abolição. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

Descritores: poema; composto por oito quadras em versos alexandrinos; trata da abolição da escravatura.

d'ALMEIDA, P. T. A entrevista. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

Descritores: poema; forma de soneto; fala do encontro de dois namorados.

L. Priminha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 4.

Descritores: poema; tem por mote dois versos de H. Santos: “Eu gosto das primas faceiras mimosas,/ travessas, inquietas, lourinhas enfim.”; composto por cinco quadras em onze sílabas; fala da beleza da prima.

A EDUCAÇÃO da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.

Descritores: crônica; trata da influência materna determinando sentimentos, opiniões e destino dos filhos.

A MONTEVIDEO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.

Descritores: poema; escrito em língua espanhola; composto por cinco estrofes de cinco versos; aborda o tema do exílio.

T. Lála. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.

Descritores: conto; dividido em cinco partes todas publicadas na mesma edição; cada uma das partes descreve tempo e espaço diferentes ao final tem-se uma história de amor no qual a amada do narrador morre.

d'ALMEIDA, P. T. A tempestade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.

Descritores: poema; soneto; data do Norte, 83; dedicado a Aristides Monteiro; tem como tema a natureza.

d'ALMEIDA, P. T. A bonança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.

Descritores: poema; soneto; continuação da “cena” do poema anterior; canta o mundo como um grande poema.

CAMÕES. Aventuras de um incognito. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.

Descritores: conto; oferecido à redação do *Arauto das Letras* pelo autor CAMÕES; no primeiro número o narrador conta a história do início da sua vida na França até a vontade de embarcar. No segundo número, o embarque é efetuado. O terceiro número não é possível descrever porque não foram encontradas as páginas do jornal. No quarto número, o narrador confessa seu arrependimento e, logo após a sua felicidade por conhecer um capitão em Nova Iorque, cidade designada por ele como a república americana. A conclusão não foi encontrada.

MELLO, O. A. O livro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p.4.

Descritores: poema; composto por duas quadras; dedicado a Frederico Bastos; tem como tema a importância do livro; data da cidade de Rio Grande, 83.

F., M. dos P. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.

Descritores: crônica; texto que analisa a liberdade como vida e a escravidão como morte.

FERREIRA, Carlos. O retrato – 1878. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.

Descritores: poema; composto por nove quadras; trata da veneração da mulher do retrato pelo eu-lírico.

M. Idyllo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.

Descritores: poema em prosa; dividido em duas partes, ambas publicadas nesta edição; dedicado a Octaviano A. de Mello; tem por objeto a natureza campestre.

SU sorriso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.

Descritores: poema; soneto; enaltece a beleza feminina.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Marieta à Scismadora. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, Carta Litteraria, p. 2.

Descritores: carta; a narradora fala da difícil caminhada pelo deserto e afirma que precisa viver porque ama a pátria e a glória; por fim, faz elogios a grandes nomes da poesia simbolista nacional, gaúcha e pelotense.

S., Armando. A muda *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.

Descritores: poema; soneto; enaltece a beleza de uma mulher, demonstrando a decepção preconceituosa por aquela mulher ser muda; data da cidade de Rio Grande.

d'ALMEIDA, P. T. Tua voz – L ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.

Descritores: poema; soneto; fala da voz ardente e apaixonada de alguém; data do Norte, 82.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.

Descritores: poema em prosa; data da cidade de Rio Grande, narração direta de uma despedida.

A TI. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 4.

Descritores: poema; composto por duas quadras; fala do amor que deve ser dado a quem sofre; data da cidade de Rio Grande.

TEIXEIRA, Albino. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.

Descritores: poema; acróstico; forma o nome *Mariquinha*; o sujeito lírico enaltece a beleza da sua musa.

d'ALMEIDA, Pedro T. Phantasma da realidade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.

Descritores: conto; dedicado a Aurelio D. Forte; data da cidade de S. José do Norte, Janeiro de 1883; o narrador conta o sonho que teve com o amor e a fama, além de relatar a decepção de acordar.

LENCASTRE, Emilio de. Escreve. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco quadras, dois versos, três quadras, dois versos e uma quadra; data da cidade de Rio Grande, 83; fala do anseio de um apaixonado pela resposta por carta da mulher amada; o poema segue em tom musical.

EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 4.

Descritores: poema; monostrófico; é uma oitava; escrito em língua espanhola; fala de amor; assemelha-se ao poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade.

A REDAÇÃO. Educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.

Descritores: crônica; o narrador expõe que quando a mulher estiver pronta para governar a si mesma e aos outros, ela deve provar a sua capacidade, pois somente desta forma terá superioridade diante da família e da sociedade.

MATHIAS GUIMARÃES. Adeus! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.

Descritores: poema; aborda como tema a separação amorosa.

MARQUES, Paulo. A nora do banqueiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.

Descritores: conto; narra a respeito da hipocrisia social.

MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.

Descritores: poema; forma de soneto; trata do amor do homem por uma mulher.

d'ALMEIDA, P. T. O tymbira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 4.

Descritores: poema; forma de soneto; fala de um índio valente que, em desespero, mata-se.

F., M. dos P. Amizade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.

Descritores: crônica; afirma ser a amizade verdadeira apenas quando há confiança recíproca.

RIBEIRO, J. P. O proscripto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.

Descritores: poema; composto por três cantos: o primeiro, com cinco estrofes de seis versos cada; o segundo, com seis estrofes de dez versos cada; e o terceiro, com uma estrofe de dez versos; tem como tema a história de um marinheiro que atravessou o mar em tempestade e morreu na praia; data da cidade de Rio Grande.

BRISAS da solidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.

Descritores: poema em prosa; versa sobre o amor e a solidão.

AMAR na sombra – Fantasia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.

Descritores: conto; dividido em quatro partes; tem aspecto de carta, sendo que, na primeira parte o narrador apaixonado reflete sobre o passado; na segunda parte, refere-se ao presente; na terceira, relata um sonho, e na quarta, despede-se com esperança.

MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.

Descritores: poema; soneto; trata de amor.

GAÚCHO – Satyra. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de oito versos cada; tem por epígrafe uma quadra de Fagundes Varella; tem como tema a grandiosidade moral e mítica do gaúcho.

CRUZ e SOUZA. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.

Descritores: poema; soneto; dedicado à Julieta dos Santos; data de 5 de janeiro de 83.

SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Carta litteraria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.

Descritores: crônica; dirigida à Marieta, comentando o notável talento de Julieta dos Santos e de Moreira Vasconcellos.

MARQUES, Paulo. Não me beijos assim. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.

Descritores: poema; composto por três quadras cada; dedicado a Paula Pires; data do Rio, junho de 80; tem um tom moralizante ao amor de uma mulher.

A. Palavras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.

Descritores: poema em prosa; dedicado à Avelina; trata de amor.

PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.

Descritores: poema; soneto; dedicado a F. de Paula Maiwald; é metapoesia.

d'ALMEIDA, Pedro T. Duas lyras irmãs. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.

Descritores: crônica; faz elogios aos poetas Guimarães Junior e Raymundo Corrêa.

A REDAÇÃO. Um brado. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

Descritores: crônica; o texto defende a opinião de que os funcionários do comércio devem ter um dia de descanso para que possam investir em estudos e desenvolver o intelecto.

d'ALMEIDA, Pedro T. O lavrador. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

Descritores: poema; forma de soneto; dedicado a Silva Braga; fala do trabalho campeiro.

CAMPOS, Adriano Augusto de. Camões. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

Descritores: poema; soneto; dedicado à Revocata de Mello; faz elogios a Camões.

MARQUES, Paulo. Cartas Fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.

Descritores: crônica; dedicada ao Dr. Saturnino E. de Arruda; data da Corte, 83; foi publicado em dois exemplares, sendo que no primeiro número o narrador critica as mulheres que deixam o lar em razão dos estudos prejudicando os filhos. Na conclusão, o autor comenta que a emancipação política e social fere o matrimônio e a família.

A. G. T. A primeira vez que te vi. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 3.

Descritores: poema; forma de soneto; dedicado a M ...; fala de amor.

M. Uma história. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 3.

Descritores: conto; dedicado a Paula Pires; fala da mulher que se deixou iludir por promessas de amor, e acabou na prostituição.

S. P. S. Clotilde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: poema; cromo; o eu-lírico implora o amor de uma mulher.

A. R. C. Minha vida. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quadras de nove versos; compara a vida à tristeza diária.

LA noche. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: poema; composto por nove quadras; escrito em língua espanhola; faz referência ao tema viagem.

NUNES, Tercilia. Visão funesta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.

Descritores: poema; composto por dez estrofes de seis versos cada; data da cidade de Rio Grande; tem por tema a personificação do mal.

COSTA, Moriwald. À ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

Descritores: poema; composto por três estrofes de oito versos cada, todas repetem no final os dois primeiros versos; o terceiro verso é a repetição do primeiro; data da Barra, março de 1883; tem como tema o amor.

MELLO, Octaviano. Uma perpetua. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

Descritores: conto; dedicado à C ...; tematiza a dor da solidão e a perda da mãe; data da cidade de Rio Grande.

MATHIAS GUIMARÃES. Ao luar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

Descritores: poema; composto por cinco quadras cada; dedicado à C ...; versa sobre o amor e tem por símbolo a natureza.

LA marinera del amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

Descritores: poema; composto por duas estrofes de nove versos; escrito em espanhol; fala de amor.

d'ALMEIDA, Pedro T. O leque. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.

Descritores: poema; composto por dois cantos cada um com seis versos; data do Norte; no primeiro canto, fala da utilidade do leque; no segundo, da melancolia que o leque causa por representar a mocidade.

E. Saudades do campo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.

Descritores: poema em prosa; data da cidade de Rio Grande; tem por assunto a saudade do amor.

LENCASTRE, Emilio de. Uma lagrima – soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.

Descritores: poema; soneto; data da cidade de Rio Grande; trata da lágrima derramada por um apaixonado em razão do amor não correspondido.

OLLEM. Oscarina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis quadras; tem por objeto o amor, utilizando como símbolo a natureza.

d'ALMEIDA, Pedro T. Esperança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis cantos; inicia por dois versos de Victor Hugo; tem por tema a esperança em Deus; data do Norte.

L. Nos sepulcros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 1.

Descritores: crônica; tem por mote versos de Victor Hugo: “C’est que la mort n’est pas ce que/ la foule en pense,/ C’est l’instante ou noble ame obtient/ as récompense,/ Ou le fils exilé rentre au seir/ paternel.”; aborda como tema as almas dos mortos.

PIRES, Paula. Typos – Jóca Cazuzza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 2.

Descritores: crônica; critica o descaso da sociedade com relação às letras; possui função de crítica literária e descreve com ironia a rudeza intelectual do personagem ; data da cidade de Pelotas.

CASTRO, Henrique de. O primeiro presente de annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 3.

Descritores: conto; apresenta a obra de Victor Hugo como um ótimo presente.

PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.

Descritores: poema; em forma de soneto; trata a respeito da miséria.

MATHIAS GUIMARÃES. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.

Descritores: poema; composto por duas quadras em decassílabos; faz um elogio à atriz.

CHAVES, Leopoldo. Trez somnos – Instantaneo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 1.

Descritores: conto; dividido em três partes, cada uma delas representa a etapa da vida do personagem (noivo-pai-sogro); salienta que o homem, quando tem problemas, foge para o sonho.

EVANGELINA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 1.

Descritores: conto; a primeira e a segunda parte foram dedicadas à autora de “Prelúdios”, e narram a morte prematura de uma moça; a conclusão não foi publicada no jornal *Arauto das Letras*.

FORTE, Aurelio D. Phantasia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 2.

Descritores: conto; dedicado à Estephania C. forte, irmã do autor; data da cidade de São José do Norte; aborda o tema da morte.

CAMPOS, Adriano Augusto de. Adeus!... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

Descritores: poema; composto por oito quadras, em redondilha maior; trata do adeus à terra natal, em função do trabalho; data de Lisboa.

FIGUEIRA, Antonio. A laranjeira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

Descritores: poema; soneto; dedicado a Pinto Monteiro; data da Corte, 1882; aborda a temática da natureza da terra natal.

d'ALMEIDA, Pedro T. O janóta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

Descritores: poema; composto por quatro quadras em redondilha maior; fala da falsidade social.

d'ALMEIDA, Pedro T. Como é lindo sonhar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

Descritores: poema; tem por epígrafe os versos de Castro Alves: “Meu Deos! Quanta belleza n’essas trilhas/ Que perfume nas doces maravilhas/ Onde o vento gemeu!/ Que flôres d’ouro pelas veigas bellas1/ ...Foi um anjo co’a mão cheia d’estrellas/ Que na terra as perdeu!”; composto por seis estrofes de versos irregulares e métrica intercalada entre decassílabo e redondilha maior; trata do sonho de amor.

MATHIAS GUIMARÃES. Imitação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quadras em decassílabo sáfico; fala de amor.

MAGNETISMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; composto por três quartetos; escrito em espanhol; tem por tema a transposição da dor.

LOSTADA, M. Santos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.

Descritores: poema; composto por seis quadras, em redondilha maior; elogia o talento da atriz.

MILLER, Carlos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.

Descritores: crônica; o texto compara a atriz à Gemma Cuniberti.

A REDAÇÃO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.

Descritores: crônica; o narrador elogia a atriz.

d'ALMEIDA, P. T. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

Descritores: poema; inicia por dois versos de Castro Alves, sob forma de epígrafe: “Atiras as moedas do teu genio/ às pasmas multidões!”; composto por três quadras em versos alexandrinos; elogia o talento da atriz.

S., Armando. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras; no qual o poeta elogia a atriz.

PAIVA SANTOS. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

Descritores: crônica; é um elogio à atriz.

NUNES, Tercilia. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

Descritores: poema; composto por cinco estrofes de seis versos, com metros intercalados entre dez e seis sílabas.

LINDORO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

Descritores: crônica; o texto está escrito em língua espanhola; elogia o talento da atriz; apresenta um poema em duas quadras.

BENJAMIM DE ASSIZ. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

Descritores: crônica; o narrador salienta o talento da atriz como comediante.

LOBO, Eduardo. À laureada atrizinha Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

Descritores: poema; composto por uma longa estrofe com versos de métrica e disposição variadas; elogia a atriz.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Pensamentos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

Descritores: poema; composto por cinco dísticos em decassílabo; elogia o talento da atriz.

VIVI. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

Descritores: crônica; o texto incentiva a notável carreira da atriz.

MARTINS, Flavio Arthur. O genio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

Descritores: crônica; o narrador elogia a atriz e pede a mesma que, nas suas apresentações pelo mundo, não esqueça do país onde nasceu.

MATHIAS GUIMARÃES. Homenagem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; composto por duas estrofes de cinco versos, em redondilha maior; canta o talento da atriz; data da cidade de Pelotas.

MOREIRA DE VASCONCELLOS. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; soneto; representa a atriz como se ela fosse uma obra divina.

VARZEA, Virgílio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; em forma de soneto; tem por mote três versos de Castro Alves: “ O Niagara vai contar aos mares,/ O Chimborazo arremessa aos ares/A fama de teu nome! ...”; comenta que a Europa idolatrou a atriz brasileira.

CADAVAL, Alípio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; composto por quatro quadras, em redondilha maior; incentiva o talento da atriz.

MELLO, Octaviano. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.

Descritores: poema; composto por duas quadras em redondilha maior; elogia a atriz.

MELLO, Revocata H. de. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

Descritores: crônica; texto em que a autora afirma que: “de todas as grandes invenções é sem dúvida a imprensa uma das alavancas do progresso.”; tece elogios a Guttemberg.

MONTEIRO, Julieta de M. Na chacara. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

Descritores: poema; soneto; dedicado “ao talentoso preceptor Cypriano Porto Alegre”; apresenta elementos característicos da tradição gaúcha.

CHAVES, Leopoldo. Dia e noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

Descritores: poema; composto por duas quadras em redondilha maior; compara o amor à natureza.

d’ALMEIDA, P. T. A mendiga. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

Descritores: poema; soneto; dedicado a Pedro Palhares; trata do contraste entre a riqueza e a pobreza.

CADAVAL, Alipio. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.

Descritores: conto; dedicado a Raphael de Azambuja; trata da escravidão; data de 11 de abril de 1883.

MACHADO, D. Devaneio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

Descritores: poema; composto por sete quadras, em decassílabo heróico; trata da mulher que é bonita apenas na aparência, mas, não, na essência.

MELLO, Revocata H. de. O rosario d'ella. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

Descritores: poema; soneto; dedicado aos irmãos da poetisa; lembra com saudade da mãe.

MELLO, Octaviano. À C... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

Descritores: poema; composto por três quadras em decassílabo heróico; fala de amor; data de 11 de maio de 1883.

ODORICO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

Descritores: ensaio; texto que compara o frio com a indiferença social, e os jornais, com o sol.

VILLAS BÔAS, Aristides. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.

Descritores: poema; em forma de soneto; fala das provas de amor.

EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.

Descritores: poema; monostrófico, composto por vinte e dois versos; fala do comportamento feminino.

CADAVAL, Alipio. No cemitério. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.

Descritores: poema; composto por três quadras e onze sílabas; fala da dor sentimental de um órfão; dedicado a Octaviano de Mello.

LEMOS, Ernesto. Um dia sem te ver. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.

Descritores: poema; composto por nove quadras, em decassílabo heróico; fala de amor; dedicado à Tercilia Nunes.

FORTES, Aurelio D. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: crônica; fala a respeito da Lei do Ventre Livre e da liberdade dos negros; data de São José do Norte, 23 de março de 1883; dedicada a Julieta Monteiro.

BARBOZA, João. *A forja*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; soneto; dedicado a J. Salgueiro; fala de um passeio no campo.

F. Anagrama. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; anagrama; forma o nome A. Rocha.

MATHIAS GUIMARÃES. No mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; barcarola composta por doze versos; dedicado a Cruz e Souza; fala de amor.

d'ALMEIDA, P. T. A flôr das lavadeiras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; soneto; fala de amor.

DUARTE PORTO. Verso e reverso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: poema; composto por dezesseis quadras; canta a beleza da mulher amada.

NUNES, Tercilia. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.

Descritores: poema; incompleto tem por tema a solidão e a falta de amor.

LISTA BIO-BIBLIOGRÁFICA

- (*) A.
- (*) A. G. T.
- (*) A. J.
- (*) AIDRAC, A.
- (*) ALBINO, João
- (*) ALMEIDA, Lino de
- (*) A. R. C.
- (*) BARBOZA, João.
- (*) BELLEGARDE, G.
- (*) BENJAMIN DE ASSIZ

CADAVAL, Alipio. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 5 mar. 1867; faleceu em Rio Grande. Estudou no Colégio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo. Ajudante do Procurador Geral da República. Jornalista na cidade natal. Pertenceu ao Grêmio Rio-Grandino de Letras na cidade de Rio Grande em 1938.

Bibl.: Publicou artigos nos jornais *Tribuna do Povo*, Rio Grande, do qual foi redator, em 1897-98; *Rio Grande do Sul*, id.; *Diário do Rio Grande*, id., que dirigiu em 1902; e principalmente em *O Tempo*, id., que fundou em 1906 e dirigiu até 1938.

- (*) CAMARGO, Hypolito
- (*) CAMPOS, Adriano Augusto dos
- (*) CARDOSO, A.
- (*) CARDOSO, Affonso da S.
- (*) CARNEIRO, P. B. Alves
- (*) CARVALHO, Luiz Monteiro da Silva [Arthur de Nesles]
- (*) CASTRO, Henrique de
- (*) CASTRO, Izidoro

CASTRO, José Cardoso Vieira de – Nasceu em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Advogado. Dep. Provincial no Rio Grande do Sul. Jurista e orador.

Bibl.: *Discurso sobre a Caridade*, proferido em 21 jan. 1867, Pelotas, Carlos Pinto Ed. 1886; *Discursos Parlamentares*, ibid., 1886; *Processo e Julgamento*, ibid.

CAVALCANTI FILHA, Luíza. – Pelotas, RS, 3 ago. 1869; Pelotas, 5 mar. 1891. – Poetisa. Foi casada com Matias Guimarães.

Bibl.: *Alvoradas*, poesias, prefácio de F. de Paula Pires, Liv. Alemã- Brasileira, 1886; *A Formatura*, crônica, *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, Pelotas, 1890.

(*) CHAVES, Leopoldo

(*) COSTA, Moriwald

COSTA, Praxedes da – Jaguarão, RS, 1865; faleceu em São Paulo. Barbeiro em Rio Grande. Jornalista em Jaguarão, onde dirigiu a rev. *Aurora Literária*, 1882, e o jornal *A Luz*, 1883-1884. Poeta.

Bibl.: *Melodias*, versos, Rio Grande, tip. de *O Diário*, 1886.

(*) COSTA, R. Alberto da.

(*) d'ALMEIDA, Pedro T.

(*) DUARTE PORTO.

(*) E.

(*) ENNIO

(*) F., M. dos P.

(*) FERREIRA, Carlos

(*) FIGUEIRA, Antonio

(*) FORTE, Aurelio

(*) FORTES, Herculano

FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José da. - Salvador, BA, 19 abr. 1838 - Caldas, MG, 27 nov.1890. Teatrólogo, França Júnior estreou no jornalismo no periódico de caricaturas *Bazar Volante* (1863-67) e como colaborador eventual do *Correio Mercantil* e *Arauto das Letras*. É considerado o principal seguidor de Martins Pena, pois escreveu para o palco comédias de costumes e sátiras políticas de grande sucesso, algumas hoje infelizmente desaparecidas.

Bibl.: Obras para teatro foram: *Meia hora de cinismo* (1861), *A república modelo* (1861), *Tipos da atualidade* (1862), *Ingleses na costa* (1864), *Defeito de família* (1870), *Amor com amor se paga* (1870), *Beijo de Judas e Como se fazia um deputado* (1881), *Caiu o ministério* (1882), *De Petrópolis a Paris e As Doutoradas* (1889), *Portugueses às direitas* (1890). Entre 1876 e 1881, abandonou o teatro e publicou folhetins na *Gazeta de Notícias* e pintou paisagens sob a influência do alemão Grimm, mas retornou por insistência de Arthur Azevedo.

(*) GRASIELLA

(*) GUIMARÃES, Américo

(*) GUIMARÃES, José Ribeiro Ferreira

(*) H. D. F.

(*) J.

(*) J. J. M. C.

(*) L.

- (*) LARA, Ibanez de
- (*) LELIO
- (*) LEMOS, Ernesto.
- (*) LENCASTRE, Emilio
- (*) LETLES, H.
- (*) LINDORO
- (*) LOBO, Eduardo

LOBO DA COSTA, Francisco – Pelotas, RS, 18 jul. 1853; Pelotas, 19 jul. 1888. F. : Antônio Cardoso da Costa e Jacinta Júlia Lobo Rodrigues. – Fez curso de alfabetização da Biblioteca Pelotense, Pelotas, 1867. Auxiliar do Cartório Neves, Pelotas, 1867. Praticante de telegrafia, id., 1870. Redator de *O Comércio*, id., 1870. Fundador e diretor da rev. *Castália*, id., 1870. Redator do *Eco do Sul*, Rio Grande, 1872 – 73; de *O Investigador*, id., 1873; do *Jornal do Comércio*, Pelotas, 1876; fundador do jornal *O Trovador*, id.; redator do *11 de Junho*, id.; 1878; de *A Tribuna*, P. Alegre, 1883-85; e de *A Fronteira*, Dom Pedrito. Poeta e teatrólogo. De temperamento boêmio, teve morte dolorosa, foi encontrado caído numa sarjeta durante um noite invernososa em que fugira do leito de indigente; estava internado na Santa Casa de Pelotas.

Bibl.: *Rendição de Uruguaiana*, poema, *Eco do Sul*, Rio Grande, 1865 (primeiro trabalho divulgado do autor, tinha então apenas 12 anos); *Heloísa*, novela, Pelotas, 1871; *Espinhos D'Àlma*, romancete, Rio Grande, tip. Do *Eco do Sul*, 1872; *Romances na Província*, romance; Rio Grande, 187?; *Tempestades no Lar*, romance; id., 187?; *O Filho das Ondas*, drama em versos, estreado por amadores da Talia Pedritense, Dom Pedrito, 30 set. 1883, Rio Grande, Liv. Americana; *O Inválido da Pátria*, id., *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, id., 1904; *O Poeta Atraiçoado*, poesia, ibid., 1913; *Os Amores de um Cadete*, drama, representado em Rio grande; *A Bolsa Vermelha ou o Segredo de um Breve*, id., representado pela S. D. P. Recreio Pelotense, Pelotas; *O Maçon e o Jesuíta*, id., estreado pela Cia. Dramática Culto e Caridade, 21 maio 1881, Teatro 28 de Setembro; *Assunção ou a Morte o Tirano Lopez*, drama histórico; *Brazil – Portugal*, cena dramática; *Um Veterano*, id.

- (*) LOSTADA, M. Santos
- (*) M.
- (*) MATHIAS GUIMARÃES
- (*) MARIO

MARQUES, (de Oliveira Filho), Paulo. – Pelotas, RS, 13 out. 1857; Rio de Janeiro, 30 jul. 1884. F.: Paulo Marques de Oliveira e Antônia Bernardina de Oliveira. – Jornalista. Redator da *Revista da Soc. Fênix Literária*, Rio de Janeiro, 1878-79, e da *Tribuna do Comércio*, Rio de Janeiro, 1880. Co-diretor da *Tribuna Literária*, Pelotas, 1882. Filósofo materialista. Romancista e teatrólogo. Membro da Soc. Fênix Literária, Rio de Janeiro.

Bibl.: *Verdadeiros Mistérios do Rio de Janeiro*, romance, Rio de Janeiro, 1880; *Vênus ou o Dinheiro*, id., prefácio de F. de Paula Pires, Pelotas, Liv. Americana, 1885 (já saíra em folhetim no jornal *Onze de Junho*, Pelotas, set./nov. 1881); *Alaysa*, comédia, estreada no Rio de Janeiro, 1880; *Por Causa de um Chapéu de Sol*, id., estreada no Teatro 7 de Abril, Pelotas, Cia. Simões, 17 dez. 1881. *A Nora do Barqueiro*, romance; *A Canalha*, id. (começara a ser publicada no jornal *O Invisível*, Pelotas, 1887. Exemplar manuscrito existe na Biblioteca Pelotense, segundo informa Sacramento Blake).

(*) MARTINS, Flavio Arthur

(*) MELO, Otaviano A.

(*) MELO, Joaquim de

MELLO, Revocata dos Passos Figueiroa de – Porto Alegre, RS. Poetisa, irmã de Amália Figueiroa e mãe de Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. Casou com João Gomes e Melo. Usou o pseudônimo de Americana.

Bibl.: Publicou poesias esparsas em jornais pelotenses e rio-grandinos.

MELLO, Revocata (Heloísa) de – Porto Alegre, RS, 31 dez. 1860; Rio Grande, RS, 23 fev. 1945. Professora por muitos anos em Rio Grande. Redatora do *Diário de Pelotas*, Pelotas. Co-fundadora e co-diretora da rev. Literária *Corimbo*, fundou em 21 de out. 1890 e publicou durante 64 anos. Poetisa, prosadora e teatróloga. Irmã de Julieta de Melo Monteiro e sobrinha de Amália Figueiroa. Usou o pseudônimo de Scismadora.

Bibl.: *Folhas Errantes*, fantasias em prosa, prefácio de Múcio Teixeira, Rio de Janeiro, 1882; *Coração de mãe*, drama, em parceria com Julieta de Melo Monteiro, Rio de Janeiro, Liv. Rio-grandense, 1893; *Berilos*, prosa, Pelotas, 1911; *O solitário do Mirante*, conto, *Revista do Partenon Literário*, Porto Alegre, n.8, 1874; *A Mocidade*, *O combatente*, S. Maria, 23 dez. 1888; *Sofrer e Viver*, poesia de Campoamor, traduziu: *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, Rio Grande, 1902; *Do meu diário de dor*, série de crônicas, *Corimbo*, Rio Grande, 1943-44; *Poesias e Crônicas*, em *Corimbo*, Rio Grande; *Grinalda de Noiva*, drama; *Mário*, id., com Julieta de Melo Monteiro.

MONTEIRO, Julieta de Mello – Porto Alegre, RS, 21 out. 1863; Rio Grande, RS, 27 jan. 1928. F.: João Correa de Melo e Revocata Figueiroa de Melo. – Professora e jornalista em Rio Grande, onde fundou e dirigiu as revistas *Violeta*, 1878-79, e *Corimbo*, a partir de 1890. Poetisa, contista e teatróloga. Foi casada com Francisco Guilherme Pinto Monteiro. Usava o pseudônimo de Marieta e Penserosa. Sobrinha de Amália dos Passos Figueiroa e irmã de Revocata H. de Melo.

Bibl.: *Prelúdios*, versos, prefácio de Augusto E. Zaluar, Rio Grande, Tip. Cosmopolita, 1881; *Oscilantes*, sonetos, prefácio de Luís Guimarães Júnior, Rio Grande, Liv. Universal, 1892; *Coração de Mãe*, drama, em colaboração com Revocata H. de Melo, Porto Alegre, Liv. Rio-Grandense, 1893; *Alma e Coração*, contos, Rio Grande, Tip. Trocadero, 1898; *Berilos*, prosa, em colaboração com Revocata H. de Melo, Rio Grande, 1911; *Lobo da Costa*, crônica, *Almanaque Literário e Estatístico RS*, Pelotas, 1891; *A Chegada do Inverno*, soneto, id., Rio

Grande, 1894; *Interrogação*, id., *ibid.*, 1894; *Carta a Damasceno Vieira*, em verso, escrita em Rio Grande a 23 mar. 1896, *Almanaque Popular Brasileiro*, Pelotas, 1897; *Poemetos e Quadros*, crítica ao livro homônimo de Damasceno Vieira, *Tribuna do Povo*, Santos, 1 mar. 1897; *Aquela Noite*, poema, *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, Rio Grande, 1899; *A. Saldanha da Gama*, soneto, *ibid.*, 1900; *Tarde de Junho*, id., *ibid.*, 1901; *Guttemberg*, id., *ibid.*, 1902. Publicou poesias em *Corimbo*, Rio Grande. *Noivado do Céu*, ato em verso, estreado por amadores do Centro Artístico Furtado Coelho, Porto Alegre, jul. 1899; *Mário*, drama, de parceria com Revocata H. de Melo; *O Segredo de Marcial*, drama representado em Rio Grande.

(*) MOREIRA, Ignacio. [Paolo de Morangis]

(*) MOREIRA DE VASCONCELLOS

MILLER, Carlos Alberto. - Rio Grande, 12 dez. 1855 - Rio Grande, 08 maio 1924. Poeta, historiador, jornalista e folclorista.

Bibl.: Além de poemas no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicou o livro de poemas *Casuarinas*, em 1886.

(*) N.

(*) NOCTURNO

(*) NOGUEIRA DA SILVA

(*) NUNES, Tercilia

(*) ODORICO

(*) OLLEM

OLIVEIRA, Alberto de - Irmão de Mariano de Oliveira. Nasceu em Itaguahy, Rio de Janeiro. Poeta desde jovem, colaborou com diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro.

Bibl.: *Canções românticas*.

PORTO ALEGRE, Cipriano – Rio Grande, RS , 12 out. 1857; Rio Grande, em idade avançada. Prof. particular e poeta.

Bibl.: *Auras*, versos, Rio Grande, Tip. Liv. Rio-Grandense, 1899.

PINTO, Alfredo Moreira – Bacharel em letras pelo Colégio Pedro II, professor de geografia e história do curso preparatório, anexo à Escola Militar. Escreveu diversos compêndios e pequenos livros a respeito de geografia e história com o fim de facilitar os exames da instrução pública.

Bibl.: *A viagem imperial e o ventre livre*, Rio de Janeiro, 1881.

PIRES, Francisco de Paula. [pseud. Marylandico]– Pelotas, RS, 1 ago. 1846; Pelotas, 18 jun. 1915. – Farmacêutico. Jornalista em Bagé, até 1872. Diretor da Biblioteca Pelotense, Pelotas, 1876-92. Co – diretor da rev. *Tribuna Literária*, Pelotas, 1882. Redator da rev. *Álbum Literário*, Pelotas. Redator e co-proprietário de *O Radical*,

Pelotas, 1890. Redator do *Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1891 e 1893-94. Poeta, ensaísta, romancista e antologista. Usou os pseudônimos de Júlio Silvino, Felício Peres, Marylandico e P. P.

Bibl.: *Quadros Horripilantes*, narrativas, Pelotas, Liv. Americana, 1883; *Charitas*, antologia poética, organizada em benefício de Lobo da Costa, Pelotas, 1887; *Rimas*, versos, Rio Grande, Liv. Americana, 1888; *Sonoras*, antologia de poetas brasileiros, Pelotas, Liv. Universal, 1891; *De Moço a Velho*, versos, Rio Grande, Oficinas de Obras de *O Intransigente*, Rio Grande, 1906; Alberto de Oliveira, apontamentos, *A Idéia*, Pelotas, 1879; Delfina Benigna da Cunha, dados, *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, Rio Grande, 1902; *A Primavera*, poesia, *Gazeta de Alegrete*, Alegrete, 16 out. 1904; Lobo da Costa: Como Morreu o Poeta, *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, Rio Grande, 1914.

(*) RAMALHO, Joaquim da Costa

(*) REBOUÇAS, André

RIBEIRO, José Paulo – (J. P. RIBEIRO) – Nasceu no Rio Grande do Sul; Promotor público em Camaquã, 1889. Membro da Acad. do Letras do RS, 1ª fase; e do IHGRS.

Bibl.: *Uma interrogação Histórica*, Porto Alegre, Liv. Americana, 1921; *Pela Nossa História*, rev., *Ocidente*, Porto Alegre, 1905 (republicada, *Anuário do Estado do RS*, Porto Alegre, 1909; *Síntese de Poesia Popular Rio-Grandense Considerada como Fator Histórico*, Revista do IHGRS, Porto Alegre, n.13-14, 1934.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira – (A. R.) – Povo Novo, município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, 12 set. 1865; Pelotas, Rio Grande do Sul, 8 mar. 1942. Estudou com o padrinho e escritor Taveira Júnior, em Pelotas, onde residiu desde os 16 anos de idade. Foi redator do jornal literário *A Pena*, Pelotas, 1884. Prof. Particular em Pelotas, desde 1867. Funcionário da Liv. Americana, Pelotas, 1887-90. Diretor do jornal *A Pátria*, id. Redator de *O Nacional*, id. Gerente da filial da Liv. Americana, Rio Grande, 1891-1910. Historiador e poeta. Fundou o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do RS*, impresso nas oficinas da Liv. Americana, até 1891 em Pelotas e de 1892 a 1917 em Rio Grande. Foi co-fundador em 1901 da Acad. Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre, 1ª fase. Em Pelotas, pertenceu em 1884 ao Clube Literário Apolinário Porto Alegre e em, Rio Grande, foi sócio em 1936 do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos. Membro fundador do IHGRS, Porto Alegre, 1921. Usou os pseudônimos de Antônio Gil, A. Rodrigues, A. R. e A. F. R.

Bibl.: *Combates de 7 e 8 de Abril e Morte do Cel. Albano*, estudo histórico, Rio Grande, Liv. Americana; *Notas para a História da Imprensa do Rio Grande do Sul*, 1828-49, estudo histórico, 1899; *Homens e Fatos do Passado*, narrativas históricas, 1901; *O Relógio: A Sinfonia das cores*, versos, 1907; *Poemas do Lar*, versos, sob pseudônimo de Manuel de Souza e Azevedo, Rio Grande, 1928; *Lira abandonada*, soneto, Pelotas, 1889; *Pelo sinal dos Farrapos*, em verso, Pelotas, 1890; *Solidão*, soneto, Rio Grande, 1891; *Encontro*, Rio Grande, 1892; *O último desejo*, soneto, Rio Grande, 1893; *Abismo*, soneto, Rio Grande, 1895; *Luz plena*, Rio Grande, 1895; *Minha filha*, soneto, Rio Grande, 1897; *Depois da doença*, Rio Grande, 1898; *Ao filho morto*, poesia, Rio Grande, 1900; *Onde está a felicidade?*, poesia, Rio Grande, 1901.

- (*) S. Armando
- (*) SAINTE-BEUVE
- (*) SANTOS, F. Alvaro dos
- (*) SANTOS, Eduardo F.
- (*) SCHNEIDER, F. J. L.
- (*) SOUZA BURITY

SOVERAL, Alberto Borges – Pelotas, RS, 1 out. 1860; Rio de Janeiro , RJ. – Est. na Escola Politécnica Central do Rio de Janeiro, curso não completo. Jornalista. Poeta e dramaturgo.

Bibl.: *Pedaços D'Alma*, versos, Pelotas, H. Rentz, 1881; *Vibrações*, id., Bagé, Tip. Ernests, 1886; *Um Efeito de Melancolia*, cena dramática (figura no catálogo da Biblioteca Pública Pelotense de 1898); *A Morte de Amália Figueiroa*, no periódico literário *A Idéia*, Pelotas, 1878; *Dorme...Sonha... e Ama*, poemeto, rev. *Arena Literária*, Pelotas, 1881.

- (*) S. P. S.
- (*) T.
- (*) T. J.
- (*) T. N. B.
- (*) TEIXEIRA, A. G.
- (*) TEIXEIRA, Albino
- (*) VARZEA, Virgílio
- (*) VERON, Pierre
- (*) VIVI

* A bio-bibliografia deste autor não foi encontrada devendo, portanto, ser realizada num estudo posterior.

Fontes consultadas:

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 1883.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1978.

PROJETO *Resgate da Produção Literária no Jornal Eco do Sul* (Rio Grande – RS). Disponível em: <<http://www.dla.furg/ecodosul>>

**LISTA DE TEMAS CONTIDOS NOS TEXTOS LITERÁRIOS VEICULADOS NO
JORNAL *Arauto das Letras***

1. Amor, dor, namoro, simpatia; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6, 13, 20, 27 ago.; 3, 10 set.; 1, 8, 18, 22, 29 out.; 5, 12, 19, 26 nov.; 3, 17, 10, 24 dez. 1882; 1, 7, 14, 21, 28 jan.; 4, 11, 25 fev.; 11, 18 mar.; 15 abr.; 7, 14 jun. 1883

A. Palavras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.

A. CARDOSO. À Laura.(Porto Alegre). *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.

A. G. T. A primeira vez que te vi. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 3.

A. J. Amarguras da vida – Adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 2.

ALVES CARNEIRO. A ti ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.

ALVES CARNEIRO. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.

AMAR na sombra – Fantasia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.

A. R. C. Minha vida. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

A TI. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.

CADAVAL, Alipio. No cemitério. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.

CARDOSO, Afonso da S. À vapor! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2.

CHAVES, Leopoldo. Si eu partisse amanhã. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1.

CHAVES, Leopoldo. Dia e noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

COSTA, Moriwald. Semper. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.

COSTA, Praxedes da. Suspiros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 3.

COSTA, Moriwald. A palhoça. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 2.

COSTA, Moriwald. À ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

d'ALMEIDA, P. T. Avelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

d'ALMEIDA, P. T. A entrevista. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

d'ALMEIDA, P. T. A flôr das lavadeiras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

E. Saudades do campo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.

EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 4.

EVANGELINA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 1.

F., M. dos P. Amizade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.

FERREIRA, Carlos. O retrato – 1878. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.

FORTE, Aurelio. Sentimental. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.

L. ¡Morir por ti!... . *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.

L. A sympathica jovem D. Alc... . *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.

LA marinera del amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.

LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.

LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.

LARA, I. de. Soluços. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 2.

- LELIO. A un jasmin. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 3.
- LEMOS, Ernesto. Um dia sem te ver. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- LENCASTRE, Emilio de. Escreve. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.
- LENCASTRE, Emilio de. Uma lagrima – soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.
- LETLES, H. Ao correr da penna. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 2.
- LETLES, H. Idalia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n.20, p.2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.
- LOBO, E. Lembras-te? *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 3.
- MAGNETISMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
- MARGARIDA, Manoel. Á illustre poetisa Rio-Grandense. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.
- MARIO. À M. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- MARQUES, Paulo. Meu amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 2.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.
- MATHIAS GUIMARÃES. Olympia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Ao luar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Era uma noute de amores. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Quero... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. O descrente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.
- MATHIAS GUIMARÃES. Adeus! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.
- MATHIAS GUIMARÃES. Imitação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. No mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
- MELLO, O. A. À beira mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.
- MELLO, O. A. Descrença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 4.
- MELLO, O. A. de. Hontem e Hoje. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.
- MELLO, Revocata H. de. Não te esqueças de mim – Paraphrase. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- MELLO, Octaviano. À C... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
- MELLO, Revocata Figueirôa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 06 ago. 1882, n. 1, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 1 .

- MORANGIS, Paolo de [Ignacio Moreira]. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n.1, p. 1.
- MOREIRA PINTO. À gentil Maria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.
- N. Tristeza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- NESLES, Artur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Reflexos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 1.
- NUNES, Tercilia. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- NUNES, Tercilia. Visão funesta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.
- O NOCTURNO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 3.
- OLLEM. Oscarina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.
- PIRES, Paula. Perdão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.
- PORTO ALEGRE, C. Porque scismas? *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 2.
- S., Armando. Romantismo momentaneo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.
- S. P. S. Clotilde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.
- SANTOS, E. F. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 2.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. A alcova. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Sessenta segundos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 1.
- SCHNEIDER, F. J. L. À M. I... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- SEM título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.
- SOUZA BURITY. Marieta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 3.
- T. Lála. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.
- T. N. B. Gratidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 4.
- TEIXEIRA, A. G. A. M. ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 2.
- VERON, Pierre. *A corôa*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- VILLAS BÔAS, Aristides. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.

2. Natureza, bucólico, índio, regionalismo: *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3, 24 set.; 20, 27 ago.; 1, 8, 22, 29 out. 1882; 1, 14, 21 jan.; 4, 11 fev.; 11 mar.; 15 abr.; 7 jun. 1883

- BARBOZA, João. *A forja*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
- CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n.5, p.3.
- COSTA, Moriwald. Jára – Impressões de leitura. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.
- d'ALMEIDA, P. T. A tempestade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 4.
- d'ALMEIDA, P. T. A bonança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 4.
- d'ALMEIDA, P. T. Tua voz – L ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. O tymbira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 4.
- d'ALMEIDA, Pedro T. O lavrador. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.
- DUAS tempestades. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.
- FIGUEIRA, Antonio. A laranjeira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

GAÚCHO – Satyra. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.
 L. Al acordarme de ti. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1.
 LA margarita. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.
 LA noche. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.
 LETLES. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 3.
 M. Idyllo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
 MATHIAS GUIMARÃES. A volta das andorinhas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, Chromo, p.3.
 MONTEIRO, Julieta de M. Na chacara. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
 O TROPEIRO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 1.
 SANTOS, Eduardo F. dos. A flôr da Collina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
 SANTOS, Eduardo F. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 3.
 UMA página moderna – Romance em quatro minutos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.

3. Mulher, sonho, lembrança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27, 20 ago.; 3, 10 set.; 1, 15, 29 out.; 5, 12 nov.; 3, 10, 17 dez. 1882; 1, 7, 14, 21, 28 jan.; 4, 25 fev.; 11, 18 mar.; 15 abr.; 7, 14 jun. 1883.

A EDUCAÇÃO da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.
 A. R. C. Conto de serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 3.
 A REDAÇÃO. Educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.
 CASTRO, J. C. O sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.
 CATITA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.
 d'ALMEIDA, P. F. A vizinha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.
 d'ALMEIDA, P. T. Phantasma da realidade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 1.
 d'ALMEIDA, Pedro T. O leque. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.
 d'ALMEIDA, Pedro T. Como é lindo sonhar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.
 DUARTE PORTO. Verso e reverso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
 ENNIO. A mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.
 EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
 FERREIRA, A. F. Uns olhos pretos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.
 FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 3.
 FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.
 FORTE, Aurelio. A M... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.
 FRANÇA JUNIOR. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Educação da mulher, p. 2.
 G. BELLEGARDE. Rozas e louros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
 GUIMARÃES, José Ribeiro Ferreira. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
 GUIMARÃES, Américo. Uma página realista – Romance em duas syllabas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1.

L. Priminha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 4.
 LA confision. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 1.
 LA HIJA del mártir. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 2.
 LETLES, H. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3.
 LETLES, H. Minha mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.
 LOBO, Eduardo. Lenitivo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.
 LOBO, E. Mimi. – Ao teu segundo aniversário. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3.
 M. Uma história. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 3.
 MACHADO, D. Devaneio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
 MARQUES, Paulo. Não me beijes assim. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.
 MARQUES, Paulo. Cartas Fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.
 MELLO, O. A. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.
 MELLO, Revocata H. de. A mulher e seus direitos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 1.
 MONTEIRO, Julieta de M. Historia de uma flor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.
 MORANGIS, Paolo de [Ignacio de Moreira]. À Exma. Sra. D. Revocata Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 1.
 NESLES, Artur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Uma pagina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.
 NUNES, T. Vozes do coração. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2.
 ORTIGÃO, Joaquim da Costa Ramalho. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
 S., Armando. A muda. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 4.
 SU sorriso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
 REBOUÇAS, André. Elevae a mulher!. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.
 TEIXEIRA, Albino. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.
 TEUS olhos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.
 UN recuerdo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.

4. Transcendência (Religião/Morte/Vida/Destino); *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13, 20, 27 ago.; 8, 22, 29 out.; 10, 17, 24 dez. 1882; 1 jan.; 11 fev.; 18 mar.; 1, 15 abr. 1883.

ALVES CARNEIRO. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1.
 CHAVES, Leopoldo. Um frade antropophago – Notas de um formigão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 11, p. 1.
 d'ALMEIDA, Pedro T. Esperança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.

FORTE, Herculano. Existencia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

FORTE, Aurelio Dias. Immortalidade da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.

FORTE, Aurelio D. Phantasia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 2.

L. A Dios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

L. Nos sepulcros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 1.

LOBO DA COSTA, Francisco. Angelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Fragmentos da carteira de um louco. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.

MATHIAS GUIMARÃES. De noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.

N. Passado, presente e futuro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

PORTO ALEGRE, C. A caridade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 4.

RIBEIRO, J. P. O proscripto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.

5. Crítica; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3, 10, 17, 24 dez. 1882; 1, 7 jan. 1883.

MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 2.

6. Saudade, exílio, solidão, passado; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6, 13 ago.; 10 set.; 12 nov.; 10, 24 dez. 1882; 1, 21 jan.; 11 fev.; 18 mar.; 15 abr.; 7 jun. 1883.

J. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

A MONTEVIDEO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.

BRISAS da solidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 3.

CAMPOS, Adriano Augusto de. Adeus!... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

CAVALCANTI FILHA, Luiza. Amor filial. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 2.

d'ALMEIDA, P. F. Innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

J. M. M. À minha querida mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1.

LOBO, Eduardo. Desalento. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. P. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.

MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.

MATHIAS GUIMARÃES. Nocturno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 3.

MELLO, Octaviano. Uma perpetua. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.
 MELLO, Revocata H. de. O rosario d'ella. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
 NUNES, Tercilia. À memoria de meu pai: Saudade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.
 PORTO ALEGRE, C. Á tarde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3.
 SANTOS, Eduardo F. dos. A descrença no verdor dos annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.

7. Figuras históricas ou lendárias; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13, 20, 27 ago.; 10, 24 set.; 19, 26 nov.; 3, 17, 24 dez. 1882; 7 jan.; 25 fev.; 11 mar.; 1, 15, 22 abr.; 7 jun. 1883.

AOS TEUS annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.
 A REDAÇÃO. Necrologia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.
 A REDAÇÃO. Dous de Dezembro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1.
 A REDAÇÃO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.
 BENJAMIM DE ASSIZ. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
 BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 2.
 CADAVAL, Alipio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
 CAMPOS, Adriano Augusto de. Camões. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.
 COSTA, R. Alberto da. Saudação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 4.
 d'ALMEIDA, P. T. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
 d'ALMEIDA, P. T. Entre ruinas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.
 CRUZ e SOUZA. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.
 F. Anagrama. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
 GRASIELLA. 22 de agosto: A um poeta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.
 L. Colon. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
 LETLES, H. À Revocata H. de Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.
 LINDORO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
 LOBO, E. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 4.
 LOBO, Eduardo. À laureada atrizinha Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
 LOBO DA COSTA, Francisco. Carta de Pezames. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 2.
 LOSTADA, M. Santos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
 MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Pensamentos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

- MARTINS, Flavio Arthur. O genio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. Homenagem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- MELLO, Octaviano A. de. À morte da minha idolatrada mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.
- MELLO, Octaviano. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- MILLER, Carlos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.
- MOREIRA DE VASCONCELLOS. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- NOBREGA, Luiz. A Julieta Monteiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.
- NUNES, Tercilia. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- PAIVA SANTOS. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- PORTO ALEGRE, C. Prelúdios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.
- PORTO ALEGRE, Cypriano. Elogio funebre. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n.7, p.1.
- S., Armando. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- SANTOS, F. Alvaro. Praxedes da Costa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Carta litteraria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 1.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Cartas litterarias. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 3.
- VARZEA, Virgilio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- VIVI. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
8. Sociedade (Liberdade, Trabalho, Estudo, Hipocrisia social); *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13, 20 ago.; 3, 10 set.; 1, 8, 15, 22, 29 out.; 5, 19, 26 nov.; 3, 10, 17 dez. 1882; 1, 7, 21 jan.; 4 fev.; 11 mar.; 1, 15 abr.; 7 jun. 1883.
- AIDRAC, A. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19,
- ALBINO, João. Quero fugir-te... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 4.
- A. R. C. Conto do serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 2.
- A. R. O progresso e o século. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1.
- A REDAÇÃO. Innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.
- A REDAÇÃO. Abolicionismo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 1.
- A REDAÇÃO. Um brado. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

colaboração, p.1.

- CADAVAL, Alipio. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- CHAVES, Leopoldo. Trez somnos – Instantaneo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 01.
- CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.
- CONTRASTE. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3.
- d'ALMEIDA, Pedro T. O janóta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. A mendiga. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
- ENIO. Trabalhem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.
- F., M. dos P. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.
- FORTES, Aurelio D. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
- J. J. M. C. 1640. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1.
- LETLES, H. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p.
- LOBO DA COSTA, Francisco. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.
- MACEDO, J. M. de. Pedacos d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 4.
- MARIETA. Carta literária. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
- MARQUES, Paulo. A nora do banqueiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.
- MARTINS, Edistio d'Alcantara. Abolição. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.
- MATHIAS GUIMARÃES. O ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 1.
- MATHIAS GUIMARÃES. O Ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 1.
- MELLO, Revocata H. de. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
- NESLES, Arthur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Scenas contemporaneas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 1-2.
- ODORICO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
- PEDAÇOS d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.
- OLIVEIRA, A. de.; NOGUEIRA DA SILVA. Pedacos d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.
- PENSAMENTOS. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 2.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.
- S., Armando. Phenomeno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 3.
- S., Armando. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- T. J. A indiferença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.
- VIEIRA DA CUNHA. Política e religião. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 1.

9. Poética, Fantástico, Literatura, Naturalismo e Positivismo; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out.; 5 nov. 1882; 7, 14, 21 jan.; 25 fev.; 1 abr. 1883.

- CASTRO, Henrique de. O primeiro presente de annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 3.
- d'ALMEIDA, Pedro T. Duas lyras irmãs. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 2.
- RIBEIRO, J. P. Á Octaviano Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.
- L. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 1.
- LOBO DA COSTA. Barcarola. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 1.
- MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Marieta à Scismadora. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
- MELLO, O. A. O livro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 4.
- MELLO, Revocata H. de. Insomnia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.
- PIRES, Paula. Typos – Jôca Cazuza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 2.

LISTA DE GÊNEROS LITERÁRIOS

1. ENSAIOS:

FORTE, Herculano. Existencia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

FORTE, Aurelio Dias. Imortalidade da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.

M. dos P. F. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.

ODORICO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.

2. PENSAMENTOS:

MACEDO, J. M. de. Pedaçõs d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 set. de 1882, n. 9, p. 4.

OLIVEIRA, A. de.; NOGUEIRA DA SILVA. Pedaçõs d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.

PEDAÇOS d'ouro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

PENSAMENTOS. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.

PENSAMENTOS. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 4.

3. CRÔNICA:

A. R. O progresso e o século. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, p.1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1.

AIDRAC, A. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 1.

ALMEIDA, Lino. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.

A REDAÇÃO. A innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.

A REDAÇÃO. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.

A REDAÇÃO. Abolicionismo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 1.

A REDAÇÃO. Collegio "Amor ao Estudo". *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 1.

A REDAÇÃO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.

A REDAÇÃO. Palavras a leitora. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 3.

A REDAÇÃO. Dous de Dezembro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 1.

A REDAÇÃO. Um brado. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

A REDAÇÃO. Voto de gratidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 3.

A REDAÇÃO. Necrologia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 2.

BENJAMIM DE ASSIZ. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.

- d'ALMEIDA, Pedro T. Duas lyras irmãs. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.
- ENNIO. A mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.
- ENNIO. Trabalhem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out., n. 10, p. 1.
- FORTES, Aurelio D. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
- FRANÇA JUNIOR. Educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.
- G. BELLEGARDE. Logar a mulher! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago, 1882, n. 1, p. 2.
- L. Nos sepulchros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 1.
- LETLES, H. Fechamento das portas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1.
- LETLES, H. Minha mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.
- LINDORO. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- M. dos P. F. Amizade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.
- MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.
- MARTINS, Flavio Arthur. O genio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
- MELLO, Revocata H. de. A mulher e seus direitos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
- MELLO, Joaquim de. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
- MELLO, Octaviano A. de. À morte de minha idolatrada mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.
- MELLO, Revocata H. de. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
- MILLER, Carlos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 1.
- MORANGIS, Paolo de. À Exma. Sra. D. Revocata de Melo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 2.
- NESLES, Arthur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Uma página. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 1.
- O NOCTURNO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 3.
- ODORICO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.
- ORTIGÃO, Joaquim da Costa Ramalho. A educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
- PAIVA SANTOS. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- PIRES, Paula. Typos - Jóca Cazuza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 2.
- PORTO ALEGRE, C. Elogio Fúnebre. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 1.
- REBOUÇAS, André. Elevae a mulher! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Carta litteraria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.
- T. J. A indiferença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.

VIVI. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

4. TRANSCRIÇÃO:

A REDAÇÃO. Educação da mulher. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.
SOUZA BURITY. Marieta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2 e
Arauto das Letras. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 3.

VIEIRA DA CUNHA. Política e Religião. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2.

5. CARTA:

LOBO da COSTA, F.. Carta de pezames. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 1.

MARIETA. Carta literária. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.

SCISMADORA [Revocata Helooisa de Mello]. Cartas literárias. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 3.

6. FOLHETIM:

MELLO, Revocata Figueirôa [Americana]. O Botão de Roza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, Folhetim, p. 1; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, Folhetim, p. 1 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, Folhetim, p. 1.

7. CONTO:

ALBINO, João. Quero fugir-te. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 4.

AMAR na sombra. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.

A. R. C. Conto de serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 3.

A. R. C. Conto do serão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 4.

UMA página moderna – Romance em quatro minutos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2-3.

AVENTURAS de um incognito. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 4; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.

CADAVAL, Alipio. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.

CARDOSO, Affonso da S. À vapor! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.

CASTRO, Henrique de. O primeiro presente de annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 3.

- CHAVES, Leopoldo. Um frade antropophago: notas de um formigão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.
- CHAVES, Leopoldo. Trez sonhos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 1.
- d'ALMEIDA, Pedro T. Phantasma da realidade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.
- EVANGELINA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 1.
- FORTE, Aurelio D. Phantasia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 2.
- GUIMARÃES, Americo. Uma pagina realista. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.
- LETLES, H. Um sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1-2.
- LETLES. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 set. 1882, n. 7, p. 3.
- LOBO DA COSTA, Francisco. Angelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.
- M. Uma historia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 2.
- MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Fragmentos da carteira de um louco. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.
- MARQUES, Paulo. A nora do banqueiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 1.
- MELLO, Octaviano. Uma perpetua. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.
- MORANGIS, Paolo de. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 1.
- NESLES, Arthur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Scenas contemporaneas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 1-2.
- NESLES, Arthur de [Luiz Monteiro da Silva Carvalho]. Reflexos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 2.
- O TROPEIRO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 1.
- S., Armando. Romantismo momentaneo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 2.
- SANTOS, Eduardo F. dos. A flor da colina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 2.
- SCISMADORA [Revocata Heloisa de Mello]. Sessenta segundos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Variedade, p. 1.
- SEM FIM. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 15, p. 3.
- T. Lalá. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.
- VERON, Pierre. A corôa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.

8. CRÍTICA LITERÁRIA:

- MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3; *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.

9. POESIA:

- A ALGUÉM. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- A. J. Amarguras da vida: adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 4.
- ALVES CARNEIRO. A ti ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.
- ALVES CARNEIRO. Recordação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.
- A MONTEVIDEO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 1.
- A. R. C. Minha vida. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.
- A TI. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 4.
- BELLLEGARDE, G. A ave prisioneira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- CADAVAL, Alípio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- CADAVAL, Alípio. No cemitério. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.
- CAMPOS, Adriano Augusto. Adeus!... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.
- CARDOSO, A. À Laura. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 2.
- CASTRO, J. C. O sonho. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.
- CAVALCANTI FILHA, Luiza. Amor filial. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.
- CHAVES, Leopoldo. Si eu partisse amanhã! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 1- 2.
- CHAVES, Leopoldo. Dia e noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
- CONTRASTE. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 15, p. 1.
- COSTA, R. Alberto da. Saudação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 4.
- COSTA, Moriwald. Jára: impressões de leitura. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.
- COSTA, Moriwald. A palhoça. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 2.
- COSTA, Moriwald. À ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.
- COSTA, Praxedes da. Suspiros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.
- d'ALMEIDA, P. T. A entrevista. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. O leque. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. Esperança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.
- d'ALMEIDA, P. T. O janóta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. Como é lindo sonhar! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.
- d'ALMEIDA, P. T. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- DUARTE PORTO. Verso e reverso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.
- DUAS TEMPESTADES. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.
- EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 4.
- EPIGRAMA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- FERREIRA, A. F. Uns olhos pretos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.
- FERREIRA, Carlos. O retrato: 1878. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 1.

- FORTE, Aurelio. A M... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.
- GAÚCHO: satyra. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.
- J. J. M. C. 1640. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p. 1.
- L. j Morir por ti! ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n.2, p. 1.
- L. Al acordarme de ti. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 1- 2.
- L. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- L. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 2.
- L. Priminha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 4.
- L. A Dios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.
- LA confision. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 1.
- LA hija del mártir. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 2.
- LA marinera del amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.
- LA margarita. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 2.
- LA noche. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.
- LELIO. A un jasmin. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.
- LEMONS, Ernesto. Um dia sem te ver. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- LENCASTRE, Emilio. Escreve. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.
- LOBO, Eduardo. Lenitivo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.
- LOBO, Eduardo. Desalento. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.
- LOBO, E. Lembras-te? *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 3.
- LOBO, Eduardo. À Laureada actrizinha Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
- LOBO DA COSTA, F. A imprensa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 3.
- LOSTADA, M. Santos. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
- G. BELLEGARDE. Rozas e louros. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- MACHADO, D. Devaneio. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
- MAGNETISMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
- MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Pensamentos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.
- MARIO. À M. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- MARGARIDA, Manoel. Á Illustre Poetisa Rio-Grandense. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 2.
- MARQUES, Paulo. Não me beijes assim. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.
- MARQUES, Paulo. Meu amor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 2.
- MARTINS, Edistio d'Alcantara. Abolição. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 3.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, p. 1.
- MATHIAS GUIMARÃES. De noite. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. Nocturno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Era uma noute de amores. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.

- MATHIAS GUIMARÃES. O ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Olympia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. O ideal. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 1.
- MATHIAS GUIMARÃES. Adeus! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Ao luar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 2.
- MATHIAS GUIMARÃES. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. Imitação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. Homenagem. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- MATHIAS GUIMARÃES. O descrente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.
- MATHIAS GUIMARÃES. Quero... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 3.
- MELLO, Revocata H. de. Devaneios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 4.
- MELLO, Revocata H. de. Não te esqueças de mim: paráfrase. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- MELLO, Revocata H. de. Insomnia da alma. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.
- MELLO, O. A. Hontem e hoje. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.
- MELLO, O. A. O livro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 4.
- MELLO, O. A. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- MELLO, O. A. Descrença. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 4.
- MELLO, Octaviano. À C... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
- MOREIRA PINTO. À gentil Maria. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 4.
- N. Passado, presente e futuro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- N. Tristeza. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.
- NOBREGA, Luiz. A Julieta Monteiro. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 1.
- NUNES, T. Vozes do coração. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 3.
- NUNES, Tercilia. À memoria de meu pai: Saudade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.
- NUNES, Tercilia. Visão funesta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 1.
- NUNES, Tercilia. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 2.
- NUNES, Tercilia. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 3.
- OLLEM. Oscarina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.
- P. P. Perdão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.
- PORTO ALEGRE, C. A caridade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 4.
- PORTO ALEGRE, C. Preludios. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 3.
- PORTO ALEGRE, C. À tarde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 1.

- PORTO ALEGRE, C. Porque scismas? *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 16, p. 2.
- RIBEIRO, J. P. À Octaviano Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 4.
- RIBEIRO, J. P. O proscrito. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 1.
- S., Armando. Phenomeno. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 3.
- S., Armando. Liberdade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Secção Poetica, p. 4.
- S., Armando. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- SANTOS, F. Alvaro dos. Praxedes da Costa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 15, p. 4.
- SCHNEIDER, F. J. L. À M. L. ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- T. N. B. Gratidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 8 out. 1882, n. 9, p. 4.
- TEIXEIRA, A. G. A M ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 nov. 1882, n. 15, p. 4.
- TEUS Olhos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 4.
- UN RECUERDO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.

10. POEMA EM PROSA:

- A. Palavras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 3.
- ALVES CARNEIRO. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 3.
- BRISAS da solidão. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 2.
- d'ALMEIDA, P. T. Avelina. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.
- E. Saudades do campo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 3.
- GRASIELLA. 22 de agosto: A um poeta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n.4, p. 2.
- LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 26 nov. 1882, n. 16, p. 3.
- LARA, Ibanez de. Vozes íntimas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.
- LARA, Ibanez de. Soluços. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.
- LETLES, H. Ao correr da penna. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n.10, p. 2.
- LETLES, H. Idalia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 4 e *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3-4.
- M. Idyllo. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
- MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. Adeus. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.
- MARIETA [Julieta de Mello Monteiro]. P. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Phantasia, p.2.
- MELLO, O. A. Escuta. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.
- MONTEIRO, Julieta de M. Historia de uma flor. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, p. 2.
- SANTOS, Eduardo F. dos. A descrença no verdor dos annos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 2.
- SANTOS, Eduardo F. dos. Divagação. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 3.
- SANTOS, E. F. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3-4.

SCISMADORA [Revocata Helooisa de Mello]. A alcova. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.

11. CHROMO:

CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

CHROMO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 4.

J. A ... *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 4.

MATHIAS GUIMARÃES. A volta das andorinhas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, p. 3.

S. P. S. Clotilde. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

SEM TÍTULO. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, p. 2.

12. ACRÓSTICO:

GUIMARÃES, José Ribeiro Ferreira. Acróstico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.

LETLES, H. À Revocata H. de Mello. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.

LOBO, E. Acróstico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.

TEIXEIRA, Albino. Acrostico. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 3.

13. SONETO:

A. G. T. A vez primeira que te vi. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 2.

BARBOZA, João. *A forja*. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

CAMPOS, Adriano Augusto de. Camões. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

CATITA. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 out. 1882, n. 4, p. 4.

COSTA, Moriwald. Semper. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.

d' ALMEIDA, P. F. A visinha. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 2.

d' ALMEIDA, P. T. O tymbira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 3.

d' ALMEIDA, P. T. O lavrador. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 1.

d' ALMEIDA, P. T. Tua voz. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 3.

d' ALMEIDA, P. T. A tempestade. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 2.

d' ALMEIDA, P. T. A bonança. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, p. 3.

d' ALMEIDA, P. T. Innocencia. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 3.

d' ALMEIDA, P. T. Entre ruínas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.

d' ALMEIDA, P. T. A mendiga. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.

d' ALMEIDA, P. T. A flôr das lavadeiras. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

FIGUEIRA, Antonio. A laranjeira. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 abr. 1883, n. 13, p. 3.

FORTE, Aurelio. Sentimental. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, p. 3.

FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 3.

FORTE, Aurelio. Perfis. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 4.

J. M. M. À minha querida mãe. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 1.

- L. Colon. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 4.
- LENCASTRE, Emilio de. Uma lagrima. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 18 mar. 1883, n. 11, p. 4.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.
- MARYLANDICO [Paula Pires]. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 2.
- MATHIAS GUIMARÃES. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 out. 1882, n. 8, p. 4.
- MELLO, O. A. À beira mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p. 4.
- MELLO, Revocata H. de. O rosario d'ella. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 2.
- MONTEIRO, Julieta de M. Na chacara. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 1.
- MOREIRA DE VASCONCELLOS. A Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 3 dez. de 1882, n. 17, p. 2.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, p. 2.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.
- PIRES, Paula. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.
- S., Armando. A muda. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
- SU sorriso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, p. 2.
- VARZEA, Virgilio. À Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 4.
- VILLAS BÔAS, Aristides. Soneto. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 3.

14. GENETLÍACO:

- AOS TEUS anos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, p. 4.
- LOBO, E. Mimi. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, p. 2.

15. ODE:

- BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

16. BARCAROLA:

- LOBO DA COSTA, F. Barcarola. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 5 nov. 1882, n. 13, p. 2.
- MATHIAS GUIMARÃES. No mar. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 4.

17. DÍSTICOS:

- M. Pensamentos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 abr. 1883, n. 14, p. 3.

18. ANAGRAMA:

F. Anagrama. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

LISTA DE ANÚNCIOS

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, p. 4.

Descritores: anuncia o sarau dramático musical oferecido pelo violinista José Simões Jr. no Teatro Sete de Setembro.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 4, p. 4.

Descritores: anúncio do periódico *Corsário* avisando que suas publicações são às terças-feiras, às quintas-feiras e aos sábados.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.

Descritores: anúncio do jornal *Corsário*, publicação da Corte.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: anúncio da estréia, no *Teatro Polytheama*, da peça intitulada “Moços e Velhos”, de autoria de Rangel de Lima e protagonizada pelo ator cômico Domingos Machado.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, Expediente, p. 4.

Descritores: ocorrerá no *Teatro Sete de Setembro* grandioso sarau dramático musical, oferecido pelo violinista português José Simões Junior. Na mesma ocasião a *Soc. Culto ao Progresso* presta uma homenagem ao violinista.

A REDAÇÃO. Convida-se. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

Descritores: aviso à classe caixeiral, de uma reunião marcada para 24 de dezembro, às 5 h da tarde, no salão à rua D. Pedro II, por baixo do *Clube Saca-Rolhas*.

A REDAÇÃO. Convida-se. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.

Descritores: aviso à classe caixeiral para uma reunião no *Clube Literário Beneficente Luzo Brasileiro*, para ajudar o poeta Lobo da Costa.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 5, p. 4.

Descritores: o periódico *Corsário* faz propaganda nas páginas do *Arauto das Letras*, avisando que suas publicações ocorrem às terças-feiras, às quintas-feiras e aos sábados.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, p. 4.

Descritores: o periódico *Corsário* divulga a propaganda nas páginas do *Arauto das Letras*, avisando que suas publicações ocorrem às terças-feiras, às quintas-feiras e aos sábados.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: aviso da estréia no *Teatro Polytheama*, da peça intitulada *Moços e Velhos*, de autoria de Rangel de Lima, em benefício do cômico brasileiro Domingos Machado.

LISTA DAS GENERALIDADES

A REDAÇÃO. Programa. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Editorial, p. 1.

Descritores: texto que apresenta o jornal e o seu programa aos leitores.

FRANÇA JUNIOR. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Educação da mulher, p. 2.

Descritores: artigo que trata da importância da mulher na família e na sociedade, e da necessidade de fundar uma escola para ela.

REBOUÇAS, André. Elevae a mulher!. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.

Descritores: artigo que trata a respeito da condição feminina em alguns países.

G. BELLEGARDE. Logar a mulher! *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 2.

Descritores: artigo que fala da importância da educação para a mulher.

A REDAÇÃO. Palavras a leitora. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 3.

Descritores: artigo direcionado às leitoras, aconselhando-as a fugir da monotonia e ler versos.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Expediente, p. 3.

Descritores: avisos aos escritores que colaboram com o jornal.

A REDAÇÃO. Aviso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, p. 3.

Descritores: aviso pedindo às pessoas, que não têm intenção de assinar o jornal, que devolvam o exemplar.

A REDAÇÃO. Obrigado colegas. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Editorial, p. 1.

Descritores: artigo de agradecimento à imprensa local pela divulgação do *Arauto das Letras*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Expediente, p. 3.

Descritores: artigo; agradecimentos aos leitores e colaboradores.

A REDAÇÃO. Aviso. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, p. 3.

Descritores: aviso da cobrança do jornal.

O NOCTURNO. Chronica. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, p. 3.

Descritores: artigo; o autor se desculpa pela falta de assunto devido à ausência de acontecimentos na cidade de Pelotas.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Expediente, p. 3.

Descritores: avisos direcionados aos leitores e colaboradores.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, Expediente, p. 4.

Descritores: avisos; avisos que contêm pedidos de desculpas pelos erros tipográficos.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, Expediente, p. 4.

Descritores: aviso; avisos aos colaboradores informando que Severino Gonçalves deixa de fazer parte da gerência do jornal e que o escritório do jornal mudou-se para a rua Conde de Porto Alegre nº 160.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 01 out. 1882, n. 8, Expediente, p. 4.

Descritores: avisos; avisos que revelam o pseudônimo de Paolo de Morangis, como Ignácio Moreira, e comunicam o novo jornal rio-grandino *Luzitano*. Divulga que o escritório do *Arauto das Letras* passa a ser na rua Yatahy nº 69.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 08 out. 1882, n. 9, Expediente, p. 4.

Descritores: aviso que pede desculpas aos diversos autores que, por alguma razão, não tiveram seus textos publicados. Acusa o recebimento dos periódicos *Lábaro*, *Maruí*, *Luzitano* e *Tire-Bouchon*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 15 out. 1882, n. 10, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos enviados ao jornal.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 22 out. 1882, n. 11, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos à Biblioteca Pública Pelotense e aos leitores.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 29 out. 1882, n. 12, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos por receber exemplares dos diários *Primavera* e *Zé Povinho*.

A REDAÇÃO. Collegio “Amor ao Estudo”. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 05 nov. 1882, n. 13, p. 1.

Descritores: crônica; relata a visita feita pela redação do *Arauto das Letras* ao Colégio *Amor ao Estudo*, dirigido pelo colaborador Cypriano Porto Alegre.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 12 nov. 1882, n. 14, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos por poemas e retratos.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 19 nov. 1882, n. 15, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos aos poemas enviados por leitores; deseja sucesso ao periódico *Cruzada* de um grupo de estudantes da Escola Militar da Corte.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 10 dez. 1882, n. 18, Expediente, p. 4.

Descritores: agradece o recebimento do livro *Idylios e Versos*, de Praxedes da Costa, e a publicação na Corte da *Revista do Centro Literario*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 17 dez. 1882, n. 19, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimento por receber os jornais: *Echo Luzitano*, *Pampa* e *Corsário*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos a todos que enviaram poesias. Declara como falso o boato de que o periódico irá acabar em breve.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 jan. 1883, n. 1, p. 4.

Descritores: acusa o recebimento da *Revista Comemorativa*, em razão da inauguração do *Lyceu Artístico Industrial*, publicada na Corte pelo poeta Ernesto Senna.

A REDAÇÃO. Aos nossos assignantes. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 2, p. 4.

Descritores: pedido de desculpas pelo fato de o jornal ter sido distribuído na segunda-feira em razão de o impressor estar doente.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jan. 1883, n. 3, Expediente, p. 4.

Descritores: notícia a qual informa que Pedro B. Alves deixará de colaborar com o *Arauto das Letras*, devido à viagem para a capital do império. Além disso, a seção agradece ao escritor de S. José do Norte, identificado sob o pseudônimo *Camões*, pelo conto *Aventuras de um incógnito*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 21 jan. 1883, n. 4, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimentos pelas colaborações de Carlos Ferreira, Marieta, Armando S., Mathias Guimarães e Herculano Forte. Agradece também pelo recebimento do jornal porto-alegrense *Idéa*.

A REDAÇÃO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 28 jan. 1883, n. 4, Expediente, p. 4.

Descritores: agradecimento pelo recebimento da *Revista do centro Litterario*, do *Argonauta* e pelas publicações enviadas aos jornal.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 4 fev. 1883, n. 6, p. 4.

Descritores: A seção comunica recebeu uma carta de Santa Catarina avisando sobre a chegada em Rio Grande, no dia 8 de Fevereiro, da companhia dramática de Moreira de Vasconcellos. Dessa companhia faz parte a famosa atriz Julieta dos Santos.

ODORICO. Sem título. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 fev. 1883, n. 7, Expediente, p. 1.

Descritores: texto que elogia as festas de clubes carnavalescos como *Congo*, *Terríveis*, *Diogenes*, *Instrucção*, *Recreio* e o *Mascara Negra*.

A REDAÇÃO. Julieta dos Santos e Moreira de Vasconcellos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 1.

Descritores: texto que comunica a chegada da companhia dramática da qual fazem parte a “notável” atriz Julieta dos Santos e o autor Francisco Moreira de Vasconcellos.

CASTRO, Izidoro de. Julieta dos Santos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 1.

Descritores: texto que traz dados específicos a respeito de Julieta dos Santos.

SAINTE-BEUVE. O mulato. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 1.

Descritores: comentário a respeito da estréia da peça teatral no Teatro São Luiz.

A REDAÇÃO. Moreira de Vasconcellos. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 1.

Descritores: elogios feitos, por várias personalidades, ao dramaturgo Moreira de Vasconcellos.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 25 fev. 1883, n. 9, p. 4.

Descritores: aviso da partida do colaborador Luiz Monteiro da Silva Carvalho. Agradecimento por receber o livro *Libertação dos Escravos no Brasil*, de Arnizaut Furtado.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 11 mar. 1883, n. 10, p. 4.

Descritores: A seção agradece aos colaboradores pelos poemas enviados à redação; além disso, comunica que o Sr. Ibanez de Lara, pseudônimo de Frederico Bastos, irá estudar na Universidade de São Paulo.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 1 abr. 1883, n. 12, p. 4.

Descritores: acusa o recebimento das publicações *Revista Gabrielense*, sob direção de Fileto Ramos e Antonio Mercado; *Mocidade*, órgão da *Sociedade Fraternidade Juvenil*, de São José do Norte, e *Diabrete*.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 7 jun. 1883, n. 15, p. 4.

Descritores: a redação pede desculpas aos assinantes, pelo jornal não ter circulado durante o mês de maio, devido a problemas de saúde enfrentados pelo proprietário do *Arauto das Letras*.

A REDAÇÃO. Expediente. *Arauto das Letras*. Rio Grande, 14 jun. 1883, n. 16, p. 4.

Descritores: informa a chegada de Pinto Monteiro e de Pedro A. de Miranda, tabelião em Itaquí, à cidade de Rio Grande; acusa o recebimento da *Republica* e do *Vênus*.